



Fé, justiça e diálogo inter-religioso e intercultural

Alfredo Ferro

Uma aposta decidida pelo trabalho com os mais pobres e excluídos

Roberto Jaramillo

A missão de ser luz e sinal para os outros

Antônio de Abreu

O diálogo do pensamento cristão com o mundo

E mais:

>> Erwin Kräutler:
Belo Monte: uma
monstruosidade
apocalíptica

>> Congresso
Continental de Teologia:
projeto e convocação

Fé, justiça e diálogo inter-religioso e intercultural

O tema de capa da revista **IHU On-Line** desta semana é inspirado pela realização, aqui em São Leopoldo, RS, da reunião latino-americana dos coordenadores e diretores dos Centros Sociais da Companhia de Jesus.

Buscando entender melhor a inspiração destes centros sociais espalhados pela América Latina e o serviço que tentam prestar, entrevistamos alguns diretores e pesquisadores que neles atuam.

Assim, entrevistamos **Alfredo Ferro Medina**, colombiano, coordenador do setor do social da Conferência de Provinciais Jesuítas na América Latina - CPAL, com sede no Rio de Janeiro; **Antônio José Maria de Abreu**, economista, membro do CIAS-Ibrades (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento), de Brasília-DF; **João Inácio Wenzel**, coordenador do Centro Burnier Fé e Justiça, com sede em Cuiabá, Mato Grosso; **José Ivo Follmann**, vice-reitor da Unisinos, diretor de Assistência Social da Associação Antônio Vieira; **Mauricio García Durán**, diretor geral do CINEP (Centro de Investigación e Educación Popular) - Programa pela Paz, com sede em Bogotá, Colômbia; **Octavio Figueroa**, diretor do Centro de Estudios Sociales P. Juan Montalvo, de Santo Domingo, República Dominicana; **Roberto Jaramillo Bernal**, colombiano, antropólogo, superior dos jesuítas que atuam na Amazônia e membro do Serviço de Ação, Reflexão e Educação Social - SARES, de Manaus; **Thierry Linard de Guertechin**, demógrafo belga e diretor do CIAS/IBRADES (Centro de Investigação e Ação Social / Instituto Brasileiro de Desenvolvimento), com sede em Brasília; e a equipe do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - Cepat, de Curitiba-PR, **Cesar Sanson**, **André Langer** e **Darli de Fátima Sampaio**. **Pedro Miguel Lamet**, poeta, escritor, jornalista e jesuíta espanhol, completa esta série de entrevistas analisando a fundamental contribuição de Pedro Arrupe na releitura da missão da Companhia de Jesus, hoje: o serviço da fé, a promoção da justiça, o diálogo inter-religioso e cultural.

O Congresso Continental de Teologia, acontecerá em outubro de 2012, na Unisinos. Nesta edição reproduzimos o projeto e a convocação já publicados anteriormente nas **Notícias do Dia** da página do IHU.

Nesta semana estará na Unisinos, D. **Erwin Kräutler**, bispo de Altamira e presidente do Conselho Indigenista Missionário - CIMI. Uma instigante entrevista pode ser lida nesta edição.

Uma entrevista com o economista **Karl Widerquist**, professor da Universidade de Georgetown e o artigo "NOMIC 30 anos: O que vamos comemorar?" de **Gislene Moreira Gómez**, doutoranda em ciência política pela Flacso-México, e membro do Grupo Cepos, completam esta edição.

A todas a todos uma ótima semana e uma excelente leitura!

Expediente

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da **Revista IHU On-Line**: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (graziela@unisinos.br). Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br) e Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br). Revisão: Vanessa Alves (vanessaam@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patricia Fachin. Atualização diária do site: Inácio Neutzling, Greyce Vargas (greyceellen@unisinos.br), Rafaela Kley e Cássio de Almeida. **IHU On-Line** pode ser acessada às segundas-feiras, no site www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuonline@unisinos.br. Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: humanitas@unisinos.br - ramal 4121.



LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



Ministério
da Cultura



Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Alfredo Ferro: Uma aposta decidida pelo trabalho com os mais pobres e excluídos

PÁGINA 07 | Antônio de Abreu: O diálogo do pensamento cristão com o mundo

PÁGINA 12 | Thierry Linard de Guertechin: Ibrades e a formação social e política

PÁGINA 15 | Roberto Jaramillo: A missão de ser luz e sinal para os outros

PÁGINA 18 | Cesar Sanson, André Langer e Darli Sampaio: Uma visão mais conjunta da ação social jesuíta

PÁGINA 20 | José Ivo Follmann: “O Apostolado Social faz parte do DNA da Companhia de Jesus”

PÁGINA 24 | João Inácio Wenzel: O serviço da fé que busca a promoção da justiça e o diálogo com a sociedade

PÁGINA 27 | Mauricio García Durán: Diálogo cultural e inter-religioso, fundamentos para construir a justiça e a paz

PÁGINA 29 | Octavio Figueroa: Refletir e compartilhar para atuar no social

PÁGINA 30 | Pedro Lamet: Viver na fronteira dos pobres, nas praças dos descrentes, na fronteira dos últimos

B. Destaques da semana

» Entrevista da Semana

PÁGINA 35 | Karl Widerquist: Renda básica assegura a liberdade da indigência

PÁGINA 37 | Congresso Continental de Teologia: Projeto e convocação

» Coluna do Cepos

PÁGINA 40 | Gislene Moreira Gómez: NOMIC 30 anos: O que vamos comemorar?

» Destaques On-Line

PÁGINA 42 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Eventos

PÁGINA 48 | Dom Erwin Kräutler: Belo Monte: uma monstruosidade apocalíptica

» IHU Repórter

PÁGINA 54 | Idinei Zen



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

Uma aposta decidida pelo trabalho com os mais pobres e excluídos

Para o jesuíta Alfredo Ferro, coordenador do setor do apostolado social da Conferência de Provinciais Jesuítas na América Latina - CPAL, há claramente uma aposta decidida pelo trabalho com os mais pobres e excluídos e com uma clara consciência de trabalho em redes

POR GRAZIELA WOLFART

A concepção de trabalho social para os jesuítas do século XXI, na visão de Alfredo Ferro, é “visão e horizonte amplo, com um olhar crítico da sociedade e do modelo neoliberal imperante, onde é necessário que se dêem transformações significativas nos campos social, político, econômico e ambiental, respondendo ao ‘grito’ das grandes majorias por uma vida digna”. A declaração foi feita na entrevista que segue, concedida por e-mail à IHU On-Line, onde também afirmou que “talvez tenha sido no período do generalato do Pe. Arrupe que o apostolado social na Companhia de Jesus teve maior impulso e criatividade, devido às diversas iniciativas empreendidas e ao contexto que se vivia, como aos desafios que a realidade apresentava, onde tanto a sociedade como a Igreja (Concílio Vaticano II) sofriam grandes mudanças e onde certamente se ventilavam ares revolucionários”.

Alfredo Ferro Medina, padre jesuíta, colombiano, é delegado e coordenador do setor do apostolado social da Conferência de Provinciais Jesuítas na América Latina - CPAL, com sede no Rio de Janeiro. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como o senhor avalia o trabalho social dos jesuítas na América Latina desde a criação dos CIAS até os dias atuais? O que mais mudou ao longo desta trajetória?

Alfredo Ferro - Difícil responder a esta pergunta em poucas linhas, pois são 60 anos. No entanto, poderia dizer que talvez tenha sido no período do generalato do Pe. Arrupe¹, que o apostolado social

na Companhia de Jesus teve maior impulso e criatividade, devido às diversas iniciativas empreendidas e ao contexto que se vivia, como aos desafios que a realidade apresentava, onde tanto a sociedade como a Igreja (Concílio Vaticano II) sofriam grandes mudanças e onde certamente se ventilavam ares revolucionários. O 4º decreto da Congregação Geral número 32, do ano de 1975, marcou a Companhia ao definir a missão institucional como: serviço da fé e promoção da justiça. Dentro desta perspectiva, o Pe. Arrupe confirmou e animou aos CIAS (Centros de Investigação e Ação Social) e posteriormente eles foram confirmados e apoiados pelo governo geral do Pe. Kolvenbach², mediante o estímulo que foi

com os noviços à cidade resgatar os sobreviventes, entre outros atos heróicos. Em seguida foi eleito provincial do Japão e, em 1963, Superior Geral da Companhia de Jesus, posto que ocupou até 1983. (Nota da IHU On-Line)

² Peter-Hans Kolvenbach: ex-superior geral da Companhia de Jesus, nascido em Druten, Holanda. Sua formação inicial se deu no co-

légio Pedro Canísio de Nimega, Holanda, e a entrada na Companhia de Jesus foi no ano de 1948. Dez anos depois, em setembro de 1958, Kolvenbach deixou sua terra com o primeiro grupo de jesuítas holandeses enviados para o Líbano, onde estudou teologia na Universidade Saint-Joseph de Beirute. Foi ordenado sacerdote em 1961. Ensinou inicialmente filosofia, depois lingüística geral e armênio na mesma universidade onde se graduou. Em 1974, foi eleito provincial da vice-província do Oriente Próximo, que inclui as comunidades jesuítas do Líbano, da Síria e do Egito. Kolvenbach ficou lá até 1981, quando padre Arrupe, então superior geral da Companhia de Jesus, o chamou a Roma para ser reitor do Pontifício Instituto Oriental. Na 33ª Congregação Geral, em 13-09-1983, Kolvenbach foi eleito superior geral da Companhia de Jesus. De índole ascética e espiritual, padre Kolvenbach manteve na direção da Ordem um perfil reservado e de diálogo, buscando soluções não-traumáticas às controvérsias. Kolvenbach esteve na Unisinos por ocasião do Seminário Internacional A Globalização e os Jesuítas, que aconteceu na Unisinos de 25 a 28 de setembro de 2006, e do qual foi o conferencista de abertura falando sobre As origens universais da Companhia de Jesus. Possibilidades e desafios para a contemporaneidade. A respeito do tema concedeu entrevista à IHU On-Line edição 196, de 18-

dado ao Secretariado de Justiça Social por Roma, que acompanhou e animou o processo destes centros sociais e em geral da ação social da Companhia. Nestes anos mudaram muitas coisas. Talvez o mais significativo tenha sido o compromisso que a Companhia assumiu, por inspiração também do Pe. Arrupe, com o Serviço Jesuíta aos Refugiados - SJR³, que atende não só a refugiados, como também a deslocados internos e migrantes e que está presente em todos os continentes, sendo hoje uma das ações prioritárias não só do apostolado social, como de todo o corpo da Companhia Universal.

IHU On-Line - Como o trabalho da CPAL se enquadra na proposta dos CIAS?

Alfredo Ferro - Creio que hoje não poderíamos falar propriamente de CIAS. No atual contexto latino-americano e da Companhia de Jesus na América Latina e no Caribe falamos de centros sociais, já que esses CIAS iniciais foram adquirindo, em cada país, características diferentes e, por isso mesmo, mudaram de nome. Reconhecendo as diferenças e as particularidades, eu diria que os centros sociais atuais têm quatro características fundamentais em suas práticas: 1-. Reflexão e pesquisa 2-. Formação e capacitação 3-. Ação social e 4-. Incidência política. Corresponde à CPAL e concretamente à coordenação do setor social: animar, dinamizar, criar sinergias, impulsionar projetos e acompanhar as ações dos quase 40 centros sociais que temos. No entanto, mais que ao setor social da CPAL propriamente, tal responsabilidade é do corpo da Companhia e dos superiores maiores que devem impulsionar em cada província o fortalecimento e consolidação dos centros sociais.

IHU On-Line - Quais os principais desafios que a sociedade contemporânea

09-2006, inaugurando a nova página eletrônica do IHU, que entrou em funcionamento em 16-09-2006. (Nota da IHU On-Line)

3 O Serviço Jesuíta para Refugiados (Jesuit Refugee Service) é uma organização humanitária e internacional católica, fundada em 1980 pelo Padre Pedro Arrupe, Superior Geral dos Jesuítas na época. Desde então, tem servido, acompanhado e defendido os direitos dos refugiados e deslocados, e hoje, o faz em cerca de 70 países. Mais informações podem ser obtidas no site oficial www.jrs.net (Nota da IHU On-Line)

“Nosso sonho é construir desde o local e com uma perspectiva regional e global, uma sociedade diferente”

nea aponta para o setor do Apostolado Social da Companhia de Jesus tendo em mente a sua missão?

Alfredo Ferro - São muitos os desafios que nos são apresentados. No entanto, menciono alguns dos quais apareceram na última reunião em Roma, no mês de abril, dos delegados ou coordenadores sociais dos continentes ou conferências de provinciais, onde estive presente e que seriam fundamentalmente os seguintes:

1-. Gerar sentido de corpo, envolvendo mais aos jovens jesuítas para responder adequadamente aos desafios que o mundo e nossa sociedade atual nos apresentam. Isso requer preparar e capacitar as gerações jovens para este tipo de apostolado ou serviço, e assim nos interrogar pelas razões ou causas pelas quais não chama muito a atenção de alguns desses jovens se vincular ao trabalho dos centros sociais.

2-. Conseguir um equilíbrio adequado entre o acompanhamento aos pobres e excluídos da sociedade, a incidência ou “advocacy”⁴ e a reflexão-investigação.

3-. Construir vínculos inter-setoriais e articulações entre nossas obras, em especial do setor social com as universidades.

4-. Seguir clarificando nosso compromisso pelo ecológico. Como tema e problemática central do mundo de hoje que nos impõe e com o apelo da última Congregação Geral 35, que nos

4 A noção de Advocacy aponta para uma ação coletiva, política, pública e embasada em valores e racionalidades. O termo inglês ainda não conquistou uma tradução própria na língua portuguesa. Diz respeito a uma ação de Advocacia e Defesa em um sentido público, e não em um sentido privado e comercializado. Um sentido público, no entanto, que emerge no âmbito da sociedade civil organizada e não do Estado. (Nota da IHU On-Line)

convida à reconciliação com a criação, se pediu ao secretariado de justiça social em Roma que assuma essa responsabilidade desenvolvendo um trabalho a este nível, o que de outra maneira se reflita em seu novo nome: “Secretariado de justiça social e ecologia”.

IHU On-Line - Que exemplos de iniciativas sociais o senhor poderia citar que contribuam com o trabalho social dos jesuítas no sentido de promover o diálogo cultural e inter-religioso?

Alfredo Ferro - Poderia enumerar quatro tipos de iniciativa que me ocorrem neste momento, ainda que saibamos que há várias e que não se restringem ao que chamamos de apostolado social. São iniciativas que têm a ver com o trabalho da Companhia em geral. A primeira é o trabalho que as universidades fazem no campo da pesquisa, da docência, da reflexão e do diálogo cultural, especialmente em alguns institutos que têm sido criados para isso. A segunda, os centros de “Fé e Cultura”, que agrupados em uma rede, estão presentes na maioria dos países e diretamente assumem estas temáticas. Terceiro, o trabalho de uma centena de jesuítas na América Latina, que vivem em meio de comunidades, territórios e povos indígenas, onde com um grande esforço lutam por encarnar-se e dialogam com as chamadas culturas originárias, tentando desenvolver propostas desde as mesmas culturas. E como quarta, apontaria outro tipo de diálogo, que é o que têm feito os jesuítas latino-americanos, destinados ao que se chamava anteriormente de “terras de missão”, que neste caso são principalmente alguns países da África e da China, lugares desde os quais realizam um trabalho de “evangelização” em meio de culturas diferentes.

IHU On-Line - Como o senhor descreve a concepção de trabalho social para os jesuítas do século XXI?

Alfredo Ferro - Visão e horizonte amplo, com um olhar crítico da sociedade e do modelo neoliberal imperante, onde é necessário que se dêem transformações significativas nos campos social, político, econômico e ambiental, respondendo ao “grito” das grandes maiorias por uma

“No atual contexto latino-americano e da Companhia de Jesus na América Latina e no Caribe falamos de centros sociais, já que esses CIAS iniciais foram adquirindo, em cada país, características diferentes e, por isso mesmo, mudaram de nome”

vida digna. Há claramente uma aposta decidida pelo trabalho com os mais pobres e excluídos e com uma clara consciência de trabalho em redes, que nos permita, por outro lado, impactar e incidir onde se tomam as decisões. De alguma maneira, essa concepção se confirma em uma das prioridades da CPAL em seu Plano Apostólico Comum (PAC), que os superiores provinciais de cada uma das regiões e províncias definiram recentemente no mês de maio na Assembléia da Guatemala como: “Proximidade e compromisso com quem vive nas fronteiras da exclusão”, o que significa atender preferencialmente aos migrantes, indígenas, vítimas da violência e outras populações vulneráveis, mediante a presença próxima, a reflexão e a incidência.

BAÚ DA IHU ON-LINE

A IHU On-Line já publicou outras edições sobre os jesuítas. Confira:

* *Jesuítas e a América Latina*, edição número 25, de 08-07-2002, disponível em <http://migre.me/10ZAq>

* *Jesuítas. Quem são?*, edição número 186, de 26-06-2006, disponível em <http://migre.me/10ZAC>

* *A Globalização e os Jesuítas*, edição número 196, de 18-09-2006, disponível em <http://migre.me/10ZBo>

O diálogo do pensamento cristão com o mundo

Antônio de Abreu relata aspectos da história do CIAS-Ibrades, lembrando que ele nasceu “no serviço à Igreja”, mas acabou se tornando um serviço da Igreja à sociedade

POR GRAZIELA WOLFART

“**P**ara nós, é animador e esperançoso que a Companhia (...) revele sensibilidade para o novo no campo social, que se amplia para além da pauta sócio-econômica hegemônica nos CIAS quando surgiram: a questão da diversidade que enriquece a igualdade (e liberdade) fundamentais desejadas e criam condição para mais solidariedade, a do cuidado que aperfeiçoa a justiça estrita, a superação de preconceitos - do machismo e racismo. A descoberta da dimensão dialogal da missão dos CIAS (...) deveria desabrochar no repensamento constante de nossas frentes de ação. É um desafio”. E quem apresenta esse desafio é o padre jesuíta Antônio Abreu, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Ele entende que “tanto o diálogo quanto a crítica se têm que munir com a reflexão e conhecimento da realidade, do processo histórico, e ser iluminados pelo que o seguimento de Jesus Cristo nos revela sobre o mundo e a nova humanidade que Ele instaura”. Para Antônio de Abreu, que também é economista, “certamente uma forma de gestão econômica que privilegia o lucro como fim e a hegemonia do capital financeiro sobre o atendimento às necessidades humanas na esfera real da produção, liminarmente não corresponde ao que desejamos como ambiente para a igualdade, liberdade e fraternidade”. E destaca: “a experiência da vida religiosa sugere (...) que não é tão simples ter - pessoal e comunitariamente - coração de pobre, dispondo de meios ricos de trabalho e convivendo com o discreto charme da gente “de bem”.

Antônio José Maria de Abreu é superior no CIAS-Ibrades (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento), de Brasília-DF, onde também é pesquisador e professor. É mestre em Economia pela University of Michigan e licenciado em Teologia pela Universidade de Innsbruck. Coordena a biblioteca do CIAS e escreve a história da casa. É coordenador de ministérios em meio popular. Confira a entrevista.

IHU On-Line - O senhor pode nos contar os principais pontos da história do Ibrades?

Antonio Abreu - Refugiados do nazismo no Chile, jesuítas franceses e belgas fundaram em Santiago o ILADES¹, pensado como centro de for-

mação de agentes de transformação social na América Latina, à luz da fé cristã. Uma das atividades principais do ILADES era o curso de um ano. Uma das conclusões mais evidentes sobre a América Latina no ILADES foi sua diversidade. De forma especial, o Brasil era diferente da Hispano-Amé-

¹ ILADES: Instituto Latino-Americano de Desenvolvimento. (Nota da IHU On-Line)

rica. Daí, bispos brasileiros e jesuítas ligados ao ILADES (Pierre Bigo) ou à formação social no Brasil (Pedro Velloso²) desejaram um Centro para o Brasil tal como era o ILADES para a América Latina. Dom Hélder³ inventa o nome “IBRADES” para abreviar o nome descritivo que se dava ao ente a se fundar. Na fundação, não se discutiu o nome já usado pelos interessados. Em 1968, o IBRADES começou a existir por convênio entre a CNBB⁴ e a CRB⁵, representadas pelas presidências, e a Companhia de Jesus no Brasil representada pelo presidente da CPJB (Conferência dos Provinciais Jesuítas do Brasil), na época o provincial do Nordeste. O CIAS já existente assumia o serviço à Igreja de “operar” o IBRADES. Em 1971 a Assembléia Geral da CNBB ratificava o acordo feito pela presidência; decisão importante considerando a invasão do Ibrades pela Polícia do Exército, em outubro de 1970. O IBRADES nasceu no “serviço à Igreja”. Ao longo de sua his-

“A justiça socioeconômica e de direitos iguais continuava importante, mas se completava por uma nova ética do cuidado”

tória, pela própria evolução da Igreja, da realidade nacional e das demandas que nos chegavam, foi-se tornando um serviço da Igreja à sociedade. O chamado “curso longo”, de início adaptou aquele do ILADES ao Brasil, uma terça musical abaixo na pauta acadêmica e acima na pastoral. A duração do curso, atendendo às demandas, passou de um ano (1969 a 1972) a quatro meses (a partir de 1973). Quando se encerrou no Rio, em 1996, era de pouco mais de três meses. Ao lado do “curso longo”, surgem, a partir de 1973, cursos breves (“mini-IBRADES”) nas dioceses, regionais, congregações, grupos de ação social que nos convidavam. Os cursos breves adaptavam seus conteúdos aos pedidos de quem os solicitava. Interagiam com o curso longo: deles surgiam candidatos àquele; ex-alunos do curso longo promoviam “mini-IBRADES”. A dinâmica evoluiu (nos breves de forma mais ágil e experimental) de cursos informativos para cada vez mais integrar elementos formativos. Conteúdos originalmente de introdução às Ciências Sociais e à formação sócio-econômica do Brasil, foram incorporando crescentemente temas mundividenciais (pensamento social cristão, Teologia, Filosofia) e de reflexão sobre a prática (“Pastoral Social”, trocas de experiências). O público alvo, hegemonicamente de “gente de Igreja” (padres, religiosas e religiosos, MEB⁶, SAR⁷, ações sociais diocesanas) evoluiu para pessoas atuantes fora do âmbito estritamente eclesial (e eclesial), ainda que a maioria comprometida a partir da fé e da formação da Igreja. A dimensão ecumênica foi sempre de-

sejada, mas talvez menos presente do que desejaríamos.

IHU On-Line - Como foi o episódio de quando o IBRADES foi invadido pela Polícia do Exército?

Antonio Abreu - Na segunda turma, em 1970, havia quatro alunos vindos da JOC (Juventude Operária Católica) ou ligados a ela. Ora, o Coronel Supupira foi incumbido pelos órgãos de inteligência, de investigar e monitorar os movimentos da Ação Popular⁸, organização surgida pela radicalização de jucistas (Juventude Universitária Católica). Imbuído inconscientemente de marxismo vulgar mecânico, o Coronel decidiu que juventude acadêmica não é revolucionária e sim a juventude trabalhadora; “o perigo” era a JOC. Descobriu nossos quatro alunos fazendo juntos este curso. Creu, então, ter detectado em suas palavras, “a célula *mater* da subversão católica no Brasil”; avaliação exagerada. Supupira chamou o dia 7 de outubro de 1970: “a segunda batalha de Lepanto⁹, em que as armas do Ocidente cristão mais uma vez debelaram a infiltração insidiosa e solerte vinda do Leste”. Nesse dia, algumas dezenas de homens da Polícia do Exército entraram no prédio da Bambina 115¹⁰ - cercado inclusive nos terrenos dos vizinhos - e revistaram a casa. Quem foi encontrado no prédio foi tratado hostilmente, na velha lógica colonial de que todo súdito tem culpa no cartório até que se prove inocente. Coisas da casa foram pilhadas ou destruídas com descaso. Entre

8 A Ação Popular (AP) foi um movimento político nascido em junho de 1962, a partir de um congresso em Belo Horizonte, resultado da atuação dos militantes estudantes da Juventude Universitária Católica (JUC) e de outras agremiações da Ação Católica. A partir de seu segundo congresso, realizado em Salvador, a AP decidiu-se pelo “socialismo humanista”, buscando inspiração ideológica em Emmanuel Mounier, Teilhard de Chardin, Jacques Maritain e Padre Lebrete. Teve uma vertente protestante, cujo representante mais conhecido foi Paulo Stuart Wright, assassinado pela ditadura militar. (Nota da IHU On-Line)

9 Na Batalha Naval de Lepanto, uma esquadra da Liga Santa (República de Veneza, Reino de Espanha, Cavaleiros de Malta e Estados Pontifícios), sob o comando de João da Áustria, venceu o Império Otomano, no dia 7 de Outubro de 1571, ao largo de Lepanto, na Grécia. Esta batalha representou o fim da expansão islâmica no Mediterrâneo. (Nota da IHU On-Line)

10 No Rio de Janeiro, bairro do Botafogo. (Nota da IHU On-Line)

2 Pe. Pedro Belisário Velloso Rebello S.J.: Carioca, foi o terceiro reitor da PUC-Rio. Foi engenheiro durante cerca de dez anos antes de se tornar jesuíta. Havia sido o braço direito do Pe. Leonel Franca, primeiro reitor, como seu secretário geral. Foi ele quem, já como reitor, promoveu a campanha para a arrecadação de fundos a fim de construir o campus na Gávea, completando-se a construção e transferência da Universidade em 1955, a inauguração sendo feita durante o Congresso Eucarístico Internacional. (Nota da IHU On-Line)

3 Dom Hélder Câmara (1909-1999): arcebispo lembrado na história da Igreja Católica no Brasil e no mundo como um grande defensor da paz e da justiça. Foi ordenado sacerdote aos 22 anos de idade, em 1931. Aos 55 anos, foi nomeado arcebispo de Olinda e Recife. Assumiu a Arquidiocese em 12-03-1964, permanecendo neste cargo durante 20 anos. Na época em que tomou posse como arcebispo em Pernambuco, o Brasil encontrava-se em pleno domínio da ditadura militar. Paralelamente às atividades religiosas, criou projetos e organizações pastorais, destinadas a atender às comunidades do Nordeste, que viviam em situação de miséria. Dedicamos a editoria Memória da IHU On-Line número 125, de 29-11-2005, a Dom Hélder Câmara, publicando o artigo *Hélder Câmara: cartas do Concílio*. Na edição 157, de 26-09-2005, publicamos a entrevista *O Concílio, Dom Hélder e a Igreja no Brasil*, realizada com Ernanne Pinheiro, que pode ser lida em <http://migre.me/KtGO>. Confira, ainda, a editoria Filme da Semana da edição 227 da IHU On-Line, 09-06-2007, que comenta o documentário *Dom Hélder Câmara - o santo rebelde*. O material pode ser acessado em <http://migre.me/KtIb>. (Nota da IHU On-Line)

4 CNBB: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. (Nota da IHU On-Line)

5 CRB: Conferência dos Religiosos do Brasil. (Nota da IHU On-Line)

6 MEB: Movimento de Educação de Base. (Nota da IHU On-Line)

7 SAR: Serviço de Assistência Rural. (Nota da IHU On-Line)

outras presas, levaram as matrizes mimeográficas da palestra que P. Ávila¹¹, a convite do general (quatro estrelas) Antonio Murici, haveria de fazer na Escola Superior de Guerra dias depois. Seriam em breve policopiadas às centenas em mimeógrafos militares se não tivessem sido levadas. Maços de números do Pravda¹² recebidos por um jesuíta que lia russo foram descartados porque, como explicou um suboficial que “conhecia as letras, o alfabeto”: “não interessam, isso é grego”. O mais terrível da operação foi precisamente esta mistura de brutalidade e incompetência.

Dignidade da Igreja

O Irmão Caiuby, ecônomo da Província, conseguiu telefonar ao reitor da PUC e à CNBB. O governo provincial era em nosso prédio, no 4º andar. O telefone do Economato não constava na lista pública da TELERJ; não foi controlado. Os quatro alunos ligados à JOC foram presos. A cearense Irony, única mulher, casada com um líder operário católico carioca (hoje ambos falecidos), grávida, deu à luz na prisão à la Felicidade de Cartago. Outros alunos, ameaçados pelas investigações, se refugiaram no exílio. Foi aberto um Inquérito Policial Militar. A presidência da CNBB convocou a Comissão Episcopal de Pastoral e os cardeais para reunião de emergência. Dom Vicente Scherer¹³ (que não se pode chamar de progressista) defendeu a resistência à intrusão governamental militar: questão de dignidade da Igreja não aceitar intervenção drástica e sem fundamento claro, em organismo da

11 Fernando de Bastos de Ávila: membro da Academia Brasileira de Letras, autor, entre muitos outros livros, de *A alma de um padre. Testemunho de uma vida* (Bauru: EDUSC, 2005). (Nota da IHU On-Line).

12 Pravda: foi o principal jornal da União Soviética e o órgão oficial do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética entre 1918 e 1991. O jornal ainda existe e está em circulação na Rússia, mas ficou mais conhecido nos países ocidentais por seus pronunciamentos durante o período da Guerra Fria. (Nota da IHU On-Line)

13 Dom Vicente Scherer (1903-1996): cardeal brasileiro. Dom Vicente Scherer, nascido em Bom Princípio - RS, foi ordenado padre em 1926, em Porto Alegre. Recebeu a ordenação episcopal em fevereiro de 1947. Entre os anos de 1946 e 1981, foi arcebispo de Porto Alegre. (Nota da IHU On-Line)

“Para nós, é animador e esperançoso que a Companhia, em suas orientações das Congregações Gerais, revele sensibilidade para o novo no campo social”

CNBB. A firmeza de Scherer queimou os navios de quem pensava “minimizar o lamentável incidente”. Sua identificação e solidariedade objetivas conosco em parte compensavam a atitude de jesuítas bem pensantes, afetiva e efetivamente identificados com a elite sócio-econômica e suspeitosos e hostis para com o IBRADES. O Inquérito Policial Militar deu em nada, até porque alguns quatro-estrelas que desejavam suceder a Médici¹⁴ viam que valia a pena cortejar a Igreja e se interpuseram para “esvaziar o affair”.

IHU On-Line - O que de mais significativo o senhor aprendeu com o padre Fernando Bastos d'Ávila? Qual foi seu principal papel?

Antonio Abreu - O P. Ávila vivia de sua maneira pessoal uma atitude tensional de que Santo Inácio é exemplo: a fidelidade carinhosa à Igreja hierárquica junta com a evangélica liberdade de crítica. Inclusive era estranhado por jesuítas que entendiam o contato com o episcopado como assunto de “relações públicas” curiais, algo como a postura correta e funcional de empresa bem gerida, ante fornecedores e poder público. Ávila ter conhecido Ivo Lorscheiter¹⁵ em Roma e criado com

14 Emilio Garrastazu Médici (1905-1985): militar e político brasileiro. Exerceu as funções de adido militar em Washington e de chefe do Serviço Nacional de Informações - SNI. Vagando-se a presidência da República (1969), em consequência de enfermidade do presidente Costa e Silva, foi designado pelos militares para ser o ditador de turno, com mandato até 1974. (Nota da IHU On-Line)

15 Dom Ivo Lorscheiter (1927-2007): Foi bispo de Santa Maria, RS. Dom Ivo presidiu a CNBB durante o Regime Militar Brasileiro. Sem-

ele relação de mútua estima, ajudou para o papel junto à CNBB, de assessoria, sobretudo através das análises de conjuntura. Eram tempos em que os bispos sentiam necessidade de entender o processo da realidade nacional, para discernirem pastoralmente.

IHU On-Line - Como o IBRADES tem guiado suas ações hoje conciliando a proposta dos CIAS e a missão da Companhia de Jesus, com a realidade social, cultural e religiosa contemporânea?

Antonio Abreu - Além dos cursos, das análises de conjuntura e das assessorias, serviços do IBRADES, o CIAS no Rio de Janeiro (Centro João XXIII) promoveu seminários, jornadas, mesas redondas e encontros para ser espaço de diálogo do pensamento cristão com o mundo social e cultural de hoje. Procurava reunir não só várias disciplinas acadêmicas, mas - não raro - gente da prática com a do estudo. A receptividade e interesse pela nossa ação foram, em geral, maiores na Igreja e na sociedade em geral que na Companhia, ao menos na Província do Brasil Centro-Leste. É provável que isto venha em parte de não conseguirmos acertar as melodias e os compassos adequados para animar os coirmãos. Hoje sentimos mais abertura para a contribuição que poderíamos dar, mas não dispomos mais dos recursos humanos e materiais das décadas passadas. Para nós, é animador e esperançoso que a Companhia, em suas orientações das Congregações Gerais, revele sensibilidade para o novo no campo social, que se amplia para além da pauta sócio-econômica hegemônica nos CIAS quando surgiram: a questão da diversidade que enriquece a igualdade (e liberdade) fundamentais desejadas e criam condição para mais solidariedade, a do cuidado que aperfeiçoa a justiça estrita, a superação de preconceitos - do machismo e racismo. A descoberta da dimensão dialogal da missão dos CIAS,

pre apoiou, decididamente, os lutadores pelos direitos humanos e os teólogos da libertação. No sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) pode ser acessada a entrevista *A igreja e os meios de comunicação social*, com Dom Ivo. A entrevista foi realizada por Alexandre Tremarin e Herton Carvalho, ex-bolsistas de Iniciação Científica do Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes, no dia 9-12-2005 e republicada em 5-3-2007 (<http://migre.me/11Vih>). No sítio, também podem ser conferidas notícias sobre Dom Ivo Lorscheiter. (Nota da IHU On-Line)

iniciada no Rio de Janeiro, deveria desabrochar no repensamento constante de nossas frentes de ação. É um desafio.

IHU On-Line - Como a missão da Companhia de Jesus e o trabalho dos CIAS no sentido de promover a justiça social se relacionam com a forma como a economia mundial está sendo conduzida? Não há uma contradição entre o capitalismo (na forma como o conhecemos) e a promoção da justiça social?

Antonio Abreu - As nossas diversas ferramentas combinam diálogo e crítica. Tanto o diálogo quanto a crítica se têm que munir com a reflexão e conhecimento da realidade, do processo histórico, e ser iluminados pelo que o seguimento de Jesus Cristo nos revela sobre o mundo e a nova humanidade que Ele instaura. A fé, como tal, não indica os rumos concretos que a organização do “outro mundo possível” deve tomar. Podemos supor fundadamente que estes rumos serão diversos, matizados, conforme as realidades históricas, geográficas, étnicas. Mas certamente uma forma de gestão econômica que privilegia o lucro como fim e a hegemonia do capital financeiro sobre o atendimento às necessidades humanas na esfera real da produção, liminarmente não corresponde ao que desejamos como ambiente para a igualdade, liberdade e fraternidade. O desafio é como descobrir passos, viáveis e seguros, que permitam alternativas eficazes e realistas na linha do que desejamos; ao mesmo tempo em que gerem bens e serviços e moldem, de forma nova, as relações entre as pessoas e grupos. Intuo que mais do que a análise crítica dos mecanismos de opressão - sem a deixar de lado - na missão dos CIAS, deve crescer a animação refletida de estruturas e métodos realistas, eficientes, capazes de se manter e se reproduzir para gerar o novo; que nos tornemos - sem deixar a penosa tarefa teórica - canteiros de trocas de experiência e de avaliação delas. Na crítica que deve ser feita ao capitalismo temos de nos acautelar com o vírus fariseu (ou maniqueu?) na tradição católica, de descobrir o “intrinsecamente mau” no Outro - do Islã à Reforma, do socialismo marxista ao

“As nossas diversas ferramentas combinam diálogo e crítica. Tanto o diálogo quanto a crítica se têm que munir com a reflexão e conhecimento da realidade, do processo histórico, e ser iluminados pelo que o seguimento de Jesus Cristo nos revela sobre o mundo e a nova humanidade que Ele instaura”

capitalismo financeirizado. O “vírus”, entre outras coisas, dispensa argumentos objetivos e racionais e o diálogo franco, mesmo com os companheiros e aliados; divergências na compreensão dos mecanismos concretos da realidade se reduzem a um torneio de condenações adjetivas ao “mal-em-si”; a lucidez não conta ponto. Tal postura, em geral, se associa com arrogância e etnocentrismo e é o contrário de semente do mundo novo.

IHU On-Line - Como compreender a promoção da justiça social considerando que as instituições de ensino jesuíticas são, em sua maioria, pagas?

Antonio Abreu - Pois é, excelente pergunta. O P. Luis da Grã, segundo provincial jesuíta do Brasil, é exemplo de resposta radical. Nas congregações provinciais do século XVI ele e Nóbrega¹⁶ - fraternalmente movidos pelo

¹⁶ Manuel da Nóbrega (1517-1570): Padre jesuíta português, responsável da primeira missão jesuítica à América, cujas cartas que enviava para sua ordem servem como documentos históricos sobre o Brasil colonial e a ação jesuítica no século XVI. (Nota da IHU On-Line)

mesmo Espírito - se enfrentam a respeito. Da Grã julgava que no Brasil a Companhia não devia ter escolas para filhos dos colonos. (Mas assim, não teria sido expulsa mais cedo?). Da Grã raciocinava assim:

- ou os colégios são pagos: priorizamos a educação das famílias que podem pagar;

- ou somos subsidiados por El-Rei em Lisboa: dependemos dos provedores da fazenda real no Brasil, de seus interesses e amizades;

- ou El-Rei nos concede terras para “fundar” os colégios: vamos ter de administrá-las e ter escravos para operá-las.

Nóbrega acreditava que o bem que se podia fazer nos colégios compensava os riscos e problemas da solução a se encontrar. Para ele, era decisivo que nós, jesuítas, vivêssemos os Exercícios, tivéssemos coração (pessoal e comunitário) de pobre. No século XVIII, às vésperas da supressão¹⁷, o Colégio do Morro do Castelo, no Rio de Janeiro, tinha a fazenda - primorosamente administrada - da Santíssima Cruz do Senhor Jesus, hoje o subúrbio de Santa Cruz. Graças ao trabalho dos negros em Santa Cruz, podia estudar de graça no Morro do Castelo o menino pobre, talentoso e esforçado, filho do padeiro - português. A contradição não é fácil de se administrar. A experiência da vida religiosa sugere (com todo respeito e carinho que Nóbrega merece), que não é tão simples ter - pessoal e comunitariamente - coração de pobre, dispondo de meios ricos de trabalho e convivendo com o discreto charme da gente “de bem”.

IHU On-Line - Como o senhor caracteriza o contexto econômico e social mundial da época da criação dos CIAS, que justificam seu surgimento?

¹⁷ A Supressão dos Jesuítas em Portugal, na França, nas Duas Sicílias, em Parma e no Império Espanhol em 1767 foi resultado de uma série de movimentos políticos, em vez de uma controvérsia teológica. Na bula papal Dominus ac Redemptor (21 de julho de 1773), o Papa Clemente XIV suprimiu a Companhia de Jesus. No entanto, em países não-católicos, principalmente na Prússia e na Rússia, onde a autoridade papal não era reconhecida, a ordem foi ignorada. Coube ao Papa Pio VII a restauração da Companhia de Jesus em 1814 pela encíclica Sollicitudo omnium ecclesiarum. Sobre o tema confira a entrevista com Luiz Fernando Rodrigues, disponível no endereço <http://migre.me/11VyK> (Nota da IHU On-Line)

O que mais mudou de lá para cá?

Antonio Abreu - Os anos do surgimento dos CIAS são de reconstrução da Europa e de independências no Terceiro Mundo. A renovação bíblica, patrística e litúrgica, que vai desabrochar e se generalizar no Vaticano II¹⁸, exatamente por sua eclesiológia renovada, começa a germinar em nova postura da Igreja frente ao mundo. O sucesso da ajuda internacional na reconstrução e a “descoberta” (pelos cristãos de vanguarda) das desigualdades existentes no mundo suscitam a meta de se ajudarem os povos “atrasados” a superarem o “subdesenvolvimento”. A imagem ainda é a de que estes países estão para aqueles industrializados, como o poldro para o cavalo, num estágio “anterior” da evolução comum. Décadas mais tarde fica claro que a relação é mais como a do jumento para o cavalo: espécie parecida, mas outra. Não deixa de existir também em muitas cabeças eclesiológicas o desejo de uma resposta positiva ao avanço do comunismo, que se expande não só pelas armas russas. Pessoalmente, tenho uma experiência traumática com um superior da Companhia - “anticomunista positivo” animado e transparente - de sua insensibilidade (bem intencionada) para com a diversidade de nossos povos e a necessidade de reflexão

18 Concílio Vaticano II: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano. O IHU promoveu, de 11 de agosto a 11-11-2005, o Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II - marcos, trajetórias e perspectivas. Confira, também, a edição 157 da IHU On-Line, de 26-09-2005, intitulada *Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea? Gaudium et Spes: 40 anos*, disponível para download na página eletrônica do IHU, <http://migre.me/KtJn>. Ainda sobre o tema, a IHU On-Line produziu a edição 297, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, disponível no link <http://migre.me/KtJE>. (Nota da IHU On-Line)

autônoma a respeito de nossas realidades. O P. Geral Janssens¹⁹ havia enviado um visitador para animar o trabalho social nas províncias da América Latina. Foi avisado que ele entrevistaria jovens jesuítas voluntários para o trabalho social. Eu, no-voço, sonhava com realizar a paixão de meu pai pela dignidade humana, iluminado pela fé de minha mãe no amor de Deus. Conversava com um companheiro, paulistano, advogado e ex-jucista (que depois deixou a Companhia), sobre um serviço novo na PUC-Rio ou na FEI²⁰, para formar cristãos a partir da fé para a ação social e política. Então fui alegre e esperançoso falar com o visitador. Cortou-me rente: “Oigo que Usted es más bien un intelectual. En América Latina solo nos hacen falta hombres de acción. Lo que hay que pensar, los franceses y los belgas ya lo han pensado todo”²¹.

O que mudou de lá para cá?

Primeiro, crescentemente se descobriu que o problema do “subdesenvolvimento” era mais o do “desenvolvimento desigual associado”, com mecanismos políticos expostos; não era só econômico, mas ainda mais social e político. A seguir, cresceu a consciência de que para chegarmos ao “outro mundo possível” (e desejável) não bastava mudar mecanicamente as estruturas socioeconômicas (que não deixam de ser decisivas), mas se impunha a revolução cultural do respeito à diversidade de gênero, étnica e de cultura, superação das desigualdades nestas relações. A justiça socioeconômica e de direitos iguais continuava importante, mas se completava por uma nova ética do cuidado.

19 Jean-Baptiste Janssens (1889-1964): padre jesuíta belga, foi 27º Superior Geral da Companhia de Jesus. (Nota da IHU On-Line)

20 FEI (Fundação Educacional Inaciana “Padre Sabóia de Medeiros”) é um Centro Universitário localizado em São Bernardo do Campo-SP. (Nota da IHU On-Line)

21 “Dizem-me que o senhor é mais um intelectual. Na América Latina somente nos faltam homens de ação. O que é preciso pensar, os franceses e os belgas já pensaram tudo”. (Tradução livre da IHU On-Line).



Orações Ilustradas.

Acesse em www.ihu.unisinos.br

Ibrades e a formação social e política

Fundado em 1968 e consolidado em 1971 por um convênio com a CNBB, o Ibrades traduzia “vontade de trabalhar ao nível da Igreja do e no Brasil”, assinala o demógrafo Thierry Linard de Guertechin

POR GRAZIELA WOLFART E MÁRCIA JUNGES

Províncias Jesuítas no Brasil. De acordo com o demógrafo belga Thierry Linard de Guertechin, “os cursos conhecidos como ‘cursos do IBRADES’ se diferenciavam em ‘curso longo’ (três a quatro meses), ‘cursos de média duração’ (uma ou duas semanas) e cursos de pequena duração, de três dias, os chamados ‘mini-Ibrades’”. As afirmações fazem parte da entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line.

Thierry é jesuíta, nascido na Bélgica, residente permanente no Brasil desde 1975. Sua formação básica é nas áreas de Filosofia e Teologia, com mestrado em Demografia, pela Universidade Católica de Lovaina e em Geografia na Universidade de Liège, Bélgica. Professor na PUC/RJ desde 1976 a 1996, no Departamento de Sociologia e Ciências Políticas. Foi Diretor Regional da Fundação Fé e Alegria (1990-1997) e assistente espiritual da Ação Social Padre Anchieta (ASPA), na favela da Rocinha (Rio de Janeiro-RJ). Atualmente exerce atividades de Assessoria ao Setor Pastoral Social da CNBB. Como pesquisador e professor no Centro de Investigação e Ação Social e IBRADES desde 1980, assumiu como diretor do CIAS/IBRADES (Centro de Investigação e Ação Social / Instituto Brasileiro de Desenvolvimento) em outubro de 2000. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é a importância do trabalho do Ibrades enquanto um Centro de Investigação e Ação Social Jesuíta?

Thierry Linard de Guertechin - Na verdade, dede a sua fundação, as duas instituições, em boa parte, se confundiram. Para O CIAS, pré-existente de poucos anos, a fundação do IBRADES significou uma vontade de trabalhar ao nível da Igreja do e no Brasil, com a amplitude da própria CNBB. É bom lembrar a especificidade do Brasil, país de dimensão continental com boa cobertura eclesial por meio da CNBB e suas Regionais. Em outros países de América latina, existe uma Província Jesuíta com seu respectivo CIAS por país, o que faz que cada CIAS atue em âmbito nacional. No Brasil, havia, na época, quatro Províncias Jesuítas. O serviço do CIAS à Igreja, como IBRADES, está garantindo sua dimensão nacional. Não é por acaso que o IBRADES foi confiado pela 2ª Assembleia Geral do IBRADES à Companhia de Jesus no Brasil. Por isso, jesuítas de outras provinciais se juntaram para formar uma

equipe nacional e de fato interprovincial. O CIAS sendo IBRADES, por uma parte, privilegiou como atividades principais os cursos de formação social para agentes de Pastoral Social, sob módulos diferenciados, e, por outra parte, contribuiu ao fortalecimento das Pastorais Sociais no seio da CNBB e nos serviços à sociedade. Esses cursos e assessorias diversas ajudaram, no campo da reflexão, a conhecer melhor a realidade social e eclesial para a produção de livros e artigos mais pertinentes em termos de conhecimentos práticos, e não só teóricos.

IHU On-Line - Quais foram as principais ações do Ibrades ao longo de sua história, e quais são suas metas para os próximos anos?

Thierry Linard de Guertechin - Podemos classificar as ações do IBRADES em três ramos: cursos de formação social e política, assessorias e pesquisas. Os cursos conhecidos como “cursos do IBRADES” se diferenciavam em “curso longo” (três a quatro meses), “cursos de média duração” (uma ou duas se-

manas) e cursos de pequena duração, de três dias, os chamados “mini-Ibrades”. Estes últimos, realizados nos próprios lugares de vida dos cursistas, consistiam em fazer conhecer a realidade econômica, sócio-política e eclesial. Era um intercâmbio feliz entre assessores e cursistas em termos da articulação entre realidade local, regional e nacional. O “curso longo” era bem mais amplo em termos de conhecimento da realidade. No início, o pessoal falava de pós-graduação em realidade econômica, social e política. Curso meio acadêmico, meio popular, ajudava os cursistas em se encontrar como gente, pensar o Brasil e se sentir mais gente. O curso não consiste somente em aprendizagem de matérias, mas é lugar de formação do agente de pastoral e de membro de movimentos social. Os cursos de meia duração eram mais cursos temáticos e/ou “reciclagens” com antigos cursistas. As assessorias nas assembleias de dioceses, de regionais de organismos de Igreja, e de outros grupos mais ou menos institucionalizados são outras ações próprias

do IBRADES. Nesta linha, o IBRADRES tomou também a iniciativa de organizar seminários de reflexão e partilha com instituições afins tocando temas e problemáticas comuns como, por exemplo, a formação de lideranças populares, a metodologia, as necessidades detectadas e problemáticas levantadas, etc.

Pesquisas

As pesquisas consistiam em estudos temáticos sobre a realidade brasileira em função do momento, de novas questões conjunturais e estruturais, ampliando o cenário sócio-político ao sócio-cultural. Por exemplo, em colaboração com instâncias diversas da CNBB, houve uma pesquisa sobre “Sociedade contemporânea, família e valores”. Mas, na verdade, outras pesquisas e seminários de estudos foram organizados fora do quadro institucional do IBRADES, mas como CIAS, muitas vezes em parceria com outras instituições. Esses seminários tiveram a felicidade de promover debates livres e abertos. Boa parte das pesquisas e seminários foi publicada nas Edições Loyola nas coleções “Temas Brasileiros Ibrades” e “Estudos Brasileiros - Centro João XXIII”.

Além de seminários, um esforço foi feito para organizar mesas redondas para debater questões atuais, sempre com enfoque interdisciplinar. Durante uma dezena de anos essas mesas redondas foram objetos de publicação nos Cadernos de ATUALIDE em DEBATE.

Formação política

Para os próximos anos, estamos (re)montando um curso de formação política, meio presencial e a distância, que seja mais acadêmico, mas sem perder o cunho popular e a pedagogia interativa. Trata-se de renovar e organizar o “curso longo” sob forma de curso de especialização (pós-graduação lato sensu). Hoje em dia, a necessidade de colher diplomas e certificados exigem uma refundação do curso que seja mais profissional. Contamos com a parceria de instituições afins para levar a cabo este projeto. Con-

“Não é por acaso que mesmo nos países industrializados e ricos, observa-se uma inversão no processo secular da divisão entre a renda do capital e do trabalho”

tinuamos e vamos ampliar o “curso de formação de educadores populares”. Trata-se de uma formação nos fins de semana para lideranças que moram e atuam nas cidades de Brasília e no seu entorno, a “senzala” da “casa grande” de Brasília que é o Plano Piloto. Continuamos em participar nas atividades de planejamento e reflexão das Pastoris da CNBB, em fóruns diversos e no grupo de análise de conjuntura. Fica o desafio de retomar alguma publicação do estilo de Cadernos de Atualidade em Debate. Mas seria uma atividade mais articulada com outras áreas apostólicas da província jesuíta.

IHU On-Line - Que adaptações o Ibrades teve que fazer para se adequar às transformações da sociedade desde 1966, quando foi fundado?

Thierry Linard de Guertechin - Na verdade, em 1966, o IBRADES não existia. Foi fundado, em 1966, na Província o Centro de Investigação e Ação Social - CIAS que mais tarde vai se chamar Centro JOÃO XXIII de Investigação e Ação Social. O IBRADES foi fundado em 1968 e se consolidou com o convênio com a CNBB em 1971. A pergunta é complexa e a resposta bem difícil em poucas palavras. Vou só pincelar alguns traços, espero, os mais significativos. Não é o lugar aqui analisar as transformações da sociedade. Mas, para responder à questão, a gente poderia citar a volta do Estado de Direito no Brasil e o fim do chamado socialismo real. Acrescentaria, como pano de fundo sócio-cultural, a crise da modernidade que se manifesta por formas diversas de pós-modernidade. A queda do marxismo leninista na URSS e a Constituição cidadã

no Brasil mexeram nos instrumentais analíticos e nas práticas sociais, que eram marcados por um “social duro”, sem tomar em conta as subjetividades dos atores sociais. De fato, já no passado, a gente sentia uma demanda de formação mais completa, no sentido de integrar formação da pessoa com o social. A queda do muro de Berlim e a Constituinte foram catalisadores de um novo modo de abordar a realidade social incluindo mais o “vécu”¹ tanto dos agentes e atores sociais, como do público-alvo das ações sociais. Na linha da Constituição cidadã, os direitos humanos e a consolidação da cidadania ganharam espaço nos cursos e nas práticas dos agentes de formação social e política. Para responder à crise da modernidade, elementos de antropologia e espiritualidade foram incluídos na formação para articular melhor, na vida pessoal e social, a busca de novos sujeitos sociais e nova terra. Antes das mudanças climáticas, a questão ecológica conquistou destaque na formação, a tal ponto que não dá para separar a questão social da questão ecológica. Hoje, com a internacionalização do capitalismo financeiro, suas realizações com impactos negativos sobre o ser humano e a natureza, enfim as suas crises, entraram, na pauta de nossas discussões para um mundo possível, os desafios sócio-ambientais. Daí se deu importância à ética do cuidado que mude as relações sócio-ambientais.

IHU On-Line - O que a demografia do Brasil pode falar sobre as principais necessidades que o país tem em relação à justiça social, à promoção da fé e ao diálogo cultural e inter-religioso?

Thierry Linard de Guertechin - A demografia é uma ciência mal conhecida. No imaginário de muitos, se reduz à contagem de contingentes populacionais, sem perceber que os números de nascidos, óbitos e migrantes revelam, em parte, a realidade humana e social dos países, no caso que nos ocupa aqui, do Brasil. Além de cálculos, às vezes um pouco complicados, que permitem analisar a dinâmica, o movi-

¹ Palavra francesa, que, em tradução livre, significa “o vivido”. (Nota da IHU On-Line).

mento da população de um país, os estudos de população se interessam aos modos de vida das populações, tentam explicar, por exemplo, a queda da fecundidade das mulheres se refletindo na queda da natalidade da população, as razões de os Brasileiros emigrarem para os Estados Unidos, a Europa e o Japão. Também não dá para entender a formação econômica e social do Brasil sem se referir à importação e escravidão de milhões de africanos. A urbanização do Brasil resultou, em parte, pelos milhões de migrantes do campo para as cidades. A demografia, ciência humana e social, não somente traduz em números as injustiças sociais sofridas pelas populações empobrecidas, mas oferece explicações dessas injustiças sociais, evidencia evoluções e até pode projetar situações adversas ou boas. Falando de injustiça, a análise demográfica evidencia, por exemplo, a desigualdade da população brasileira diante da morte. Os nordestinos e pobres têm uma expectativa de vida menor que os sulistas e ricos. São desigualdades regionais e sociais. O sentido destes indicadores evolui também com o nível de vida das populações. A realidade demográfica é dinâmica, mesmo se evolui devagar por causa da inércia inerente a efetivos numerosos. Por seu aspecto analítico, a demografia afirma evoluções de diversos fenômenos, infirma afirmações por falta de base numérica, enfim contribui ao conhecimento da realidade social, econômica e política de um país, de uma região.

O envelhecimento do Brasil

Voltando ao Brasil, a demografia chama a atenção sobre o envelhecimento da população brasileira, devido essencialmente à queda da fecundidade das mulheres. Em termos de bem-estar dessas populações pode-se perguntar, em que medida, o Brasil que ainda não deu respostas adequadas às necessidades básicas da sua juventude vai atender às necessidades dos idosos. Está aqui a questão da reforma da Previdência social. Pelas aposentadorias, muitos idosos e, sobretudo, idosas, estão contribuindo à renda familiar.

Devido à nova configuração econômica internacional, o Brasil, país dito emergente, recebe imigrantes da Bolívia, Peru, Paraguai e de África, mas, ao mesmo tempo, envia mais de três milhões de brasileiros para o exterior. As migrações internacionais remetem em questão o tipo de desenvolvimento econômico, a dominação financeira. Pois, o neoliberalismo, filhote do neomalthusianismo, rejeita milhões de gente fora dos seus países sem poder entrar nos países chamados desenvolvidos. Há uma inadequação estrutural entre maiorias populacionais e a globalização da economia. Não é por acaso que mesmo nos países industrializados e ricos, observa-se uma inversão no processo secular da divisão entre a renda do capital e do trabalho. Na Europa do bem-estar social, a proporção da renda do capital voltou a crescer e do trabalho a diminuir. Trata-se de um déficit em termos de democracia em favor das elites financeiras. Isso vale para o Brasil, como também para o mundo todo.

Demografia e geopolítica

Não sei quais são as necessidades que o país tem em relação à promoção da fé. Pois, o “país” é conceito abstrato e genérico demais. Para a demografia, a população é objeto de estudos e análises, mas, também, para alguns demógrafos, é sujeito e o país fica referência geográfica. Nos estudos populacionais, a gente tem que ver o que há no outro lado da tábua de mortalidade, da tabela de fecundidade e migração, para ir ao encontro dos problemas vividos pelas populações. Existe uma demografia religiosa, mas a relação entre fé e demografia passa por mediações epistemológicas, sociais e culturais. Em relação ao diálogo cultural e inter-religioso, a demografia pode evidenciar a influência da religião sobre variáveis demográficas: fecundidade alta ou baixa em função da religião; a religião pode também exercer uma influência sobre a morbidade e mortalidade das populações; existem migrações por causa da religião. Esse tipo de análise contribui ao conhecimento da realidade e dos com-

portamentos de populações diferenciadas pela religião. Mas este conhecimento não fica neutro. Tudo depende do uso que uma autoridade, o governo de um país, vai fazer. O conhecimento pode ajudar a um respeito mútuo, mas também contribuir a políticas discriminatórias. A demografia, ciência do número, tem tudo a ver com a geopolítica.

IHU On-Line - Que experiências pessoais o senhor viveu que lhe marcaram no sentido do verdadeiro espírito social e de promoção da justiça da Companhia de Jesus?

Thierry Linard de Guertechin - Viver experiência de inserção em meio popular e articular assim o conhecimento teórico com práticas sociais e pastorais, foi uma chance e alegria. O fato de viver no meio de populações marginalizadas que lutam pela sobrevivência e vida mais digna, de partilhar as lutas pela água, luz e esgotos me ajudou nos cursos do Ibrades. Participar na organização da comunidade em mutirão, na criação e administração de centros comunitários, creches, escolas profissionalizantes foi realmente uma mudança de lugar social e epistemológico. Mudei minha maneira de pensar e refletir. Ainda mas, quando fui morar na favela convivendo com a população local, constituída de cearenses da região de Sobral e de paraibanos da região de Campina Grande. O que estudei nos livros estava na minha frente. Participei com os moradores da favela ao processo de conquista da cidadania, através de lutas por obras de melhoramento da vida e do bem-estar. Só uma minoria da população tinha uma prática religiosa, sobretudo, as mulheres. As mulheres mais engajadas, elas também, mudaram de lugar epistemológico e social, pela participação nos círculos bíblicos e nos movimentos sociais deixando as novelas da televisão. Por meio de novos compromissos sociais e pastorais essas mulheres aprenderam a ler e viver o Evangelho no seu habitat. Assim se constrói comunidades cristãs de sujeitos eclesiais encarnadas no tecido social, lutando pelos direitos da comunidade favelada.

A missão de ser luz e sinal para os outros

Roberto Jaramillo percebe que viver ao serviço da fé e da justiça que nasce dela toma rostos concretos e particulares na região Amazônica

POR GRAZIELA WOLFART

“**C**onfiado na misericórdia e no chamado divino, o jesuíta sai ao encontro de realidades e de ‘nações’ (povos, comunidades, realidades humanas) muitas vezes desconhecidas, situadas nas fronteiras do mundo e das sociedades onde outros não querem ou não podem ir: nas mais variadas ciências (desde a filosofia e a teologia, até a economia ou a astronomia), na luta social, nos afazeres da ação política, na diversidade de culturas, nas diferentes religiões, enfim, nas encruzilhadas onde parece que a palavra de Fé estivesse ontologicamente ausente ou onde ela é positivamente rechaçada”. A definição é do padre Roberto Jaramillo, na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**. Ele também fala sobre o trabalho do Serviço de Ação, Reflexão e Educação Social - SARES, com sede em Manaus, e lembra que “o SARES, mesmo sendo pequeno, tem uma palavra nova a dizer e um aporte fundamental nesta dinâmica de ‘pensar localmente e agir globalmente’ e, ao mesmo tempo, ‘agir localmente com uma capacidade de pensar as coisas globalmente’”.

Roberto Jaramillo Bernal, colombiano, é superior regional dos jesuítas da Amazônia - BAM. É filósofo, teólogo e doutor em Antropologia pela EHESS - Paris. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são as principais demandas da região amazônica no que se refere à promoção da justiça e ao serviço da fé? Quais os desafios que a região apresenta aos missionários jesuítas?

Roberto Jaramillo - Viver ao serviço da fé e da justiça que nasce dela toma rostos concretos e particulares na região Amazônica. Rostos que tem a ver em primeiro lugar com pessoas e também com o meio ambiente. Não é possível sermos servidores da missão do Cristo sem estar atentos e servir as pessoas e as criaturas “hoje crucificadas”; o que implica também muitas vezes em desagradar e entrar em conflito com os “crucificadores” de hoje.

Onde está o Cristo uma vez mais crucificado na Amazônia? Há situações gritantes:

* A situação dos índios desrespeitados e agredidos em suas próprias terras, suas crenças, suas culturas, seus direitos; os “originais donos destas terras” passando fome, sem serviços dignos de saúde, de educação,

de transporte, de comunicação, sem as mínimas possibilidades de exercer seus direitos políticos.

* A situação de milhares de brasileiros e brasileiras jovens que vêm frustradas suas esperanças de integração social a través de trabalho digno e qualificado como fruto de um sistema educativo que é insuficiente e altamente deficiente; principais vítimas de uma violência estrutural que condena à marginalidade, degrada as pessoas em sua condição de cidadãos, destrói famílias e comunidades, nutre as redes do narcotráfico e do consumo de drogas, da delinquência e da insegurança pública.

* A impressionante miséria presente nas inúmeras favelas das grandes cidades amazônicas: moradia precária, ausência de serviços básicos de esgoto e limpeza, insuficiência na rede de serviço de água, transporte altamente deficiente, inexistência de políticas públicas de ocupação, descaso ecológico, ausência de parques e zonas comuns, desemprego generalizado, eco-

nomia de subsistência sem regulação e sem incentivo público, superlotação nos serviços de saúde, entre outras situações degradantes da condição humana e da condição de cidadãos, especialmente se tratando de mulheres, idosos e crianças.

* Finalmente não menos gritante e triste é o desrespeito e a agressão que a “mãe terra” sofre dia-a-dia neste imenso território amazônico: desde a poluição dos rios e dos igarapés nas grandes e pequenas urbes, passando pelo desmatamento sistêmico feito tantas vezes com a cumplicidade das autoridades (executivas e fiscais), até chegar ao desrespeito total do equilíbrio planetário com obras megalômanas, como as usinas hidroelétricas e os grandes projetos de IIRSA¹. Aqui se sente com mais crueza a lógica dominadora do capital sobre as pessoas, das comunidades, do bem comum, e da inteligência humana.

¹ Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana. (Nota da IHU On-Line)

O tráfico sexual de menores, a situação degradante dos serviços de saúde, a exploração laboral das crianças, a vulnerabilidade dos idosos, a violência contra as mulheres, a rampante corrupção dos diferentes poderes públicos: o enriquecimento ilícito, o oportunismo político, o contubérnio entre poderes, etc., são só algumas das situações que clamam justiça e reclamam da fé dos cristãos resposta firme e clara.

IHU On-Line - O que o povo da Amazônia pode ensinar sobre o conceito de trabalho social para os jesuítas?

Roberto Jaramillo - A pergunta é ampla e pode dar origem a muitas reflexões; mas eu quero mencionar só duas dentre muitas coisas que temos aprendido os jesuítas da BAM junto com os que co-laboram nesta missão. Em primeiro lugar: o valor de fazer as coisas em conjunto, a importância de somar; não tanto como uma estratégia para reagir frente à imensidão do território e dos desafios e à pequenez dos recursos humanos e materiais, mas como um verdadeiro valor que enriquece o trabalho, que é, ele mesmo, uma forma de anúncio de tempos novos, de formas novas, de forças novas. Na vida religiosa (assim como na vida institucional secular) o protagonismo das ordens religiosas e de suas instituições se vê questionado e enriquecido pela complementaridade de carismas, de saberes, de “poderes”, de perspectivas. Hoje se fala muito de redes, de alianças, de parcerias, de sinergias, mas essa é uma perspectiva difícil para os ocidentais acostumados a “figurar” (pessoal e institucionalmente). Um segundo elemento que se aprende na Amazônia tem a ver com os processos a longo prazo. Fruto de uma lógica baseada na eficácia (nos resultados visíveis e imediatos) nossa cabeça tem que fazer um giro copernicano quando se defronta com ações sociais que precisam de muito tempo, muita discussão, muita preparação, muita participação, muita conscientização para serem assumidas coletivamente e chegar a ser verdadeiramente transformadoras. Acho que isto é verdade em toda e qualquer parte do planeta,

“Não é possível sermos servidores da missão do Cristo sem estar atentos e servir as pessoas e as criaturas ‘hoje crucificadas’”

com qualquer grupo humano; e muito mais aqui na Amazônia pelo efeito das distâncias, da imensidão dos desafios, da dispersão das populações, das dificuldades de comunicação, etc. Este é um elemento que todos os agentes sociais (seja de evangelização, seja de educação, seja de saúde, seja do que for...) devem aprender. Aqui, mais do que em nenhum outro lugar, é necessário ter uma perspectiva histórica esperançosa, muita paciência, renunciar a fazer as coisas sozinho e acreditar na força e na organização do povo.

IHU On-Line - Como o trabalho do SARES se enquadra na proposta dos CIAS e na missão da Companhia de Jesus?

Roberto Jaramillo - Desde 2003, quando algumas das Igrejas locais pediram aos jesuítas da Amazônia colaborar especialmente na ação, reflexão e educação no “campo do social”, o SARES (que nunca quis ser um Centro, mas um Serviço) está desenvolvendo um trabalho que pretender responder a alguns desses desafios desde a Fé Cristã, sempre em diálogo aberto com outras crenças religiosas. O “social” é responsabilidade e desafio de todos os seres humanos e em todo tipo de trabalho; por isso, sem renunciar a nossa particular perspectiva de fé cristã e a nossa missão como Igreja Católica, ninguém está excluído nas atividades do SARES; nem do quadro de funcionários, muito menos dos participantes nas suas atividades. É verdade que este fator não tem sido sempre pacífico e não é uma coisa definitivamente resolvida: há discussões, perspectivas, acentos diversos. O que é claro é que o SARES, em sua inspiração primeira, e na sua orientação “políti-

ca” atual continua a ser um projeto (1) interinstitucional, (2) independente de qualquer tendência ou partido político, (3) de clara inspiração cristã e liderado por instituições da Igreja Católica, (4) plural em sua maneira de pensar, discutir e analisar a realidade, (5) sem alinhamentos ideológicos qualquer que eles sejam, (6) com práticas institucionais de transparência administrativa e financeira e (7) aberto ao diálogo e às parcerias que fortaleçam a capacidade dos pobres na luta pelos seus direitos. Estas sete notas características do SARES atualizam bem as intuições fundamentais dos serviços dos CIAS como serviço próprio da missão da Companhia de Jesus.

IHU On-Line - Qual a especificidade do SARES em relação aos demais CIAS jesuítas? O fato de estar em uma região de fronteiras e de ter sido criado mais recentemente influencia de alguma forma em suas atividades?

Roberto Jaramillo - Eu não me sinto suficiente conhecedor da realidade dos outros CIAS da Companhia para indicar a especificidade do nosso serviço em relação ao seu conjunto; aliás acho que cada CIAS deve e tem que ser bem diferente em suas preocupações e suas práticas, porque cada um deve responder a realidades locais ou regionais diferenciadas. Para nós, o serviço que presta o IHU ou o CEPAT com sua análise da conjuntura é fundamental; e o SARES não teria condições para fazê-lo com tal perspectiva e tanta competência. Mas o que o SARES está fazendo na Amazônia está fazendo-o bem: formação social oferecida a lideranças populares da cidade de Manaus e do interior do Estado (em parceria com o programa de extensão da Universidade Federal do Amazonas - UFAM), formação ética e social de lideranças políticas (num programa reconhecido pela UNICAP como curso de especialização), espaços periódicos de discussão e debate sobre questões de interesse público, assessoria e acompanhamento regular a várias organizações e lutas populares (por terreno e habitação, defesa do meio ambiente), entre outros serviços que se prestam. A perspectiva amazônica está fortemente presente, sim. Somos o único CIAS em três milhões de quilômetros

na redondeza. O SARES tem, sem dúvida, o desafio de falar “daqui” e “para o povo daqui”; e isso imprime uma perspectiva particular que não poucas vezes destoa daqueles que querem falar “daqui” sem estar e sem conhecer “aqui”, e que geralmente falam “para outros que não são daqui”. Tudo isso parece um mero jogo de palavras; mas não é assim. Acredito que o SARES, mesmo sendo pequeno, tem uma palavra nova a dizer e um aporte fundamental nesta dinâmica de “pensar localmente e agir globalmente” e, ao mesmo tempo, “agir localmente com uma capacidade de pensar as coisas globalmente”. Respondendo a essa mão dupla, o SARES está agora articulando e construindo um projeto importante: o observatório pan amazônico de políticas regionais; um intento de mapear, entender e oferecer instrumentos de ação sobre políticas educativas e culturais, democráticas e socioambientais que afetam transnacionalmente a panamazônia.

IHU On-Line - A partir da missão de estar a serviço da fé e de promover a justiça, o que significa ser jesuíta no século XXI?

Roberto Jaramillo - Ninguém foi mais clarividente do que a Congregação Geral XXXII da Companhia de Jesus quando falou do jesuíta como um ser que “se sente pecador e, no entanto, é chamado a ser companheiro de Jesus”. Fé e justiça, diálogo intercultural e diálogo inter-religioso são notas características da missão da Companhia hoje. Na realização dessa missão, cada um de nós, e a própria Companhia como um “Corpo Apostólico”, se sente cada dia convidado a reconhecer sua própria situação ao mesmo tempo li-

mitada e pecadora, e a fazer um ato de confiança em Jesus - companheiro maior que nos chamou a colaborar com Ele, sabendo que há necessidade de “fazer tudo como se só dependesse de nós, e esperar tudo com a certeza de que finalmente depende de Deus”. Assim, confiado na misericórdia e no chamado divino, o jesuíta (a Companhia) sai ao encontro de realidades e de “nações” (povos, comunidades, realidades humanas) muitas vezes desconhecidas, situadas nas fronteiras do mundo e das sociedades onde outros não querem ou não podem ir: nas mais variadas ciências (desde a filosofia e a teologia, até a economia ou a astronomia), na luta social, nos afazeres da ação política, na diversidade de culturas, nas diferentes religiões, enfim, nas encruzilhadas onde parece que a palavra de Fé estivesse ontologicamente ausente ou onde ela é positivamente rechaçada; e ali consegue discernir a presença divina e ser luz e sinal para os outros. Esse é um verdadeiro Jesuíta.

IHU On-Line - Qual a importância do trabalho dos CIAS para que a Companhia de Jesus faça sua parte na construção da nova sociedade do futuro que se configura?

Roberto Jaramillo - Por sermos chamados a fazer presente a palavra da Fé e a servir à Igreja toda no meio de realidades que se movem entre limites e fronteiras, os jesuítas se destacaram na história da astronomia, da missiologia, da linguística, da antropologia, da filosofia, das artes plásticas, entre outros muitos campos. A tradição que une a Companhia de Jesus e o serviço educativo (em diversos níveis da educação) é fruto desse pioneirismo jesuítico. Os Centros

de Investigação e Ação Social (CIAS), em sua diversidade, vêm ao encontro de uma mais apurada compreensão da realidade humana e social: tanto em termos da práxis política como em termos epistemológicos. Por isso eles vêm não para substituir ou para desqualificar o que antes se fazia - dentro do marco de compreensão da época - mas para somar e contribuir na compreensão e transformação dos problemas humanos. Houve um tempo no qual se fazia quase uma contraposição entre o apostolado social e o apostolado educativo; graças a Deus evoluímos, e acho esses tempos superados. O que sim é necessário e ainda nos falta crescer muito, segundo a minha compreensão da situação atual, é na capacidade de trabalharmos juntos, de nos fecundarmos mutuamente, de ousar caminhos de integração produzindo novas formas de conhecimento, na capacidade e decisão de romper paradigmas acadêmicos e práticos caducos (e certamente econômica, política e ideologicamente interessados ou comprometidos) e de criar novas “ratio”, novas “escolas”, novos processos de aprendizado/transformação da realidade humana e social a partir de todas e qualquer ciência. Tomara que possamos cada vez mais confiar uns nos outros e fazer caminhos juntos, abertos à tarefa de conhecer a realidade de maneira cada vez mais séria e profunda, livres de todo preconceito e cada vez mais das determinações que nos impõem de fora (dos produtores, dos comunicadores, dos legisladores, dos poderosos), sempre ao serviço da libertação e da vida digna para todas as pessoas, o que só pode começar resgatando primeiro e principalmente os mais pobres.



XII SIMPÓSIO INTERNACIONAL IHU - A EXPERIÊNCIA MISSIONEIRA: TERRITÓRIO, CULTURA E IDENTIDADE

DATA DE INÍCIO: 25 DE OUTUBRO DE 2010
INFORMAÇÕES EM WWW.IHU.UNISINOS.BR

Uma visão mais conjunta da ação social jesuíta

Equipe do Cepat, de Curitiba, identifica que a emergência do movimento operário é central para entender a nova impoção da ação dos jesuítas, pois coloca uma nova preocupação e abre um novo campo de ação

POR GRAZIELA WOLFART

Para os membros da equipe do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - Cepat, de Curitiba-PR, Cesar Sanson, André Langer e Darli de Fátima Sampaio, não há uma compreensão unívoca do trabalho social dos jesuítas. “De modo geral, o assistencialismo ainda está fortemente arraigado na mentalidade de muitos jesuítas. Nesse sentido, a ‘Instrução’ de Janssens, que remonta a 1949, ainda não está assimilada, mesmo com tudo o que significa a importância da relação entre a promoção da fé e da justiça na missão dos jesuítas, assumida na década de 1970. Ainda como dimensão social, há uma infinidade de iniciativas sociais desenvolvidas pelas obras dos jesuítas, muitas delas feitas já num horizonte mais de promoção social. Há também os centros sociais, agora reunidos em rede, que também ainda estão em busca de uma visão mais conjunta tanto teórica como praticamente”. Essas e outras declarações foram dadas na entrevista que segue, concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

O Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, é parceiro estratégico do IHU. Uma das ações conjuntas é a elaboração de uma análise da conjuntura, em fina sintonia com a missão e as linhas estratégicas do IHU. A análise de conjuntura é uma síntese do que a página do IHU - www.ihu.unisinos.br publica diariamente, durante os sete dias da semana, nas Notícias do Dia e na Entrevista do dia.

Cesar Sanson é doutor em Sociologia. É autor dos **Cadernos IHU Ideias** número 60, intitulado *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida*; e do número 94, intitulado *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos*. Também é autor dos **Cadernos IHU** número 32 intitulado *Trabalho e subjetividade: da sociedade industrial à sociedade pós-industrial*. André Langer é doutor em Ciências Sociais e autor dos **Cadernos IHU** número 5, intitulado *Pelo Êxodo da Sociedade Salarial. A Evolução do Conceito de Trabalho em André Gorz*. Darli Sampaio é mestre em Sociologia e já concedeu entrevistas à **IHU On-Line**. Todas as publicações e entrevistas anteriores estão disponíveis no sítio www.ihu.unisinos.br. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual a influência do movimento operário para a criação dos CIAS?

Cesar Sanson, André Langer e Darli Sampaio - Os Centros de Investigação e Ação Social entram no horizonte de preocupação dos jesuítas em nível mundial no final de década de 1930 - a Congregação Geral de 1938 recomenda os trabalhos apostólico-sociais e a criação de centros de ação social -, mas com mais força nos anos 1950, com o generalato do Pe. João Batista Janssens. Até esse momento, havia, já, entre os jesuítas da Europa, experiências de Centros sociais. O impulso fundamental vem, pois, no pós-Guerra, quando a chamada Questão

Social começa a ter um peso crescente na Companhia de Jesus. Fundamental, nesse sentido, é um documento de Janssens chamado “Instrução sobre o Apostolado Social”, de 1949, sumamente importante para alavancar o Apostolado Social em toda a Companhia. Nele, seu autor convoca os jesuítas para enfrentarem com afinco a nova realidade que se apresentava. A emergência do movimento operário é central para entender a nova impoção da ação dos jesuítas, pois coloca uma nova preocupação e abre um novo campo de ação. O Pe. Janssens convocava para uma ação junto aos operários, e não mais direcionada preferencialmente aos influentes da so-

cidade. Além dessa guinada, contribui para entender a novidade da proposta de Janssens o seu entendimento da ação social. Na sua “Instrução”, Janssens faz referência ao trabalho valoroso de “assistência social” que muitos jesuítas realizavam. Mas, no seu horizonte, a ação social deveria ocupar-se fundamentalmente da emancipação social. Mas, isso, diz Janssens, requer uma “mentalidade social”, que precisa ser criada em cada jesuíta. Essa mudança na compreensão da ação social é crucial, pois, na visão de Janssens, a situação deplorável em que os operários se encontravam era resultante de uma certa visão estrutural da sociedade que ele tinha, e não deviam

ser atribuídas a uma ordem natural das coisas. Ou seja, para Janssens os ricos são ricos às custas dos pobres. Trata-se, segundo ele, de atingir as causas da situação em que os trabalhadores se encontravam, de ir à raiz das injustiças sociais. A questão do assistencialismo, aliás, ainda não está inteiramente superada na ação de muitos jesuítas. Nesse horizonte, os CIAS surgem como espaços voltados para a promoção do operariado. Insiste-se em que esses Centros Sociais, que eram chamados a “ensinar aos outros a doutrina teórica e prática” e “difundir a doutrina social da Igreja” através dos meios disponíveis na época e adaptados “às necessidades de cada região”.

IHU On-Line - Como entender o interesse dos jesuítas em viver no mundo operário? Havia ali um espírito de luta contra o comunismo?

Cesar Sanson, André Langer e Darli Sampaio - Através do critério inaciano da maioria, os trabalhadores urbanos são, por Janssens, incorporados à missão dos jesuítas. Para ele, há uma linha que liga os pobres, tidos como amigos dos jesuítas, segundo Santo Inácio, e os operários, no tempo na revolução industrial. Janssens recomenda aos jesuítas o modo de viver sóbrio dos operários como modelo de austeridade de vida. Mais, Janssens incentiva jesuítas a experimentarem o trabalho duro dos operários, indo eles próprios se empregarem em fábricas ou minas. Cria-se assim um clima propício e favorável à inserção nos meios populares. A insistência de Janssens induziu jesuítas a viver de maneira mais simples e frugal em casas situadas em bairros pobres, experiência que se difundiu entre jesuítas do Sul do Brasil, por exemplo, e, mais esporadicamente, houve mesmo casos de jesuítas que trabalharam temporariamente em fábricas. Quanto à segunda questão, está claro que houve uma forte preocupação da Igreja e, particularmente, da Companhia de Jesus, com o “perigo” que representava o comunismo ateu, mas também o capitalismo. Mas, o foco estava voltado mais prioritariamente para a ameaça representada pelo primeiro. Para fazer frente a isso, a Companhia recomenda os trabalhos apostólicos sociais na linha

do que pregavam as Encíclicas sociais de Leão XIII (*Rerum Novarum*) e Pio XI (*Quadragesimo Anno*). Entretanto, esse vício de origem deixa de ter importância com o passar do tempo, sobretudo no pós-Concílio Vaticano II, que marca uma inflexão na concepção de sociedade e de Igreja que a Igreja tem.

IHU On-Line - Como podemos definir a compreensão dos jesuítas sobre trabalho social?

Cesar Sanson, André Langer e Darli Sampaio - A percepção é de que não há uma compreensão unívoca do trabalho social. De modo geral, o assistencialismo ainda está fortemente arraigado na mentalidade de muitos jesuítas. Nesse sentido, a “Instrução” de Janssens, que remonta a 1949, ainda não está assimilada, mesmo com tudo o que significa a importância da relação entre a promoção da fé e da justiça na missão dos jesuítas, assumida na década de 1970. Ainda como dimensão social, há uma infinidade de iniciativas sociais desenvolvidas pelas obras dos jesuítas, muitas delas feitas já num horizonte mais de promoção social. Há também os centros sociais, agora reunidos em rede, que também ainda estão em busca de uma visão mais conjunta tanto teórica como praticamente.

IHU On-Line - Qual a importância das mulheres no trabalho social relacionado com a missão dos jesuítas de estar a serviço da fé e da promoção da justiça?

Cesar Sanson, André Langer e Darli Sampaio - Historicamente, o processo de formação/educação das mulheres foi “assentado” e mesmo direcionado para atividades ligadas ao “cuidado” com o outro, tendo como referencial as tarefas domésticas. Essa habilidade, como qualquer outra, não nasce por acaso. Consumidas pelas atividades exaustivas do cuidado, mas indispensáveis para a sobrevivência da espécie, não foram consideradas do ponto de vista da análise e da ação, por autores importantes que se dedicaram a pensar o desenvolvimento humano. Infelizmente, este é visto a partir de um referencial masculino, que percebe as possibilidades de mudanças sociais dirigidas “por cima”, enquanto as consequências de seu fracasso são sofridas, primeiro, pelos “de baixo”, espe-

cialmente as mulheres. Sendo “atrizes invisíveis”, as mulheres lançaram mão de várias possibilidades, estratégias, sensibilidades na execução de suas tarefas de cuidado, superando desafios e dificuldades. Contribuições fundamentais, que foram estendidas ao trabalho social percebidas e incorporadas no trabalho desenvolvido pelos jesuítas, a partir de sua missão e compromisso. Portanto, essas capacidades desenvolvidas nas e pelas mulheres, mais do que somar-se ao trabalho desenvolvido pelos jesuítas, agiu como eficaz fermento, frutos saboreados e partilhados, do qual todos e todas usufruímos.

IHU On-Line - Como o trabalho do CEPAT se relaciona com a proposta dos CIAS?

Cesar Sanson, André Langer e Darli Sampaio - O CEPAT insere-se nessa longa trajetória de continuidades e rupturas do Apostolado Social. No Brasil, os jesuítas tiveram uma presença no mundo operário através dos Círculos Operários, fundados nos anos 1930, na linha do Ensino Social da Igreja de Leão XIII. Na década de 1970 e seguintes, mais fortemente nos anos 1980, os jesuítas acompanham e colaboram com a Pastoral Operária. Entretanto, há uma mudança significativa desta com os Círculos Operários, por exemplo. São de vertentes sociais e eclesiais diferentes. Essa concepção, aliás, resulta na criação, nos anos 1980, na província do sul, da Comissão da Pastoral Popular, em sintonia com o Concílio Vaticano II e a Igreja da América Latina. O CEPAT nasce das discussões feitas anualmente nas reuniões da Comissão da Pastoral Popular e na Pastoral Operária. A primeira vez que se levanta a proposta de criação de um centro de pesquisa, na linha dos CIAS, voltado para o mundo urbano, foi em 1986. A proposta é amadurecida nos anos subsequentes, vindo o CEPAT a ser fundado em 1990. O CEPAT nasce da vontade e da necessidade que alguns jesuítas sentem quanto à inserção no mundo urbano, com especial atenção para a questão do trabalho. Acompanhar e compreender as mudanças no capitalismo e na organização do trabalho que vinham se implementando no último quartel do século XX, foi

uma das grandes questões que ocupou o CEPAT. Pela leitura que faz do mundo, o CEPAT representa uma mudança em relação, por exemplo, à Pastoral Operária. Portanto, o CEPAT sempre se vinculou aos jesuítas e sempre se compreendeu como obra da Companhia de Jesus, entendendo-se como uma atualização das inspirações dos Centros de Investigação e Ação Social - CIAS. Acreditamos que os desafios apresentados pela proposta original dos CIAS exigem sempre uma atenta leitura do que acontece na sociedade para que a ação político-pastoral seja eficaz e não meramente assistencial, mesmo que indispensável muitas vezes. Pensamos que o CEPAT relaciona-se com a proposta originária do CIAS na medida em que, como Centro de Pesquisa e formação, procura compreender o caráter da mutação civilizacional em que estamos imersos, uma mudança não apenas socioeconômica, mas, sobretudo, de natureza ético-cultural. Atualizar permanentemente a “leitura” do que acontece no mundo é condição necessária para “dialogar” com esse mesmo mundo e transformá-lo. Ainda mais, torna-se condição para definir linhas de ação que venham ao encontro de uma das propostas centrais na origem dos CIAS: a promoção da dignidade dos mais pobres.

LEIA MAIS...

>> Cesar Sanson, André Langer e Darli Sampaio já concederam outra entrevista à IHU On-Line.

* *Os bastidores e as entrelinhas do lançamento do Manifesto das Américas*. Entrevista especial com César Sanson, Publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU, em 25-04-2006, disponível em <http://migre.me/11Vwx>

* *“A atual concepção de desenvolvimento é insustentável”*. Entrevista especial com César Sanson, Publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU, em 29-07-2010, disponível em <http://migre.me/11VxW>

* *O centro da criação de valor é o trabalho imaterial*. Entrevista especial com César Sanson, disponível em <http://migre.me/11VzC>

* *O trabalho visto a partir dos jovens pobres*. Entrevista especial com André Langer, Publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU, em 07-01-2010, disponível em <http://migre.me/11VAU>

* *Os desafios e as lutas das mulheres, hoje*. Entrevista especial com Darli Sampaio, Publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU, em 07-03-2010, disponível em <http://migre.me/11VCx>

“O Apostolado Social faz parte do DNA da Companhia de Jesus”

José Ivo Follmann acredita que os jesuítas têm por vocação buscar sempre o bem maior e mais universal e que o trabalho em rede pode ser um importante facilitador para isto

POR GRAZIELA WOLFART

Depois de relatar aspectos da trajetória histórica do apostolado social da Companhia de Jesus, o professor e padre jesuíta José Ivo Follmann afirma, na entrevista que concedeu por e-mail à IHU On-Line: “retomando e reforçando o binômio Serviço da Fé e Promoção da Justiça e a urgência do Diálogo Cultural e Inter-Religioso, as novas dimensões que apontam forte são o cuidado com o meio ambiente (dimensão ecológica) e a atenção às novas fronteiras, num mundo que avança vertiginosamente no meio científico e tecnológico levando às vezes de roldão a dignidade e o sentido da existência humana”. Mas reconhece que “nem sempre o social conseguiu ter a visibilidade e a importância que o carisma iniciano lhe exige”.

José Ivo Follmann é graduado em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira e em Teologia pela Unisinos. Na PUC-SP, cursou mestrado em Ciências Sociais e, na Université Catholique de Louvain (Bélgica), concluiu o doutorado em Sociologia. Atualmente, é vice-reitor da Unisinos, diretor de Assistência Social da Associação Antônio Vieira e coordenador de Apostolado Social da Província Brasil Meridional. Leia uma entrevista que ele concedeu à IHU On-Line intitulada *“Há muito ainda a fazer para que aconteça efetivamente Universidade para Todos”*, publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU em 12-05-2009 e disponível em <http://migre.me/11E0G> Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual a postura e as principais ações da rede SJ-CIAS na Província do Sul?

José Ivo Follmann - A Rede SJ-CIAS (Rede Jesuíta de Cidadania e Ação Social) nasce da urgência de termos uma ação articulada e efetiva no Setor Social da Província do Sul. Nasce, sobretudo, da necessidade de aprendermos a trabalhar em rede. A palavra chave é APRENDER. SJ-CIAS quer ser uma escola de aprendizado para que saibamos colocar-nos em rede nacional, latino-americana e mundial. Para trabalhar em rede é necessário que comecemos em nossa própria casa.

Precisamos cultivar-nos nesta exigência que se faz sempre mais irreversível para que nossas ações ganhem em força e em amplitude. Como jesuítas, nós temos por vocação buscar sempre o bem maior e mais universal. O trabalho em rede pode ser, sem dúvida, um importante facilitador para isto.

IHU On-Line - O senhor poderia recuperar a história do apostolado social da Companhia de Jesus? Quando isso começa? Quais são as motivações iniciais? Como surgiram os CIAS? Como isto chegou até nós?
José Ivo Follmann - O Apostolado So-

cial faz parte do DNA da Companhia de Jesus. Inácio de Loyola, que era de estirpe nobre, viveu o seu processo de conversão em uma profunda experiência de encarnação na condição de mendigo. Para ele e seus companheiros, na Itália, já a partir de 1537, (portanto dois anos antes da fundação da Companhia), o Apostolado Social (práticas junto aos empobrecidos) era uma das frentes de atividade, ao lado da pregação, do ensino catequético e da confissão. É de destaque uma importante iniciativa social junto às mulheres de rua ou prostitutas, em Roma. Por diversos fatores, o apostolado social, enquanto tal, não chegou a ser colado historicamente à “marca” jesuíta enquanto apostolado próprio da Companhia, até a primeira metade do século XX. Isso está relacionado, em grande parte, com a concepção de pastoral que predominava na Igreja católica e também, mais tarde, com a maneira como esta Igreja se relacionou com o mundo moderno, em todos os campos, mas, sobretudo, no campo social. Também está associado à supressão sofrida pela Companhia de Jesus e a maneira como ela se restaurou buscando, em primeiro plano, afirmar-se no campo educacional. No entanto, alguns nomes são notáveis e exemplares, tais como: o Pe. Francisco Xavier¹, no Oriente, o Pe. Ricci², na China, o Pe.

1 **Francisco Xavier (1506-1552)**: missionário jesuíta espanhol, um dos pioneiros e co-fundador da Companhia de Jesus. Morreu na China. Foi canonizado pelo Papa Urbano VIII. Confira a entrevista realizada pela IHU On-Line com jornalista espanhol Pedro Miguel Lamet, intitulada Francisco Xavier: o aventureiro de Deus, disponível em <http://migre.me/11VrV>. (Nota da IHU On-Line)

2 **Matteo Ricci (1552-1610)**: missionário que viveu já em sua época os princípios básicos do Vaticano II, especialmente a inculturação e o diálogo inter-religioso. Depois de estudar direito em Roma, entrou na Companhia de Jesus, em 1571. Durante sua formação, interessou-se também por várias matérias científicas, como matemática, cosmologia e astronomia. Em 1577, pediu para ser enviado às missões no Leste da Ásia e, aos 24 de março de 1578, embarcava em Lisboa, chegando a Goa, capital das Índias Portuguesas, aos 13 de setembro do mesmo ano. Alguns meses depois, foi destinado para Macao, a fim de preparar sua entrada na China. Confira a entrevista realizada pela IHU On-Line com Nicolas Standaert, intitulada *O “caminho chinês”. A contribuição da China para o mundo*, disponível em <http://migre.me/11Vn3>. A Revista IHU On-Line está organizando uma edição especial sobre Matteo Ricci, por ocasião do 4º centenário da sua morte, a ser publicada em breve. (Nota da IHU On-Line)

Nobili³, na Índia, o Pe. Pedro Claver⁴, na Colômbia, o Pe. Von Spee⁵, na Alemanha e os padres Nóbrega, Anchieta⁶, Vieira⁷, Malagrida⁸ e outros, no Brasil. Não se pode deixar de referir, sobretudo, o monumental trabalho junto aos povos indígenas guarani, os “povos das missões”⁹, ao longo dos séculos XVII e

3 **Roberto de Nobili (1577-1656)**: jesuíta italiano que foi missionário na Índia. (Nota da IHU On-Line)

4 **Pedro Claver (1580-1654)**: entrou na Companhia de Jesus com 21 anos e depois dos estudos foi enviado como missionário a Cartagena, porto da Colômbia, onde trabalhou com os negros escravizados. (Nota da IHU On-Line)

5 **Friedrich Spee (1591-1635)**: jesuíta e poeta alemão, foi a primeira pessoa do seu tempo que lutou contra a tortura em geral. (Nota da IHU On-Line)

6 **José de Anchieta (1534-1597)**: padre jesuíta espanhol, um dos fundadores de São Paulo e declarado beato pelo papa João Paulo II. É cognominado de Apóstolo do Brasil. (Nota da IHU On-Line)

7 **Antônio Vieira (1608-1697)**: padre jesuíta, diplomata e escritor português. Veio para o Brasil em 1915 e logo começou seus estudos no Colégio dos Jesuítas. Mais tarde ingressou na Companhia de Jesus. Foi um grande orador sacro. Desenvolveu expressiva atividade missionária entre os indígenas do Brasil procurando combater a sua escravidão pelos senhores de engenho. Em 1641 voltou a Portugal onde exerceu funções políticas como conselheiro da Corte e embaixador de D. João IV principalmente no que se referia às invasões holandesas do Brasil. Retornou ao Brasil em 1652, tendo estado no Maranhão, onde fez acusações aos senhores de engenho escravocratas na defesa da liberdade dos índios. Foi expulso do país, juntamente com outros jesuítas. Envolveu-se, posteriormente, com a Inquisição e chegou a estar detido por um ano. Voltou ao Brasil em 1681, para a Bahia, onde veio a falecer anos mais tarde, no Colégio de Salvador. Entre suas obras estão: *Sermões*, composto por 16 volumes que foram escritos entre 1699 e 1748; *História do Futuro* (1718); *Cartas* (1735-1746), em três volumes; *Defesa perante o tribunal do Santo Ofício* (1957), composto por dois volumes e *Arte de furtar*, escrito em 1744, porém, de autoria duvidosa. Confira a edição 244 da IHU On-Line, de 19-11-2007, *Antônio Vieira. Imperador da língua portuguesa*. (Nota da IHU On-Line)

8 **Gabriel Malagrida (1689-1761)**: jesuíta italiano, missionário no Brasil e pregador em Lisboa, que depois de condenado por heresia no âmbito do Processo dos Távoras, foi garrotado e queimado na fogueira num auto-de-fé realizado no Rocio de Lisboa. Sobre Malagrida leia as entrevistas com Renato Barbieri “Malagrida, um humanista radical” (<http://migre.me/11Fsv>) e “Malagrida e o cinema brasileiro” (<http://migre.me/11FrD>) (Nota da IHU On-Line)

9 Sobre o tema, a Unisinos, sob a coordenação do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, e apoio do Programa de Pós-Graduação em História promove o XII Simpósio Internacional IHU - A experiência missionária: território, cultura e identidade, em São Leopoldo/RS, de 25 a 28-10-2010. Mais informações em <https://www.>

XVIII. Ao longo do século XX, especialmente nas décadas de 1930 a 1960, foram notáveis algumas presenças organizadoras, promocionais e assistenciais junto à classe operária urbana. Devem ser lembrados, próximos de nós, os padres João Batista Reus, Leopoldo Brentano, Inácio Valle, Cândido Santini, Claudio Mascarello e outros. Destaque grande também deve ser feito à incidência no desenvolvimento e organização social no meio rural. Devem ser citados diversos nomes, neste sentido, mas vamos destacar o nome do Pe. Max Von Lassberg e do Pe. Theodor Amstad¹⁰. O primeiro como desbravador de novas fronteiras agrícolas ajudando a fundar novas comunidades; e o último pela maravilhosa obra das cooperativas no meio rural. Os quatro últimos Superiores Gerais passaram a sublinhar com maior insistência a importância do Apostolado Social na Companhia de Jesus. A começar pelo Pe. João Baptista Janssens, passando pelo Pe. Pedro Arrupe, depois Pe. Peter-Hans Kolvenbach e hoje o Pe. Adolfo Nicolás¹¹.

O papel do Pe. Janssens

A começar pelo Pe. João Batista Janssens, que na célebre Instrução Apostólica de 10/10/1949, justifica a necessidade do Apostolado Social como expressão genuína da nossa vocação, explicitada nas prescrições do Instituto, e exigência diante dos danos produzidos pelo comunismo ateu e do liberalismo capitalista e suas consequências indesejáveis: a situação dos trabalhadores, produto nefasto das injustiças sociais e das perturbadoras estruturas econômicas. Em meados da

unisinos.br/eventos/experiencia_missioneira/ (Nota da IHU On-Line)

10 **Theodor Amstad (1851-1938)**: religioso suíço que se estabeleceu no Rio Grande do Sul. Fez os primeiros estudos na terra natal, sendo depois ordenado padre jesuíta na Inglaterra em 1883. Chegou ao Rio Grande do Sul em 1885, onde foi vigário em várias paróquias das colônias alemãs. Em 28 de dezembro de 1902, em Nova Petrópolis, fundou o modelo cooperativo que deu origem ao Sistema Sicredi, hoje propagado pelo Brasil inteiro. (Nota da IHU On-Line)

11 **Adolfo Nicolás Pachón (1936)**: sacerdote católico espanhol, Superior Geral da ordem desde 19 de janeiro de 2008. Leia no sítio do IHU uma série de matérias com ele, entre as quais citamos a entrevista “Se tudo muda, por que resistimos à mudança?”, publicada em 22-02-2009 e disponível em <http://migre.me/11Fed> (Nota da IHU On-Line)

década de 1950, o mesmo Pe. Janssens confiou ao Pe. Foyaca, uma visita a todas as Províncias da América Latina, tendo como ponto de atenção: os jesuítas e a questão social. É a partir da Instrução Apostólica de 1949 e desta visita do Pe. Foyaca,¹² que devemos ler a origem dos CIAS (Centros de Investigación y Acción Social). Em carta a todos os Provinciais da América Latina, em 24/12/1962, Pe. Janssens incentivava, na época, a promoção e o desenvolvimento dos CIAS no contexto latino-americano. O Pe. Pedro Arrupe, ao assumir como Superior Geral, em 1965, herdou, assim, um grande dinamismo no Setor. Já em 1966, registrava-se a existência de 23 CIAS, com 165 jesuítas neles atuantes, em toda a Companhia Universal. Sendo que, destes, 11 na América Latina, com 87 jesuítas neles atuantes. Em Carta sobre o Apostolado Social na América Latina, 12/12/1966, o Pe. Arrupe anunciava a criação do CLACIAS (Consejo Latino Americano de CIAS), e escrevia o seguinte: “O objetivo fundamental dos CIAS (e, consequentemente, do Apostolado Social) será a transformação da mentalidade e das estruturas sociais no sentido da justiça social, preferentemente no setor da promoção popular, com a finalidade de possibilitar uma maior dedicação, participação e responsabilidade, em todos os níveis da vida humana”.

A condução de Pe. Arrupe

A partir da Congregação Geral XXXI, o Pe. Arrupe assim se refere ao Apostolado Social: “O que o Apostolado Social diretamente pretende, com todo o empenho, é informar as próprias estruturas da convivência humana de mais justiça e caridade, para poder qualquer homem participar em pessoa, e exercer a sua iniciativa e responsabilidade em todos os setores da vida social”. A Congregação Geral XXXII, em grande parte devido à forte liderança do Pe. Pedro Arrupe, ao

¹² Manuel Foyaca: padre jesuíta cubano, conhecido por seu empenho no apostolado social. Ele foi o delegado do Padre Superior Geral dos Jesuítas, Pe. Janssens, para implementar os Centros de Pesquisa e Ação Social - CIAS - em toda a América Latina. Escreveu *As encíclicas sociais* (Rio de Janeiro, Agir, 1967). Sobre ele, confira *Manuel Foyaca S.J.: pionero de la Justicia Social Cristiana en las Américas* (San Juan: Centro de Cultura UNESCO, 2005), de autoria de Antonio J. Molina. (Nota da IHU On-Line)

“Para trabalhar em rede é necessário que comecemos em nossa própria casa”

definir a Missão da Companhia, deu centralidade ao binômio integrado: serviço da fé e promoção da justiça, recuperando para os dias de hoje o que está expresso, em outras palavras, na Fórmula Originária do Instituto. Nem tudo foi tranquilo e sem sofrimento no seguimento fiel a esta Missão. Houve desconfortos e desilusões, para não falar de perseguições. O Pe. Peter Hans Kolvenbach, mesmo que marcado inicialmente pelo cuidado por curar algumas feridas no tecido social da Companhia e em sua relação com o corpo todo da Igreja, ao longo de sua longa trajetória como Superior Geral, no entanto, manifestou de forma crescente a sua apreensão e preocupação para que se encontrassem formas de redimensionar e revigorar o Apostolado Social na Companhia, como expressão importante de sua Missão nos dias de hoje. A Congregação Geral XXXIV, sob a sua liderança, reafirmou a formulação da Missão, seguindo a Congregação Geral XXXII, que apresentara o binômio integrado do Serviço da Fé e Promoção da Justiça e acrescentou novos aspectos, chamando a atenção, também, para a importância fundamental do Diálogo Cultural e Inter-Religioso. Com o Pe. Adolfo Nicolás, amparado pela Congregação Geral XXXV, o Apostolado Social desponta com novas dimensões e renovado vigor. Retomando e reforçando o binômio Serviço da Fé e Promoção da Justiça e a urgência do Diálogo Cultural e Inter-Religioso, as novas dimensões que apontam forte são o cuidado com o meio ambiente (dimensão ecológica) e a atenção às novas fronteiras, num mundo que avança vertiginosamente no meio científico e tecnológico levando às vezes de roldão a dignidade e o sentido da existência humana. Mais do que nunca, a partir da Congregação Geral XXXV, se insiste na importância de um vigoroso trabalho em rede para termos condições de fazer algo que tenha efetivo impacto e alcance.

IHU On-Line - Nesse contexto histórico e dentro da proposta dos CIAS, como surgem o Cedope e o IHU? O que influencia o fato de surgirem dentro de uma universidade?

José Ivo Follmann - Eu tive, pessoalmente, a sorte de acompanhar o CEDOPE¹³ ao longo de toda a sua história desde o ato formal de sua criação em 1971 até o ato formal de sua extinção em 2001. Também fiz parte da criação do IHU em 2001, liderando como Diretor do então Centro de Ciências Humanas da Unisinos o longo processo de reflexão, e, por que não, negociação, relativo a esta nova criação. O CEDOPE foi liderado na sua criação e grande parte de sua existência, nas primeiras duas décadas, pelo Pe. Pedro Calderan Beltrão que adotou uma postura diferenciada com relação aos CIAS (Centros de Investigación y Acción Social). Ele postulava um trabalho social mais científico e de caráter acadêmico. O Pe. Beltrão nunca quis de fato que o CEDOPE fosse considerado como um CIAS, pois ele tinha diferenças ideológicas e teóricas com relação à linha em geral adotada nos CIAS. No final de três décadas de existência o CEDOPE talvez estivesse mais próximo da ideia originária de CIAS, mas estava se sentindo a necessidade de maior foco e também integração com a universidade. Foi o que desencadeou a ideia da criação do que hoje é o IHU (Instituto Humanitas Unisinos) somando-se neste processo, além do CEDOPE, o Núcleo de Humanismo Social Cristão e a própria Pastoral da universidade.

IHU On-Line - Qual seria a principal diferença do IHU em relação aos outros CIAS?

José Ivo Follmann - O IHU nasce como proposta de renovação ou de ressignificação da própria ideia de CIAS para os nossos tempos. Ele foi construído inspirado basicamente na ideia dos CIAS, mas dando a esta ideia um novo rosto e uma nova dinâmica de interlocução dentro dos grandes debates presentes nos dias de hoje, tendo como apoio facilitador a interface e a estrutura da universidade. O IHU, no meu entender, consegue ser a expressão daquilo que,

¹³ Centro de Documentação e Pesquisa. (Nota da IHU On-Line)

em muitos momentos, foi e está sendo almejado por diversos CIAS, na busca de uma maior aproximação com o debate acadêmico, sobretudo quando se trata de trabalhos de pesquisa.

Integrando o IHU na Rede SJ-CIAS está se buscando também uma maior interlocução do mesmo com as diferentes frentes de Ação Social da Província.

IHU On-Line - O senhor, de fato, vê a questão social como central na Companhia de Jesus?

José Ivo Follmann - Para mim, a questão social é central na Companhia de Jesus. Como eu disse no início, faz parte do seu DNA. Sempre me empenhei por isto. Entrei na Companhia de Jesus com esta perspectiva no meu horizonte. Mas creio que existem entendimentos diferentes do que significa questão social e de como fazer frente a ela. São entendimentos que se expressam em posturas teóricas e metodológicas diferenciadas, às vezes até opostas.

IHU On-Line - Que balanço o senhor faz entre o que dizem os documentos sobre a ação social na Companhia e a prática? Não há contradição entre priorizar colégios e universidades privadas em detrimento do social?

José Ivo Follmann - A Companhia de Jesus tornou-se, ao longo da história, muito complexa e responde, na prática, por diferentes obras e atividades, em uma grande diversidade de frentes. De fato, na minha avaliação, nem sempre o social conseguiu ter a visibilidade e a importância que o carisma inaciano lhe exige. A insistência dos últimos Superiores Gerais, no entanto, no sentido de animar o Apostolado Social, com recorrente insistência, ao longo das últimas décadas, é indicativo importante de que existe no governo central da Companhia forte empenho para que as diretrizes expostas nos documentos tenham incidência clara na prática apostólica. A atividade em colégios e universidades e, portanto, dirigidos para um público com condições de pagar preços que, em geral, são elevados devido ao alto custo de uma atividade destas quando feita com excelência, é cer-

tamente um grande desafio. Temos que romper com a contradição, ou seja, transformar este tipo de atividade em pública, apesar de não estatal, testemunhando a possibilidade de promover efetiva formação cidadã neste nível. Creio que um bom caminho está na interface que estamos provocando entre o Setor Social e o Setor Educacional através da rede SJ-CIAS, uma vez que grande parte dos trabalhos sociais desenvolvidos nos centros constituintes desta rede são trabalhos apoiados pelos colégios e universidades, bem como, também, são eventualmente espaço de participação formativa dos próprios alunos destas instituições educativas.

IHU On-Line - Hoje os jesuítas estão atuando no âmbito social ou se acomodaram? Quais as obras sociais, quais os eixos que estão sendo priorizados?

José Ivo Follmann - Não percebo acomodação. Houve diminuição de quadros, mas existe um grande dinamismo em termos de Centros Sociais pelo mundo afora. No mundo hoje se conhecem 549 Centros e Obras Sociais da Companhia de Jesus. Na América Latina e Caribe, a Companhia de Jesus é responsável por 44 Centros Sociais, nos quais trabalham 1.933 pessoas, das quais 463 são voluntárias e 81 são jesuítas. Além dos Centros existem ainda 65 Obras Sociais, envolvendo o trabalho de aproximadamente 40.000 pessoas, a maioria das quais são voluntárias. Tendo o serviço da fé e a promoção da justiça como o eixo dinamizador básico central, a promoção do diálogo cultural e inter-religioso ocupa um lugar de referência fundamental em quase todos os contextos. Destacam-se, ainda, as diversas e bem sucedidas iniciativas de investigação e de reflexão, bem como de conferências e publicações sobre temas sociais e a promoção de redes com outros centros, grupos e organizações. Soma-se a tudo isto o apoio à construção e a implementação de políticas públicas adequadas e justas e alguns trabalhos pontuais de alcance internacional, hoje, como o trabalho com refugiados e migrantes e a grande rede de apoio às vítimas da Aids na África. Como já falei acima, o cuidado com

o meio ambiente (dimensão ecológica) e a atenção às novas fronteiras, num mundo que avança vertiginosamente no meio científico e tecnológico levando às vezes de roldão a dignidade e o sentido da existência humana, hoje passou a ter atenção central na preocupação social.

IHU On-Line - Como o senhor analisa o Plano Político Institucional - PPI da Rede SJ-CIAS?

José Ivo Follmann - Entendo que o PPI da Rede Jesuíta de Cidadania e Ação Social é um importante avanço para o Apostolado Social da Província do Brasil Meridional e quem sabe para todo o Setor Social da Companhia de Jesus no Brasil. Além de, através de uma construção coletiva consistente estar proporcionando uma orientação comum nos trabalhos sociais da Província, consegue estabelecer um link simbólico com a ideia de CIAS. A ideia dos Centros de Investigación y Acción Social (CIAS) construída nos anos sessenta não só é lembrada na sigla da Rede SJ-CIAS, mas a ideia de Cidadania e Ação Social em seu desdobramento teórico retoma com novos matizes e linguajar adequado aos tempos de hoje, grande parte da proposta dos então CIAS, sendo que, agora, com uma interação mais clara com os demais Setores de Apostolado da Companhia, sobretudo o Setor Educativo. Tudo isto, evidentemente, está demandando uma permanente atenção com relação à capacitação de todas as equipes atuantes nos projetos sociais dos Centros que integram a Rede. Os resultados positivos, no entanto, já se fazem visíveis e, certamente, a proposta poderá ser pensada mais amplamente em plano nacional, no processo de constituição da Província do Brasil. E, como referi no início desta conversa, o exercício de trabalhar concretamente em rede, em casa, nos estará habilitando para trabalhos mais amplos e efetivos em nível internacional, como é a Rede dos Centros Sociais, em nível de América Latina e Caribe e outras redes. O PPI da Rede SJ-CIAS lançou as bases e a sua execução ajudar-nos-á, com certeza, no aprendizado para trabalhar em rede.

O serviço da fé que busca a promoção da justiça e o diálogo com a sociedade

João Inácio Wenzel entende que é preciso avaliar os instrumentos utilizados e encontrar formas de entrar em diálogo com o sujeito contemporâneo pelos meios modernos de comunicação, e trabalhar uma cultura de rede que rompa com o individualismo, respeitando cada um na sua individualidade

POR GRAZIELA WOLFART

Ao recordar a origem dos Centros de Investigação e Ação Social (CIAS), o padre jesuíta João Inácio Wenzel afirma que eles “surtem num contexto de responder, por um lado, aos desafios do crescente empobrecimento das populações, em meio à guerra fria, e, por outro, aos apelos da Igreja do Concílio Vaticano II (1965) que abre as portas e janelas para um diálogo com o mundo moderno”. Ele reconhece que a atualidade do trabalho dos CIAS consiste, por um lado, “em reavivar criativamente o carisma iniciano de ser presença junto aos setores sociais que estão na ponta terminal da linha da pobreza, bem como colaborar no seu processo de afirmação cidadã; e por outro lado, consiste em contribuir no amadurecimento do projeto utópico de transformação sociopolítica, econômica, cultural e ambiental da sociedade, de respeito à diversidade e gerador de humanidades”. A atualidade também se dá, continua Wenzel, “na capacidade de articular ações que respondem às novas velhas demandas sociais, como o resgate de trabalhadores que vivem em situação análoga a de escravos, e entender este processo na lógica perversa do capital mediante estudo e análise da realidade. Dá-se, igualmente, no enfrentamento do ceticismo na capacidade de mobilização social em torno de bandeiras de luta, como o plebiscito pela redução do módulo máximo de propriedade, pelo cultivo da espiritualidade encarnada, de compromisso e transformação social”. Essas e outras afirmações estão na entrevista que cenceceu por e-mail à IHU On-Line.

João Inácio Wenzel é coordenador do Centro Burnier Fé e Justiça, e diretor do Centro Jesuíta de Cidadania e Ação Social de Cuiabá, Mato Grosso. Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, graduação em Teologia pelo Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus e mestrado em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, de Belo Horizonte, MG. Para responder às questões desta entrevista, ele contou com a contribuição de vários membros do Centro Burnier, como Rosângela Goes, da Economia Solidária do Mato Grosso, Keka Werneck, jornalista, Roberto Rossi, pesquisador, e Jair José Schuh, psicólogo. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual a atualidade do trabalho dos CIAS no sentido de pôr em prática a missão da Companhia de Jesus (serviço da fé, promoção da justiça e diálogo cultural e inter-religioso) na sociedade contemporânea?
João Inácio Wenzel - Desde a fundação da Companhia de Jesus estava presente a preocupação em atender às urgências sociais da época e, ao mesmo tempo, optar pelo “maior fruto e alcance mais universal”, conforme os critérios apostólicos (critérios eclesiais)

para seleção de ministérios. Assim, do primeiro abrigo para atender mulheres exploradas sexualmente nasce um primeiro centro educativo. Quando Laínez e Salmerón¹ foram escolhidos para colaborar na assessoria teológica no Concílio de Trento² (1545), rece-

¹ Laínez e Salmerón: dois dos primeiros jesuítas do grupo pioneiro de Santo Inácio de Loyola. Tiveram papel destacado no Concílio de Trento, realizado de 1545 a 1563. (Nota da IHU On-Line)

² Concílio de Trento: realizado de 1545 a 1563, foi o 19º concílio ecumênico. Foi convocado pelo Papa Paulo III para assegurar a unidade da fé (sagrada escritura histórica) e a disciplina

bem a recomendação de Santo Inácio de Loyola³ para que se hospedassem no hospital, a fim de também darem assistência aos doentes. Os Centros de Investigação e Ação Social (CIAS) surtem num contexto de responder, por

eclesiástica, no contexto da Reforma da Igreja Católica e a reação à divisão então vivida na Europa devido à Reforma Protestante, razão pela qual é denominado como Concílio da Contra-Reforma. (Nota da IHU On-Line)

³ Inácio de Loyola (1491-1556): fundador da Companhia de Jesus, conhecida como os Jesuítas, cuja missão é o serviço da fé, a promoção da justiça, o diálogo inter-religioso e cultural. (Nota da IHU On-Line)

um lado, aos desafios do crescente empobrecimento das populações, em meio à guerra fria, e, por outro, aos apelos da Igreja do Concílio Vaticano II (1965) que abre as portas e janelas para o diálogo com o mundo moderno. A Companhia, buscando entender seu papel histórico, fez uma opção estratégica de criar e desenvolver CIAS em diferentes partes do continente. Estes, por sua vez, contribuíram para a redefinição do carisma como serviço da fé e promoção da justiça, na Congregação Geral 32^{aa} (1975), reassumida e ampliada na questão do diálogo cultural e inter-religioso, nas congregações posteriores. A atualidade do trabalho dos CIAS consiste, por um lado, em reavivar criativamente o carisma inaciano de ser presença junto aos setores sociais que estão na ponta terminal da linha da pobreza, bem como colaborar no seu processo de afirmação cidadã; por outro lado, consiste em contribuir no amadurecimento do projeto utópico de transformação sociopolítica, econômica, cultural e ambiental da sociedade, de respeito à diversidade e gerador de humanidades. A atualidade também se dá na capacidade de articular ações que respondem às novas velhas demandas sociais, como o resgate de trabalhadores que vivem em situação análoga a de escravos, e entender este processo na lógica perversa do capital mediante estudo e análise da realidade. Dá-se, igualmente, no enfrentamento do ceticismo na capacidade de mobilização social em torno de bandeiras de luta, como o plebiscito pela redução do módulo máximo de propriedade⁵, pelo cultivo da espiritualidade encarnada, de compromisso e transformação social.

IHU On-Line - As características dos sujeitos contemporâneos não exigem dos CIAS uma renovação de sua

4 32ª Congregação Geral: convocada por Pedro Arrupe em 8 de setembro de 1973, com o principal propósito de definir e eficazmente concretizar o tipo de serviço que a Companhia de Jesus deve prestar à Igreja neste período de rápidas mudanças no mundo. (Nota da IHU On-Line)

5 O Instituto Humanitas Unisinos apóia o Plebiscito Popular pelo limite da propriedade da terra, a ser realizado de 1º a 7 de setembro de 2010. Para maiores informações, acesse <http://migre.me/11VeO>. (Nota da IHU On-Line)

“O sujeito atual está embebido pela estrutura individualista. É difícil alcançá-lo para uma postura mais social”

proposta inicial?

João Inácio Wenzel - Enquanto finalidade, não. Enquanto instrumentos e mediações, certamente sim. Tanto as pessoas, enquanto sujeitos individuais, quanto os projetos de ação coletiva, precisam se pautar pelo fim último, o “reino e sua justiça”. Na linguagem inaciana, isso corresponde à primeira parte do título dos “Exercícios Espirituais⁶ para vencer a si mesmo e ordenar a própria vida”, ou seja, a nossa intencionalidade. “Assim, qualquer coisa que se escolher deve ajudar-nos a atingir o fim para o qual somos criados, sem ordenar e trazer o fim para o meio, mas o meio para o fim” [EE 169,3]. Há, portanto, de se respeitar a hierarquia dos meios e dos fins. Os meios que escolhemos podem nos trair, determinando-nos, escravizando-nos ou fazendo-nos perder a direção. É o que expressa a segunda parte do título do livro de Inácio de Loyola: “...sem se determinar por nenhuma afeição desordenada” [EE 21]. Os sujeitos com os quais trabalhamos no momento são jovens, mulheres, afro-descendentes, indígenas, egressos do trabalho escravo, lideranças comunitárias, e os sujeitos coletivos que integram os diferentes movimentos sociais, de luta pela terra, fóruns de luta, de erradicação do trabalho escravo, direitos humanos, etc. Eles exigem uma postura consciente sobre os problemas atuais. Muitos deles são históricos, impactando a coletividade há tempos. O sujeito atual está embebido pela estrutura individualista. É difícil alcançá-lo para

6 Exercícios Espirituais: criados por Santo Inácio de Loyola a fim de ajudar os outros em seu crescimento espiritual. Consistem em um modo e um roteiro para ajudar as pessoas a perceber e acolher a íntima ação de Deus em suas vidas, e acolhê-la em uma dinâmica de uma participação cada vez mais efetiva na Vida e na Missão de Jesus Cristo. (Nota da IHU On-Line)

uma postura mais social. No entanto, também está carregado de potencialidades e desejos de entrar em relação e comunhão com as outras pessoas. Como provocar um processo de conversão dessa árvore que produz egoísmo em uma árvore que produza frutos de partilha? João Batista quis colocar o machado à raiz. Jesus propôs adubar a terra para ver se a árvore começa a produzir frutos da justiça do reino (cf. Lc 13,8). É preciso, então, avaliar os instrumentos que utilizamos e encontrar formas de entrar em diálogo com este sujeito pelos meios modernos de comunicação, e trabalhar uma cultura de rede que rompa com o individualismo, respeitando cada um na sua individualidade. Pela nossa experiência, continuam válidos instrumentos antigos, presente desde a origem da Companhia, como os Exercícios Espirituais na Vida Corrente, reavivados nas últimas décadas com diferentes enfoques, e as oficinas de espiritualidade inaciana que despertam as pessoas para os seus desejos mais fundos de sair de si e ir ao encontro do outro. Muito significativo também foi o vídeo-fórum sobre a Ética e as Religiões do Mundo, que promoveu um diálogo cultural e inter-religioso de alto nível e grande proveitoso.

IHU On-Line - Qual a contribuição que os jesuítas podem dar à sociedade e à Igreja no sentido de escutar os sinais dos tempos a partir da realidade contemporânea?

João Inácio Wenzel - Continuar o legado deixado por Inácio de viver intensamente os Exercícios Espirituais como pessoas sóbrias, ousando deixar-se conduzir pelo Espírito do Senhor e levar a sério a opção cristológica pelos pobres. Começando da pedra angular, ordenar pedra por pedra em vista de alcançar o fim que se quer. Para isso será necessário avaliar constantemente os nossos instrumentos para não cair nas armadilhas que a sociedade consumista nos apresenta. Em tempos que a Igreja institucional se fecha sobre si mesma e acentua a relação vertical em detrimento da relação horizontal de amor ao próximo, a nossa contribuição é ser um contrapeso, ajudando-a a sair de si e en-

frentar a realidade contemporânea. Daí segue a manutenção do compromisso com os empobrecidos, a inserção nos debates sociais e ações de denúncia da exploração e da injustiça, ao mesmo tempo em que se realizam obras que promovam a justiça social. Em tempos que a sociedade, como um todo, se fecha sobre si mesmo. Aqui em Mato Grosso trabalhamos junto ao Fórum de Erradicação ao Trabalho análogo ao Escravo, no FORMAD, no Fórum de Lutas, no apoio a Reforma Agrária, às mulheres e aos povos indígenas, aos dependentes químicos e às crianças. Temos atuado não só com a denúncia de que estes sujeitos sofrem violência e exploração decorrentes da organização de nossa sociedade, mas desenvolvemos também ações efetivas que buscam se contrapor a esta realidade.

IHU On-Line - Qual a importância da parceria entre os CIAS do Brasil e da América Latina? Como isso pode ser implementado para que o trabalho em rede provoque resultados com maior expressão na realidade de pobreza latino-americana?

João Inácio Wenzel - A parceria entre os CIAS do Brasil e da América Latina é de uma importância muito grande. Esbarra em resquícios individualistas presentes também em nós que nos movemos na rede. Abre, ao mesmo tempo, possibilidades de articulação entre vários movimentos que podem servir não só como referência ou modelo, mas que articulados podem propor e realizar outra proposta de desenvolvimento para nosso continente, criando uma cultura de cooperação entre os diferentes povos que aqui habitam. Portanto, primeiramente precisamos constituir a rede. Segundo, constituí-la de forma efetiva, através da partilha de objetivos, metas, metodologias. Mas para isso será necessário vencer o “inimigo da humanidade”, deixando simplesmente de alimentar o espírito capitalista de concorrência, o “faraó” que se mantém vivo em cada um de nós, e se nutrir com experiências de solidariedade e cooperação. Como isso concretamente vai ser im-

plementado não sei, mas certamente, se buscarmos juntos, e fazermos ensaios concretos, iremos avançando palmo a palmo.

IHU On-Line - Como o Centro Burnier tem desenvolvido suas ações a partir da proposta dos CIAS e da missão da Companhia de Jesus?

João Inácio Wenzel - Buscando traduzir para os dias atuais a inspiração dos CIAS, a missão do Centro Burnier se expressa no “Serviço da Fé” que busca a “Promoção da Justiça” e o “Diálogo” com a sociedade mato-grossense. Nessa perspectiva, o Centro Burnier contribui na “formação integral de pessoas para intervirem com eficácia na sua realidade” social e cultural. Além disso, suas ações significam uma presença “comprometida e solidária junto aos excluídos”, o que faz do Centro Burnier um “aliado estratégico para impulsionar a promoção de uma sociedade justa e solidária”. Visando realizar sua missão e seus objetivos, as atividades do Centro Burnier se desenvolvem em torno de quatro programas de ação, a saber: 1) Capacitação de lideranças populares; 2) Espiritualidade inaciana encarnada na vida dos grupos populares; 3) Produção de estudos e pesquisa cuja finalidade é a compreensão da realidade mato-grossense para, dessa forma, comprometer-se com ela e nela; 4) Intervir como um instrumento efetivo de transformação social articulado com a sociedade civil organizada, movimentos sociais e populares que visam a defesa e a promoção dos direitos humanos e da cidadania. Além disso, ajudamos a costurar a rede local de apoio e trabalho conjunto com outras entidades que procuram concretizar a missão da companhia em terras mato-grossenses: Centro Referencial de Desenvolvimento Humano que atua com projetos de economia solidária, Fé e Alegria que trabalha com crianças, adolescentes e pessoas portadoras de deficiência física, Sítio Beato José de Anchieta que trabalha a recuperação de dependentes químicos, e a Paróquia do Rosário e São Benedito, que tem sido uma referência histórica no movimento social.

Participe dos eventos do IHU
www.ihu.unisinos.br

Diálogo cultural e inter-religioso, fundamentos para construir a justiça e a paz

Mauricio García Durán lembra que preocupação dos centros sociais jesuítas, pelo menos na América Latina, sempre esteve orientada para as situações de injustiça e pobreza que as populações de nossos países viviam

POR GRAZIELA WOLFART

Para Mauricio García Durán, o trabalho social desenvolvido pelos jesuítas na América Latina tem importância no sentido de que “caminhamos com nossos povos, particularmente com aqueles excluídos e que sofrem diversas formas de injustiça, para que nesse caminhar conjunto possamos colaborar na construção de alternativas que permitam que a justiça, a democracia e a paz sejam realidade para todos nossos povos”. Na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**, Mauricio García fala sobre o trabalho desenvolvido no Cinep, na Colômbia: “somos conscientes de que nosso apostolado deve ter uma dimensão social que manifeste o compromisso pela justiça que é fruto de nossa fé, que torne real a opção pelos pobres de Jesus e da Igreja, que potencie o diálogo intercultural e inter-religioso, e que promova tudo isso em uma perspectiva de reconciliação”. E destaca que “não é possível construir justiça e paz em nossa sociedade sem passar por processos profundos de diálogo intercultural e inter-religioso”.

Mauricio García Durán, é diretor geral do CINEP (Centro de Investigación e Educación Popular) - Programa pela Paz, com sede em Bogotá, Colômbia. É sacerdote jesuíta, com formação em Ciência Política, Filosofia, Teologia e doutorado em Estudos de Paz. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual a importância do trabalho social desenvolvido pelos jesuítas para a realidade latino-americana?

Mauricio García Durán - É um trabalho que pode ter alguma importância no sentido de que caminhamos com nossos povos, particularmente com aqueles excluídos e que sofrem diversas formas de injustiça, para que nesse caminhar conjunto possamos colaborar na construção de alternativas que permitam que a justiça, a democracia e a paz sejam realidade para todos nossos povos. O esforço realizado por jesuítas e companheiros/as leigos nesta direção, enquanto faz sinergia e consolida dinâmicas de coordenação e articulação, contribui para tornar real uma América Latina distinta, manifestação da realização do Reinado de Deus em nosso meio.

IHU On-Line - Que transformações a proposta inicial dos CIAS jesuítas têm sofrido ao longo dos anos em sua trajetória histórica? Qual a atualidade dos CIAS hoje?

Mauricio García Durán - Não é fácil responder a esta pergunta, considerando que desconheço qual foi o conteúdo concreto da proposta que impulsionou os CIAS na Companhia Universal. Sei que respondeu a uma iniciativa do Pe. Janssens, que reconheceu a necessidade de promover o apostolado social em toda a Companhia e, para isso, promoveu a criação dos CIAS. Na América Latina o Pe. Foyaca foi encarregado de fundar tais centros ao longo de todas as províncias. Até onde tenho conhecimento, o eixo de orientação de tais centros era a Doutrina Social da Igreja. Pelo que conheço de nosso próprio centro (CINEP), as mudanças que se dão na forma de

estudar e analisar a realidade social e de intervir nela se dão promovidas pelo Concílio Vaticano II, pela II Conferência do Episcopado em Medellín e pela Congregação Geral número 32. A preocupação dos centros sociais, pelo menos na América Latina, esteve orientada para as situações de injustiça e pobreza que as populações de nossos países viviam. Emerge uma clara opção pelos pobres e um compromisso com a promoção da justiça. Portanto, se geram múltiplas experiências de pesquisa, mas também de educação popular e organização social orientadas para promover alternativas sociais que foram respostas às injustiças e exclusões que nossos povos viviam. Esta busca de alternativas não será jamais alheia à dinâmica de mudanças políticas e revoluções que se viverão nesses anos no continente; em primeiro lugar a

Revolução Cubana¹ e, anos depois, a Revolução Nicaraguense². Daí o diálogo que o trabalho de pesquisa e educação popular teve com as tendências de esquerda existentes no país nesses anos. No caso colombiano, o longo conflito armado que o país viveu levou nosso centro a pôr dentro de suas prioridades o trabalho pela paz e a busca de uma solução negociada do conflito armado. Esta situação manteve em primeiro plano o trabalho de defesa dos direitos humanos. Mas também o trabalho pela busca de uma sociedade mais justa e democrática. A crise do socialismo apresenta uma crise de paradigmas que nos leva a repensar estratégias e buscar alternativas a partir do trabalho realizado com grupos sociais concretos.

IHU On-Line - Como o senhor define o trabalho do Cinep hoje e como ele se enquadra na proposta dos CIAS?

Mauricio García Durán - Em primeiro lugar, hoje definimos nossa missão assim: “Apostamos pela vida. Trabalhamos por uma sociedade justa, sustentável e em paz”. Para isso desenvolvemos três estratégias: (1) pesquisa e produção de informação da realidade colombiana; (2) educação e acompanhamento de organizações sociais; (3) comunicação e incidência no âmbito público. E para isso intervimos em três grandes eixos temáticos:

- * Movimentos sociais, grupos étnicos e vigência dos direitos humanos.

- * Estado, território e desenvolvimento.

- * Construção da paz.

Em segundo lugar, para ser honesto,

1 **Revolução cubana:** movimento popular que constituiu na derrubada do governo de Fulgencio Batista pelo movimento de 26 de Julho e o estabelecimento de um novo governo liderado por Fidel Castro, no início de 1959, durante o período da Guerra Fria. (Nota da IHU On-Line)

2 **Revolução Sandinista ou Revolução Nicaraguense:** movimento de oposição à ditadura de Anastasio Somoza Debayle, na década de 1960 e 1970, liderado pela Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN). A derrota militar da ditadura aconteceu em 1979, e a FSLN governou até 1990. (Nota da IHU On-Line)

“No caso colombiano, o longo conflito armado que o país viveu levou nosso centro a pôr dentro de suas prioridades o trabalho pela paz e a busca de uma solução negociada do conflito armado”

não nos apresentamos no sentido de que o que fazemos tem relação com a “proposta dos CIAS”. Isso para nós foi um momento do passado. Preocupamos como nosso trabalho sintoniza ou não com o que foi projetado nas últimas Congregações Gerais, em particular a 32, 33, 34 e 35. Somos conscientes de que nosso apostolado deve ter uma dimensão social que manifeste o compromisso pela justiça que é fruto de nossa fé (CG32), que torne real a opção pelos pobres de Jesus e da Igreja (CG33), que potencie o diálogo intercultural e inter-religioso (CG34), e que promova tudo isso em uma perspectiva de reconciliação (CG35).

IHU On-Line - Em que sentido o trabalho dos jesuítas em relação ao diálogo cultural e inter-religioso contribui para a melhoria da sociedade colombiana?

Mauricio García Durán - Na medida em que a sociedade colombiana é uma sociedade pluriétnica e pluricultural, com uma diversidade religiosa cada dia mais crescente, o diálogo cultural e inter-religioso é uma dimensão importante em qualquer trabalho social que busque fazer frente às injustiças, exclusões e divisões que se apresen-

tem em nossa sociedade. Não é possível construir justiça e paz em nossa sociedade sem passar por processos profundos de diálogo intercultural e inter-religioso.

IHU On-Line - Como o senhor caracteriza a realidade da sociedade colombiana hoje?

Mauricio García Durán - É uma realidade complexa, marcada por grandes injustiças e exclusões, mas, ao mesmo tempo, com grandes capacidades no seu interior, dadas as numerosas iniciativas sociais e os processos de organização social existentes no país. Hoje em dia, a realidade de um conflito armado prolongado continua marcando a situação de nossa sociedade e nos apresenta grandes desafios para poder avançar na construção de uma sociedade que defenda a dignidade de todos seus habitantes, uma sociedade justa e democrática, uma sociedade com uma paz sustentável e duradoura. Estes desafios se vêem multiplicados, mas também potencializados em suas possibilidades de resposta, na medida em que enfrentamos um crescente processo de globalização, que nos interconecta com os países vizinhos e a nível mundial.

IHU On-Line - Como o senhor avalia que os jesuítas entendem a relação entre fé e justiça?

Mauricio García Durán - Creio que nós, jesuítas, em termos gerais, temos avançado em uma compreensão muito mais integral e articulada de ambas as dimensões, superando tensões que se viveram no passado em torno de tal compreensão. Hoje somos conscientes de que não é possível manifestar-se crente no Pai de nosso Senhor Jesus Cristo sem encarnarmos sua opção pelos pobres e sem promovermos a justiça como algo intrinsecamente derivado de nossa opção de fé. Seguir a Jesus Ressuscitado, pela força do Espírito Santo, pede fazer nossa a justiça que define a realidade do Reino de Deus.

Refletir e compartilhar para atuar no social

Para Octavio Figueroa, a importância da missão jesuítica e cristã é que ela é, em si mesma, um horizonte que anima e dá esperança

POR GRAZIELA WOLFART

“Uma grande parte da humanidade empobrecida continua tão ou mais desamparada que ontem e neste cenário a missão de Jesus novamente se encarna e se faz presente”. A opinião é de Octavio Figueroa, diretor do Centro de Estudios Sociales P. Juan Montalvo, com sede em Santo Domingo, na República Dominicana. Na entrevista que segue, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, ele defende que “a reflexão é muito importante em um mundo que marcha a uma velocidade que atordoa. Não se pode realizar ação sem reflexão, pois caímos em mero ativismo, e isto nos tira a força. A reflexão nos renova para sermos criativos e inovadores na ação. É importante hoje uma ação inovadora, criativa, crítica, construtiva. Mas uma ação transformadora, que busque impactar e lute contra a rotina e a mediocridade que muitas vezes espreita e nos empobrece. A ação busca a justiça, para que essa sociedade se aproxime a cada dia a maiores níveis de equidade e justiça”. Na sua visão, os valores que devem reger a ação de um missionário jesuíta no século XXI são justiça; democracia/transparência; abertura; responsabilidade e compromisso; humildade; e acolhida.

Octavio Figueroa é diretor do Centro de Estudios Sociales P. Juan Montalvo SJ, que é uma ONG de sociedade civil da Companhia de Jesus com muita influência na República Dominicana. O trabalho dessa ONG é focado nas organizações de base, mas há atividades que incluem o restante da sociedade. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual a importância da missão jesuítica no mundo pós-moderno, e pós-secular?

Octavio Figueroa - Não me atrevo a avaliar e julgar, pois cada cenário histórico tem suas próprias complexidades e as ações se avaliam em função disso. Mas o cenário atual continua tendo igual ou maior importância, pela seguinte razão: apesar de todo este trânsito e deste caminhar que temos percorrido como humanidade, não encontramos resposta para a parte essencial de nossas vidas, e a decepção é grande. Estamos frente a uma humanidade com um alto grau de pessimismo, com uma perda do sentido da vida. Um mundo que perde a cada dia a sensibilidade pelo humano. Um mundo de grandes contrastes: apesar do crescimento econômico e do chamado “desenvolvimento” de alguns países,

milhões de pessoas passam fome, vivem na mais descarada miséria. Isso sem dúvidas cria crises, estamos em crise, uma profunda crise ético-moral. É neste cenário que a missão adquire seu maior sentido. Uma grande parte da humanidade empobrecida continua tão ou mais desamparada que ontem e neste cenário a missão de Jesus novamente se encarna e se faz presente. Portanto, o importante é tentar acompanhar essa realidade das pessoas e tratar encarecidamente de transformá-la. A importância da missão é que ela é, em si mesma, um horizonte que nos anima e nos dá esperança.

IHU On-Line - Como o trabalho do Centro de Estudios Sociales P. Juan Montalvo se enquadra na proposta dos CIAS e da missão da Companhia de Jesus, de estar a serviço da fé e

de promover a justiça?

Octavio Figueroa - O Centro Montalvo como centro de estudos sociais fez uma opção, que é onde se concretiza sua missão: uma opção pelos empobrecidos. Trabalhamos e acompanhamos diferentes bairros da cidade de Santo Domingo, bairros que foram surgindo na periferia da cidade, com comunidades marginalizadas. Trabalhamos com suas organizações e junto a elas buscamos a melhoria da qualidade de vida das pessoas. Todos os meios e ferramentas técnicas (pesquisa, formação, incidência política, acompanhamento) do que o Centro dispõe está a serviço disso, o que implica uma presença pública junto a estas comunidades no sentido de reconhecimento de seus direitos. Tentamos também influir a nível macro junto a redes de organizações da sociedade civil na mudança de

“As pessoas são importantes porque trazem a tona a nossa realidade. Elas fazem parte de nossa missão”

políticas públicas, sobretudo na ordem social. Nossa tarefa também é articular a ação social.

IHU On-Line - Qual a importância das organizações de base e do contato com o povo para a realização das propostas dos CIAS jesuítas?

Octavio Figueroa - As pessoas são importantes porque trazem a tona a nossa realidade. Elas fazem parte de nossa missão. É com as pessoas que queremos construir o que estamos buscando, para todos e todas. Portanto, as pessoas não são uma população experimental, são atores reais e fundamentais com os quais se pretende realizar a ação e construir a história. Não podemos substituí-las e deslocá-las, cada um desempenha sua função, mas em frente a um horizonte comum. Somos irmãos aliados na mesma missão.

IHU On-Line - Como os jesuítas atuam especificamente na realidade social da República Dominicana?

Octavio Figueroa - Se atua de diferentes maneiras, desde distintos compromissos e territórios. Por um lado, se trabalha em todo o tema pastoral desde o acompanhamento a comunidades cristãs, sobretudo de base. No cenário da comunicação e no âmbito acadêmico intelectual, atua-se desde a formação de novos seminaristas e formação e seguimento a comunidades cristãs; no cenário da pesquisa social, com incidência política e desenvolvimento local. Todas estas frentes são uma grande carga pela qual o grande desafio continua sendo como fazer maiores sinergias e maiores esforços de apoio recíproco. O grande desafio é como ganhar a batalha a nossos micro-mundos para poder coordenar maiores esforços, otimizar maiores recursos e compartilhar mais entre nós.

Viver na fronteira dos pobres, nas praças dos descrentes, na fronteira dos últimos

Pedro Lamet entende o trabalho na fronteira como arriscado, porque há que ter um pé em cada lado para tornar possível o diálogo. “Essa dupla pertença, a Deus e ao mundo, pode nos tornar eficazes, mas, ao mesmo tempo, pode nos fazer sucumbir”, explica

POR GRAZIELA WOLFART

“Os verdadeiros desafios para a Igreja hoje são os de sempre: parecer-se com Jesus, encarnar sua palavra e fazer-se inteligível para nossa cultura e nosso século. Especialmente entre os jovens. A Igreja tem que sair dos ‘castelos de inverno’ e viver na fronteira dos pobres, nas praças dos descrentes, na fronteira dos últimos, dos esquecidos. Isto lhe devolverá a credibilidade”. A reflexão é do padre jesuíta espanhol Pedro Miguel Lamet, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Ele percebe que “hoje mais do que nunca fazem falta homens de estudo que analisem em profundidade os sinais dos tempos. Não para se fechar neste pensamento único que nos devora e nos desnaturaliza, mas para fazer o mundo despertar de seu sonho tecnológico e de sua obsessão economicista. Hoje, mais do que nunca, fazem falta mestres espirituais que nos façam tomar consciência de que a vida verdadeira não está nos bancos, nas multinacionais e na bolsa de valores. Que há outra vida nas pessoas e na rua, que há no interior do homem um manancial que busca a vida eterna. O Vaticano II, longe de ser esquecido, deve ser potencializado, sobretudo em seus acentos no povo de Deus, no diálogo com outras religiões, na sociedade e na cultura”. Lamet fala ainda de Pedro Arrupe, que, para ele, “foi um homem santo e alegre, simples e próximo, provado pela dor e pela incompreensão, um homem humilde e iluminado, outro Santo Inácio de Loyola, considerando as distâncias, para o mundo de hoje”.

Pedro Miguel Lamet, poeta, escritor e jornalista ingressou na Companhia de Jesus, em 1958. É licenciado em Filosofia, Teologia e Ciências da Informação e formado em Cinematografia. Posteriormente, foi professor de Estética e Teoria do Cinema nas Universidades de Valladolid, Deusto e Caracas, sem nunca abandonar a crítica literária e cinematográfica. Como escritor, publicou poesia, ensaio, biografias, crítica literária e cinematográfica. Lamet escreveu vários livros entre os quais: *Arrupe, una explosión en la Iglesia* (Madri: Editora Temas de Hoy, 1989). A nona edição foi publicada com o título: *Arrupe, un profeta para el siglo XXI* (Madri: Editora Temas de Hoy, 2001); *Juan Pablo II, Hombre y Papa* (1995-2005); *Un jesuita sin papeles* (2005), sobre José María Díez-Alegría. Também publicou a novela histórica *El caballero de las dos banderas: Ignacio de Loyola* (2000). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais os principais desafios para a Igreja hoje? Por exemplo, como enfrentar a questão da pedofilia?

Pedro Lamet - O principal desafio da Igreja de hoje não é a pedofilia. A pedofilia é um pecado, que por desgraça, como os outros pecados (ambição de poder e dinheiro, orgulho, inveja, corrupção, violência), sempre estiveram presentes na Igreja. O que acontece é que essa questão se destaca porque ela se converteu em um escândalo maiúsculo, por sua excitação midiática, e acabou se tornando um negócio para vítimas e, sobretudo, para os advogados. Por exemplo, a pederastia no seio das famílias (pais e tios) é muito mais grave e frequente e não “vaza” tanto para a opinião pública. Eu penso que isso pode ter um lado bom, como uma forma de purificação de nosso orgulho clerical de seres sagrados e intocáveis. Somos apenas pobres homens, nada mais, como os demais em busca de Deus, mas com algumas obrigações maiores de dar exemplo e ser guias dos demais. Os verdadeiros desafios para a Igreja hoje são os de sempre: parecer-se com Jesus, encarnar sua palavra e fazer-se inteligível para nossa cultura e nosso século. Especialmente entre os jovens. A Igreja tem que sair dos “castelos de inverno” e viver na fronteira dos pobres, nas praças dos descrentes, na fronteira dos últimos, dos esquecidos. Isto lhe devolverá a credibilidade.

IHU On-Line - Como os missionários jesuítas podem contribuir para avançar na caminhada da Igreja a partir da missão da Companhia de Jesus e das discussões propostas no Concílio Vaticano II?

Pedro Lamet - A Companhia de Jesus tem uma brilhante história no caminho da inculturação, de Ricci e Nobile e a pastoral educativa e intelectual, à *Ratio Studiorum*¹ e inclusive São Francisco

¹ *Ratio Studiorum*: espécie de coletânea privada, fundamentada em experiências acontecidas no Colégio Romano e adicionada a observações pedagógicas de diversos outros colégios, que busca instruir rapidamente todo jesuíta docente sobre a natureza, a extensão e as obrigações do seu cargo. Sua forma definitiva foi promulgada em 8 de janeiro de 1599. A *Ratio* surgiu com a necessidade de unificar o procedimento pedagógico dos jesuítas diante da explosão do número de colégios confiados à Companhia de Jesus como base de uma expan-

“Hoje mais do que nunca fazem falta homens de estudo que analisem em profundidade os sinais dos tempos”

Xavier. Hoje mais do que nunca fazem falta homens de estudo que analisem em profundidade os sinais dos tempos. Não para se fechar neste pensamento único que nos devora e nos desnatura, mas para fazer o mundo despertar de seu sonho tecnológico e de sua obsessão economicista. Hoje, mais do que nunca, fazem falta mestres espirituais que nos façam tomar consciência de que a vida verdadeira não está nos bancos, nas multinacionais e na bolsa de valores. Que há outra vida nas pessoas e na rua, que há no interior do homem um manancial que busca a vida eterna. O Vaticano II, longe de ser esquecido, deve ser potencializado, sobretudo em seus acentos no povo de Deus, no diálogo com outras religiões, na sociedade e na cultura.

IHU On-Line - Como o senhor avalia a questão dos Legionários de Cristo? Que relação pode ser estabelecida entre eles e os jesuítas?

Pedro Lamet - Não consigo compreender essa história tremenda de Maciel², como foi ocultada durante o pontificado anterior e inclusive potencializado os legionários como um “movimento modelo”. Estes reivindicavam o “inacianismo” autêntico já que seu fundador se formou na Universidade Pontifícia de Comillas, em Madrid. Mas se centravam na parte mais conservadora de nossa

são missionária. Constituiu-se numa sistematização da pedagogia jesuítica contendo 467 regras cobrindo todas as atividades dos agentes diretamente ligados ao ensino e recomendava que o professor nunca se afastasse em matéria filosófica de Aristóteles, e teológica de Santo Tomás de Aquino. (Nota da IHU On-Line)

² **Marcial Maciel (1920-2008)**: sacerdote mexicano, fundador dos Legionários de Cristo e do movimento *Regnum Christi*. Desde 10 de julho a congregação está sob intervenção do Vaticano, que nomeou Vilasio de Paolis como comissário pontifício para a Congregação dos Legionários de Cristo a fim de investigar os crimes cometidos por Maciel. (Nota da IHU On-Line)

tradição e criticavam nossa atualização depois do Concílio. É estremecedor que João Paulo II abraçou e louvou Maciel e desautorizou o padre Arrupe, quando este último lhe obedeceu até o final e morreu mártir de suas incompreensões, enquanto Maciel fazia “das suas”, abusando até de seus filhos naturais. Espero que as medidas de Bento XVI com esta congregação gerem seus frutos e possam endereçar essa árvore para o bem deles e também da Igreja. Quando eu dirigia a revista semanal *Vida Nueva*, alguns bispos me criticavam por contar algumas coisas que aconteciam na Igreja. A longo prazo, é bom que se saiba dos fatos, para que sejam limpos. Talvez por isso Pio XII³ defendeu a necessidade de uma opinião pública na Igreja.

IHU On-Line - Qual a principal herança do Pe. Pedro Arrupe para a missão social dos jesuítas no mundo?

Pedro Lamet - Arrupe estendeu uma ponte entre Oriente e Ocidente; injetou ânimo e alegria em seus companheiros; convenceu-nos de que a promoção da justiça é uma clara consequência de nossa fé. Acreditava no homem, nos jovens, estava convencido de que um cristão “deve levar o futuro nas entranhas” e que “não pode deixar de ser otimista porque crê em Deus”. E de que “Deus talvez nunca esteve tão perto de nós porque nunca estivemos tão inseguros”. Adiantou-se profeticamente em temas como a libertação integral do homem, a promoção da mulher, das ONGs, a luta pela justiça, pelos deportados, o diálogo com as culturas. Creio que Arrupe continua vivo em centenas de jesuítas e cristãos de hoje.

IHU On-Line - Quais as características mais marcantes de Díez Alegria que podem servir de exemplo aos missionários jesuítas no sentido de estar a serviço da fé e de promover a justiça?

Pedro Lamet - Escrevi uma trilogia biográfica de personagens do século XX, que é como um triângulo, cujos ângulos representam três posturas distintas, mas adjacentes, de homens de

³ **Papa Pio XII (1876-1958)**: nascido Eugenio Maria Giuseppe Giovanni Pacelli foi eleito Papa no dia 2 de março de 1939. (Nota da IHU On-Line)

Igreja diante do mundo de hoje: a de João Paulo II, que em minha opinião foi um revisionista ou restauracionista do passado eclesial frente ao Vaticano II, em moldes modernos; a de Pedro Arrupe, que representa a explosão eclesial de sua experiência em Hiroshima ao encontro dos grandes desafios do futuro desde a Companhia; e a de José María Díez-Alegría⁴, terceiro ângulo do triângulo, que é a vida de um homem de fronteira, que inclusive se situa fora e grita com bom humor e valentia à instituição suas infidelidades ao Evangelho de Jesus. Os três abarcam um século do que estamos vivendo hoje. Alegría foi um pioneiro, um precursor da Teologia da Libertação⁵. Mas eu fico, sobretudo, com Arrupe, porque, além disso, foi um homem santo e alegre, simples e próximo, provado pela dor e pela incompreensão, um homem humilde e iluminado, outro Santo Inácio de Loyola, considerando as distâncias, para o mundo de hoje.

IHU On-Line - Qual a importância de

4 José María Díez-Alegría (1912-2010): teólogo jesuíta espanhol. Muito crítico da hierarquia oficial da Igreja, Díez-Alegría trabalhou ativamente com o Padre Llanos no Pozo del Tío Raimundo, uma dos bairros mais pobres de Madrid. Teólogo, doutor em Direito e em Filosofia, alguns dos seus livros, abertamente críticos da hierarquia oficial da Igreja, que censurava por sua aproximação com o capitalismo e seu afastamento dos pobres, provocaram a sua saída da Companhia de Jesus, que abandonou em 1975. Sobre Díez-Alegría, confira o seguinte material publicado nas Notícias do Dia do site do Instituto Humanitas Unisinos: *O 'testamento' de José María Díez-Alegría*, disponível em <http://migre.me/11DgC>; *José María Díez-Alegría: liberdade de consciência e senso de humor*, disponível em <http://migre.me/11Dh3>; *José María Díez-Alegría, um teólogo e homem singular*, disponível em <http://migre.me/11Dh3>; *Morre José María Díez-Alegría, teólogo e "jesuíta sem documentos"*, disponível em <http://migre.me/11Dj3>; *Morre o teólogo José María Díez-Alegría aos 98 anos*, disponível em <http://migre.me/11Dk6>; *"Jesus é Teologia da Libertação"*, afirma José María Díez-Alegría, disponível em <http://migre.me/11Dl4>. (Nota da IHU On-Line)

5 Teologia da Libertação: escola importante na teologia da Igreja Católica, desenvolvida depois do Concílio Vaticano II. Surge na América Latina, a partir da opção pelos pobres, e se espalha por todo o mundo. O teólogo peruano Gustavo Gutiérrez é um dos primeiros que propõe esta teologia. A teologia da libertação tem um impacto decisivo em muitos países do mundo. Sobre o tema confira a edição 214 da IHU On-Line, de 02-04-2007, intitulada *Teologia da libertação*, disponível para download no link <http://migre.me/FCIA>. (Nota da IHU On-Line)

“Ellacuría e seus companheiros se converteram em um símbolo de liberdade e fortaleza para a América Latina e para o mundo”

resgatar o episódio do assassinato dos jesuítas mártires em El Salvador em relação à missão social dos jesuítas no mundo?

Pedro Lamet - Ellacuría⁶ e seus companheiros se converteram em um símbolo de liberdade e fortaleza para a América Latina e para o mundo, vivida desde os princípios evangélicos, frente a um mundo corrompido e uma oligarquia que explora aos pequenos. Por isso os mataram. Sua voz e sua mensagem, proclamada desde um contexto universitário, era uma bofetada a uma situação incrível de injustiça. O contraste e o descaramento continuam hoje vigentes, quando lembramos que os assassinos ainda não foram julgados. A omissão da Igreja em considerá-los mártires é outra faceta de que ainda sua mensagem não foi ouvida. Nisso Díez-Alegría tinha razão, quando dizia que a Igreja traiu Jesus no tema

6 Ignacio Ellacuría: filósofo, especialista em Zubiri, jesuíta, foi assassinado no dia 15 de novembro de 1988, juntamente com mais quatro companheiros jesuítas e duas senhoras, em San Salvador, El Salvador. Ele era reitor da Universidade Centro Americana, em San Salvador, confiada à Companhia de Jesus. Ele e seus companheiros foram barbaramente assassinados por terem conseguido fazer da Universidade uma importante força social na luta pela promoção da justiça social. Sobre Ellacuría, confira a entrevista especial concedida por Héctor Samour, em 16-11-2007, ao site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, www.unisinos.br/ihu, intitulada *Inteligência, paixão e serviço. Celebrando o martírio de Ignacio Ellacuría e companheiros*, disponível em <http://migre.me/11DN8>. Na mesma data, nosso site publicou a notícia *Ignacio Ellacuría e companheiros assassinados no dia 16-11-1989*, disponível em <http://migre.me/11D07>. No site do IHU visite a Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, onde podem ser lidas notícias, a história dos mártires jesuítas e o memorial criado pelo IHU em sua homenagem: <http://migre.me/11D0t>. (Nota da IHU On-Line)

da propriedade privada.

IHU On-Line - De que maneira os jesuítas têm contribuído com a missão de promover o diálogo cultural inter-religioso?

Pedro Lamet - Talvez esta pergunta devesse ser feita ao padre geral da Companhia, que estará mais informado do que eu. Creio que nas últimas décadas nós, jesuítas, temos trabalhado no difícil avançar das fronteiras: a fronteira das descrenças, da injustiça, a fronteira dos avanços científicos, da solidariedade, da cultura criativa, etc. Trabalhar na fronteira é arriscado, porque há que ter um pé em cada lado para tornar possível o diálogo. Essa dupla pertença, a Deus e ao mundo, pode nos tornar eficazes, mas, ao mesmo tempo, pode nos fazer sucumbir. É o que fazia Teilhard de Chardin⁷ ao se auto-definir como “filho do Céu e filho da Terra”. Com relação ao diálogo entre as religiões, tenho a sensação de que o caminho do entendimento nunca será a teologia, mas a mística⁸, desde

7 Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955): paleontólogo, teólogo, filósofo e jesuíta, que rompeu fronteiras entre a ciência e a fé com sua teoria evolucionista. O cinquentenário de sua morte foi lembrado no Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos de 16 a 19-05-2005. Sobre Chardin, confira o artigo de Carlos Heitor Cony, publicado nas Notícias Diárias do site do IHU, www.unisinos.br/ihu, de 16-06-2006, *Teilhard: o fenômeno humano. O jesuíta foi precursor do que foi chamado de evolucionismo cristão*. A edição 140 da IHU On-Line, de 09-05-2005, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Teilhard de Chardin: cientista e místico*, disponível em <http://migre.me/11DQX>. A edição 304 da IHU On-Line, de 17-08-2009, intitula-se *O futuro que advém. A evolução e a fé cristã segundo Teilhard de Chardin*. Confira, ainda, as entrevistas Chardin revela a cumplicidade entre o espírito e a matéria, <http://migre.me/11DRm>, publicada na edição 135, de 05-05-2005 e *Teilhard de Chardin, Saint-Exupéry*, publicada na edição 142, de 23-05-2005, em <http://migre.me/11DRu>, ambas com Waldecy Tenório. Na edição 143, de 30-05-2005, George Coyne concedeu a entrevista *Teilhard e a teoria da evolução*, disponível para download em <http://migre.me/11DRM>. (Nota da IHU On-Line)

8 Sobre o tema da mística, confira as seguintes edições produzidas pela IHU On-Line: *Filosofia, mística e espiritualidade. Simone Weil*, cem anos, edição 313, de 03-11-2009, disponível em <http://migre.me/11DWH>; *Sabedoria, mística e tradição: religiões chinesas, indianas e africanas*, edição 309, de 28-09-2009, disponível em <http://migre.me/11DXs>; *Rûmî. O poeta e místico da dança do Amor e da Unidade*, edição 222, de 04-06-2007, disponível

a experiência de Deus mais que desde a reflexão sobre Deus. Há um longo caminho a percorrer e compartilho a tese de Karl Rahner⁹ de que, se o século XX

em <http://migre.me/11E0x>; *Delicadezas do Mistério. A mística hoje*, edição 133, de 21-03-2005, disponível em <http://migre.me/11DYj>. (Nota da IHU On-Line)

⁹ Karl Rahner (1904-2004): importante teólogo católico do século XX, ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principais são: *Geist in Welt (O Espírito no mundo)*, 1939, *Hörer des Wortes (Ouvinte da Palavra)*, 1941, *Schriften zur Theologie (Escritos de Teologia)*, 16 volumes escritos entre 1954 e 1984, e *Grundkurs des Glaubens (Curso Fundamental da Fé)*, 1976. Em 2004, celebramos seu centenário de nascimento. A Unisinos dedicou à sua memória o Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI, realizado de 24 a 27 de maio daquele ano. A IHU On-Line n.º 90, de 1º-03-2004, publicou um artigo de Rosino Gibellini sobre Rahner, disponível em <http://migre.me/11DTa>, e a edição 94, de 02-03-2004, publicou uma entrevista de J. Moltmann, analisando o pensamento de Rahner, disponível para download em <http://migre.me/11DTu>. No dia 28-04-2004, no evento *Abrindo o Livro*, Érico Hammes, teólogo e professor da PUCRS, apresentou o livro *Curso Fundamental da Fé*, uma das principais obras de Karl Rahner. A entrevista com o prof. Érico Hammes pode ser conferida na IHU On-Line n.º 98, de 26-04-2004, disponível para download em <http://migre.me/11DTM>. Ainda sobre Rahner, publicamos uma entrevista com H. Vorgrimler no IHU On-Line n.º 97, de 19-04-2004, sob o título *Karl Rahner: teólogo do Concílio Vaticano nascido há 100 anos*, dis-

foi o século do homem, o século XXI será o século de Deus. A mística, uma mística da troca, acessível e próxima, começa por novos caminhos a entrar no povo, que encontrará cada dia mais ao alcance de sua mão a experiência direta de Deus.

IHU On-Line - Para o senhor, como jesuíta, qual a importância de manter um blog? Como descreve essa experiência?

Pedro Lamet - Em um primeiro momento tive medo do blog (<http://www.pedrolamet.com/>). Apesar de minha longa experiência de escritor, com 36 livros publicados, e como jornalista, acostumado ao imediatismo, não me agrada que os blogs, às vezes, se convertam em lixeiras dos baixos instintos: as pessoas insultam, se expressam de maneira vulgar, e se

ponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158260371.36pdf.pdf>. A edição número 102, da IHU On-Line, de 24-05-2004, dedicou a matéria de capa à memória do centenário de nascimento de Karl Rahner, disponível para download em <http://migre.me/11DTW>. Os *Cadernos Teologia Pública* publicaram o artigo *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner*, de autoria do Prof. Dr. Érico João Hammes. Confira esse material em <http://migre.me/11DUa>. A edição 297, de 15-06-2009, intitula-se *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, disponível para download em <http://migre.me/11DUj>. (Nota da IHU On-Line)

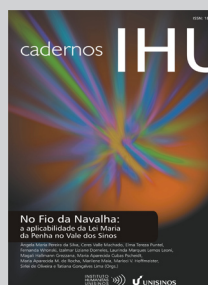
escondem embaixo do anonimato. No entanto, tive a sorte de entrar em um portal sério e de qualidade (<http://www.21rs.es>) onde tenho a possibilidade de filtrar o spam e suprimir os posts das pessoas que não se expressam com um mínimo de educação. Desta maneira, está sendo uma maneira nova e valiosa de comunicação. Sem os condicionamentos dos grandes meios, onde nem sempre podes escrever o que queres, aqui assim que quero publico um poema, uma legenda, uma crônica, um comentário ou um pequeno artigo de espiritualidade. E o escritor vive a experiência de receber um *feedback*, um eco muito interessante do que escreve, o que o enriquece e às vezes inclusive lhe assombra. Trata-se de um modo novo de crescimento humano e inclusive de evangelização e proclamação da palavra muito próximo, livre e direto.

LEIA MAIS...

>> Pedro Lamet já concedeu outra entrevista à IHU On-Line.

* Francisco Xavier: *o aventureiro de Deus*. Publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU, em 18-08-2006, disponível em <http://migre.me/11Dop>

CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA WWW.IHU.UNISINOS.BR



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Entrevista da Semana

Renda básica assegura a liberdade da indigência

Na opinião do economista Karl Widerquist, a renda básica é uma alternativa enxuta e eficaz ao Estado de bem-estar social

POR PATRICIA FACHIN | TRADUÇÃO LUIS MARCOS SANDER

“**P**recisamos nos dar conta de que a pobreza e penúria são nossa responsabilidade compartilhada”, aconselha o economista Karl Widerquist, na entrevista que segue, concedida, por e-mail, à **IHU On-Line**. Integrante do grupo internacional Basic Income Earth Network (BIEN), Widerquist é um dos defensores da Renda Básica como um meio de diminuir as desigualdades sociais e a pobreza. Ele lembra que “há milhares de anos, nossos ancestrais caçadores e coletores não eram ricos e tinha uma vida difícil, mas não viviam na pobreza. Eles não eram privados de recursos”. Nossas leis e a própria economia criaram a pobreza e, por isso, “precisamos da renda básica porque nenhuma pessoa ou grupo tem o direito de impor condições ao acesso de outra pessoa aos recursos necessários à sobrevivência dela”.

Além de garantir direitos básicos, a proposta de uma Renda Básica pode melhorar as ofertas de emprego e disciplinarmos “como sociedade, obrigando-nos a pagar bons salários para todos os empregos. Quando ela estiver implementada, não haverá mais oportunidade para se aproveitar das pessoas que precisam pegar um emprego porque necessitam dele para sobreviver. O contrato de trabalho será um acordo entre pessoas livres - pessoas que terão o poder de dizer ‘não’, se quiserem”, enfatiza.

Karl Widerquist é formado em Economia pela Universidade de Michigan, EUA, e doutor em Teoria Política pela Universidade de Oxford e em Economia pela City University of New York. Foi professor de Teoria Política na Universidade de Reading, no Reino Unido. Atualmente, é professor da University of Georgetown in Qatar, no Qatar. Ele é co-autor de *Economia Social de Trabalhadores* (Columbia University Press) e co-editor da *Ética e Economia da Renda Básica de Garantia* (Ashgate). Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que é a Basic Income Earth Network (Rede mundial de renda básica)? Como o senhor a define?

Karl Widerquist - A Basic Income Earth Network (BIEN) é um grupo internacional de pessoas interessadas na renda básica. Esperamos promover a discussão sobre a renda básica para contribuir para que ela se torne uma alternativa viável de política pública. Temos um boletim informativo que é publicado a cada dois meses. Realizamos uma conferência a cada dois anos e temos mais de 15 redes nacionais afiliadas que têm várias atividades próprias durante o ano todo.

IHU On-Line - Como a ideia da Ren-

da Básica é interpretada em diversos países do mundo? Há diferença entre as posições dos países desenvolvidos e emergentes?

Karl Widerquist - A ideia da renda básica é, em grande parte, a mesma em toda parte: uma pequena renda, grande o suficiente para satisfazer as necessidades básicas, dada a cada homem, mulher e criança, quer trabalhem, ou não e quer tenham outra renda, ou não. Mas o que as pessoas creem que seja possível e o que estão tentando alcançar varia bastante de país para país. A maioria dos apoiadores da renda básica gostaria de ver uma renda básica no mundo todo, de modo que todo ser humano tivesse

satisfeitas suas necessidades básicas. Mas estamos muito distantes disso politicamente. Os países menos desenvolvidos só podem gastar menos, mas muitas pessoas são tão pobres em países menos desenvolvidos que até uma pequena renda básica representará uma melhoria enorme em suas condições de vida.

IHU On-Line - De onde surge a necessidade de diversos países do mundo discutirem a possibilidade de instituir uma renda básica de cidadania?

Karl Widerquist - Precisamos nos dar conta de que a pobreza e penúria são nossa responsabilidade compartilhada. A pobreza é a falta de acesso a recur-

so de que uma pessoa necessita para sobreviver. Ela não é uma condição natural. Há milhares de anos, nossos ancestrais caçadores e coletores não eram ricos e tinha uma vida difícil, mas não viviam na pobreza. Eles não eram privados de recursos. Todo indivíduo na Terra tinha acesso aos recursos que poderiam mantê-lo vivo. Atualmente, isso não é mais assim porque as leis de nossos países dizem que algumas pessoas são proprietárias de recursos e algumas, não. A pobreza é criada por nossas leis e nossa economia. Precisamos da renda básica porque nenhuma pessoa ou grupo tem o direito de impor condições ao acesso de outra pessoa aos recursos necessários à sobrevivência dela.

IHU On-Line - Em que medida a renda básica pode ser vista como uma alternativa radical e inovadora ao neoliberalismo? Essa proposta, por outro lado, alimenta a reprodução do capital?

Karl Widerquist - Num sentido, a renda básica não é nem um pouco radical. Ela é muito fácil de implementar economicamente - se decidirmos fazer isso. É uma alternativa mais enxuta e eficaz ao Estado de bem-estar social. Uma economia de mercado com uma renda básica é capitalismo com um piso de renda, assegurando a todo o mundo a liberdade da indigência. O mercado pode continuar como antes, ou pode ser regulado. A renda básica é compatível com qualquer uma das duas opções.

Se a renda básica é radical, ela o é em seus efeitos. Como seria um mercado de trabalho se os pobres estivessem livres da penúria? Só saberemos com certeza quando tentarmos fazer isso. Minha expectativa é que os empregos mais desagradáveis teriam de pagar salários mais altos, enquanto que outros empregos - os empregos que as pessoas querem por causa de suas condições de trabalho, da significatividade do trabalho ou das chances de avanço - pagarão menos e encontrarão muitos empregados novos. O quão amplas ou radicais serão essas mudanças somente poderá ser revelado depois de tentarmos fazê-las.

IHU On-Line - Quais são as políticas

de transferência de renda mais eficazes aplicadas em diferentes países do mundo e que efeitos eles causam na sociedade?

Karl Widerquist - Há muitas. Os países escandinavos, por exemplo, têm políticas de bem-estar social muito fortes que reduziram a pobreza a níveis muito baixos. Eles têm uma igualdade social e mobilidade social muito maior do que estados de bem-estar social menos avançados como os Estados Unidos, por exemplo. Nesses países, a renda básica poderia ajudar a tornar o sistema mais enxuto, incluir as pessoas que estão de fora e dar maior liberdade às pessoas que recebem benefícios.

IHU On-Line - Qual é o significado da Renda Básica para a discussão sobre trabalho e cidadania nas sociedades atuais?

Karl Widerquist - O trabalho é uma coisa boa. Mas precisamos recompensar as pessoas pelo trabalho, em vez de forçá-las a trabalhar em empregos com baixas recompensas. Os empregos precisam pagar bons salários, de modo que as pessoas os queiram. Uma ótima coisa que a renda básica faz é nos disciplinar como sociedade, obrigando-nos a pagar bons salários para todos os empregos. Quando ela estiver implementada, não haverá mais oportunidade para se aproveitar das pessoas que precisam pegar um emprego porque necessitam dele para sobreviver. O contrato de trabalho será um acordo entre pessoas livres - pessoas que terão o poder de dizer "não", se quiserem.

IHU On-Line - Em que medida o direito à renda mínima e à Renda Básica de Cidadania está relacionado ao direito ao trabalho? A Renda Básica permitiria aos trabalhadores recusar ocupações retribuídas por baixos salários, por exemplo?

Karl Widerquist - Sim, se a renda básica for elevada o suficiente para satisfazer as necessidades básicas de um indivíduo, ele poderá recusar empregos com recompensas baixas. As pessoas gostam de culpar os pobres de se recusarem a trabalhar. Mas, realmente, se as pessoas não querem

trabalhar, deveríamos culpar a nós mesmos de não lhes pagarmos o suficiente para fazê-las quererem trabalhar. Eu quero trabalhar em meu emprego porque tenho um trabalho significativo, boa remuneração e boas condições de trabalho. Se nós, como sociedade, queremos que as pessoas trabalhem, temos uma responsabilidade de proporcionar essas condições, e estabelecer o poder de recusar o emprego pode ajudar a criar essas condições.

Você também pergunta se há um direito ao trabalho. Se as pessoas têm uma renda básica que seja suficientemente alta para satisfazer suas necessidades básicas, não estou certo de que elas também deveriam ter um direito a um emprego para que lhes demos um pagamento ainda maior. Certamente elas têm um direito igual de acesso às oportunidades em nossa sociedade, mas não estou certo de que tenhamos uma responsabilidade social de garantir que toda pessoa que queira um emprego o tenha mesmo depois de termos assegurado que todas as pessoas tenham uma vida boa quer tenham um emprego, quer não.

IHU On-Line - O Brasil utiliza aproximadamente 1% do PIB com programas de distribuição de renda. Para um país com as características do Brasil, esse número poderia ser maior?

Karl Widerquist - Sim, poderia ser muito maior. O Brasil melhorou sua igualdade econômica, mas ainda é um dos países mais desiguais do mundo. Há muitas pessoas ricas no Brasil que pagam muito pouco imposto.

Há espaço para o Brasil destinar talvez 5 ou 10% de seu PIB à redistribuição de renda. Num país como o Brasil, a reforma tributária é um passo necessário na reforma social.

LEIA MAIS...

>> A IHU On-Line dedicou uma edição ao tema da Renda Básica.

* *Renda Básica de Cidadania, universal e incondicional. Um direito.* Edição 333, de 14-6-2010. Disponível no link <http://migre.me/10fer>.

Congresso Continental de Teologia. Projeto e convocação

Publicamos a seguir o projeto e a convocação do Congresso Continental de Teologia, a ser realizado nos dias 8 a 11 de outubro de 2012. O texto foi publicado nas Notícias do Dia 07-07-2010, no endereço <http://migre.me/11CbK>. O Congresso realizar-se-á na Unisinos e o Instituto Humanitas Unisinos - IHU participa da comissão organizadora.

CONGRESSO CONTINENTAL DE TEOLOGIA

50 anos do Vaticano II e 40 anos da Teologia Latino-americana

8, 9, 10 e 11 de outubro de 2012

UNISINOS, São Leopoldo, RS, Brasil

1. Justificativa

O ano de 2012 será um ano muito significativo para a Igreja na América Latina e no Caribe: são os 50 anos da abertura do Concílio Vaticano II, realizada pelo papa João XXIII, e os 40 anos da publicação do livro de Gustavo Gutiérrez¹ - Teologia da Libertação. Perspectivas -, que inaugura a rica trajetória da teologia em nosso Continente. Para celebrar estes dois acontecimentos que marcaram a Igreja em geral, particularmente na América Latina, a Ameríndia propõe a realização de um Congresso Continental de Teologia.

As duas referências comemorativas dão a perspectiva do evento: reler a partir do novo contexto em que vivemos, a tradição latino-americana tecida em torno da recepção criativa do

Vaticano II² por Medellín³, pelas práticas das comunidades eclesiais inseridas em um contexto de injustiça social, a centralidade da Palavra e a leitura po-

² Concílio Vaticano II: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano. O IHU promoveu, de 11 de agosto a 11-11-2005, o Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II - marcos, trajetórias e perspectivas. Confira, também, a edição 157 da IHU On-Line, de 26-09-2005, intitulada *Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea? Gaudium et Spes: 40 anos*, disponível para download na página eletrônica do IHU, <http://migre.me/KtJn>. Ainda sobre o tema, a IHU On-Line produziu a edição 297, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, disponível no link <http://migre.me/KtJE>. (Nota da IHU On-Line)

³ Documento de Medellín: Em 1968, na esteira do Concílio Vaticano II e da encíclica *Populorum Progressio*, realiza-se, na cidade de Medellín, Colômbia, a II Assembleia Geral do Episcopado Latino-Americano que dá origem ao importante documento que passou a ser chamado o Documento de Medellín. Nele se expressa a clara opção pelos pobres da Igreja Latino-Americana. A conferência foi aberta pessoalmente pelo papa Paulo VI. Era a primeira vez que um papa visitava a América Latina. (Nota da IHU On-Line).

pular da Bíblia, a opção pelos pobres, o testemunho dos mártires das causas sociais e a nossa peculiar reflexão teológica, em chave libertadora.

Com o novo impulso dado por Aparecida⁴ à tradição latino-americana, o momento atual é muito oportuno para mobilizar a comunidade teológica no Continente, depois de anos particularmente difíceis, marcados por tensões, desencantamentos, falta de perspectivas, dispersão e inclusive certa desmobilização dos teólogos e das teólogas.

A finalidade do Congresso Continental não é fazer um balanço da trajetória da teologia na América Latina e no Caribe. Em grande medida, esta difícil e importante tarefa já foi feita em diferentes congressos nacionais e internacionais, nos últimos anos. O que mais urge, na atualidade, é olhar para o futuro, olhar longe e, portanto, a oportunidade de um Congresso prospectivo, que se pergunte sobre os desafios e tarefas futuras da teologia na América Latina, a partir do nosso contexto cultural, social, político, econô-

¹ Gustavo Gutiérrez (1928): padre e teólogo peruano, um dos pais da Teologia da Libertação. Gutiérrez publicou, depois de sua participação na Conferência Episcopal de Medellín de 1968, a *Teologia da Libertação* (Petrópolis: Vozes, 1975), traduzida para mais de uma dezena de idiomas, e que o converteu num teólogo polêmico. Uma década mais tarde participou da Conferência Episcopal de Puebla (México, 1978), que selou seu compromisso com os desfavorecidos e serviu de motor de mudança na Igreja, especialmente latino-americana. Alguns dos últimos livros de Gustavo Gutiérrez são: *Em busca dos pobres de Jesus Cristo. O pensamento de Bartolomeu de Las Casas* (São Paulo: Paulus, 1992); e *Onde dormirão os pobres?* (São Paulo: Paulus, 2003). (Nota da IHU On-Line)

⁴ V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe: aconteceu de 13 a 31 de maio, em Aparecida, São Paulo. Sobre o tema, confira a edição 224 da Revista IHU On-Line, de 20-06-2007, intitulada *Os rumos da Igreja na América Latina a partir de Aparecida. Uma análise do Documento Final da V Conferência*, disponível para download em <http://migre.me/11CoI>. (Nota da IHU On-Line)

mico, ecológico, religioso e eclesial, globalizado e excludente.

A teologia na América Latina e no Caribe não pode perder de vista seu lugar e sua função: como inteligência reflexa da experiência de fé das comunidades eclesiais, inseridas num mundo que exclui as maiorias, necessita continuar sendo instância retro-alimentadora destas mesmas comunidades frente aos seus novos desafios e perguntas, postos por um mundo que passa por profundas transformações.

2. Objetivos

Objetivo geral

Reunir, em Congresso Continental precedido por Jornadas Teológicas Regionais, a comunidade teológica do Continente em torno do Vaticano II e da teologia latino-americana, para discernir os novos desafios de uma época marcada por profundas transformações e as consequentes tarefas para uma teologia como serviço à Igreja e à humanidade, em um mundo pluralista e globalizado.

Objetivos específicos

Celebrar os 50 anos da abertura do Vaticano II e os 40 anos da publicação do livro de Gustavo Gutiérrez - Teologia da Libertação. Perspectivas.

Realizar, no Congresso Continental e nas Jornadas Teológicas Regionais, uma análise da conjuntura cultural, econômico-social e política mundial, particularmente da América Latina e do Caribe, para que a inteligência da fé não perca de vista o real da realidade de nossos povos.

Propiciar uma análise da realidade eclesial atual, em chave continental e mundial, para identificar os obstáculos e as possibilidades da reforma do Vaticano II e das intuições da teologia latino-americana.

Reler, a partir do novo contexto em que vivemos, a tradição latino-americana.

Discernir os desafios e tarefas futuras da teologia na América Latina, a partir do nosso novo contexto cultural, social, político, econômico, ecológico, religioso e eclesial, pluralista, globalizado e excludente.

Contribuir para que a teologia la-

tino-americana continue sendo instância retro-alimentadora das comunidades eclesiais inseridas no mundo em perspectiva libertadora, frente aos novos desafios oriundos de um mundo pluralista e globalizado.

3. Estratégia: Jornadas Teológicas Regionais em 2011

Para mobilizar a comunidade teológica, em vista do Congresso, serão realizadas Jornadas Teológicas prévias, em 2011, em quatro regiões do Continente, em torno dos mesmos objetivos do Congresso Continental de 2012: uma, no México (DF), para o México e os hispânicos nos Estados Unidos; outra, na Guatemala, para a América Central e o Caribe; uma terceira, em Bogotá, para os países andinos; e uma quarta, em Santiago do Chile, para o Cone Sul e o Brasil.

4. O Congresso Continental em 2012

Para que seja representativo do Continente e mobilize a comunidade teológica, coloca-se como meta, garantir a participação de, pelo menos, cinco teólogos por país, priorizando os mais jovens, mesmo que sem esquecer os teólogos da primeira e segunda geração da teologia latino-americana. Também se pretende, num mundo globalizado, contar com a participação de representantes dos teólogos da Europa, África e Ásia.

Na agenda do Congresso, figura uma temática aberta aos novos tempos, aos novos desafios e perguntas, ao mundo globalizado, ao diálogo com as ciências, as Igrejas e religiões, assim como com as diferentes culturas e povos.

Um congresso de teologia com estas características, consequentemente, implica em espaço de liberdade, criatividade, debate, reflexão conjunta, o que influi sobremaneira na escolha do local de sua realização. Os organizadores e os participantes do evento necessitam sentir-se livres de pressões e influências que possam comprometer seu trabalho de pesquisa. Realizar o evento no Brasil, concretamente na UNISINOS, foi uma alternativa encontrada e definida.

5. Metodologia

Os objetivos do Congresso exigem uma metodologia que combine diferentes dinâmicas: exposições, testemunho de personagens históricos, painéis, oficinas, comunicações científicas, assim como tele-fóruns, celebrações, momentos culturais e festivos, exposições de materiais e bibliografias.

As oficinas têm a finalidade de apresentar, sobretudo, as práticas e iniciativas concretas em curso, por parte de comunidades eclesiais e outras instituições, com o objetivo de fazer emergir os novos desafios e perguntas ao trabalho teológico. Por isso, os apresentadores das oficinas não precisam ser necessariamente teólogos profissionais. O tele-fórum pode complementar esta tarefa.

As exposições constituem o momento da reflexão sistemática, assim como também as comunicações científicas. O enfoque é de cara ao futuro, prospectivo, apontando as tarefas e a agenda da teologia no Continente para os próximos anos.

O Congresso vai privilegiar, igualmente, momentos de interação entre os participantes, com a finalidade de promover o mútuo conhecimento, estreitar relações e estabelecer vínculos duradouros. A criatividade, também na teologia, necessita do intercâmbio permanente de buscas e ensaios de possíveis respostas.

6. Organização

O evento - o Congresso Continental de Teologia e as Jornadas Teológicas Regionais - tem o suporte organizativo de quatro organismos:

A Comissão Organizadora do Congresso Continental

É composta por algumas instituições do Continente, está encarregada da realização do Congresso Continental e deve ser ponto de contato com as Comissões Organizações das Jornadas Teológicas Regionais, assegurando com isso os objetivos do evento:

- Ameríndia (Fundação Ameríndia)
- Montevidéu;
- CLAR - Conferência Latino-americana dos Religiosos - Bogotá, Colômbia;

- SOTER - Sociedade de Teologia e Ciências da Religião - Brasil;
- Instituto Humanitas Unisinos - IHU
- São Leopoldo, RS, Brasil;
- ITEPAL - Instituto Teológico-Pastoral para a América Latina - CELAM, Bogotá;
- Pontifícia Universidade Javeriana - Bogotá;
- ATEM - Associação de Teólogos do México - México;
- Movimento Mons. Gerardi-Ameríndia - Guatemala;
- Instituto Alfonsiano - Chile.

As Comissões Organizadoras das Jornadas Teológicas Regionais

São compostas por algumas instituições da respectiva região do Continente, encarregadas da realização das Jornadas Teológicas Regionais e ser ponto de contato com a Comissão Organizadora do Congresso Continental. Por isso, a instituição que vai ser a sede da Jornada Teológica Regional é membro da Comissão Organizadora do

Congresso Continental.

- Jornada Teológica para o México e os hispânicos dos Estados Unidos, no México: Associação de Teólogos do México (ATEM);
- Jornada Teológica para a América Central e o Caribe, na Guatemala: Movimento Mons. Gerardi-Ameríndia, da Guatemala;
- Jornada Teológica para os Países Bolivarianos, em Bogotá: Pontifícia Universidade Javeriana e TEORED, da Colômbia;
- Jornada Teológica para o Cone Sul e Brasil, em Santiago: Instituto Alfonsiano, de Santiago do Chile.

Cada instituição coordenadora de sua Jornada Teológica verá a oportunidade e a necessidade de constituir uma Comissão Regional, composta por instituições dos países que compõem a região, com a finalidade de mobilizar a comunidade teológica e dar suporte ao evento.

Comissão Local do Congresso Continental

É composta pela instituição sede do Congresso e outras mais próximas, com a finalidade de agilizar e descentralizar o processo de preparação e realização do evento:

- Instituto Humanitas Unisinos - IHU
- São Leopoldo, RS, Brasil;
- SOTER - Sociedade de Teologia e Ciências da Religião - Brasil;
- Ameríndia - Brasil-Montevidéu.

Instituições de Apoio

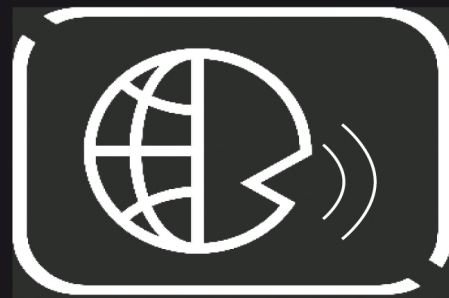
É a relação de instituição do Continente, que formam a comunidade teológica ou a rede de organizações ligadas à tradição eclesial latino-americana, que são parte integrante do evento, seja enviando participantes, seja brindando apoio logístico ou financeiro.

A Comissão Organizadora.

SIGA O TWITTER DO IHU



http://twitter.com/_ihu



NOMIC 30 anos: O que vamos comemorar?

POR GISLENE MOREIRA GÓMEZ*

Do aparente improvável contexto da Guerra Fria e das ditaduras emergiu o mais importante documento das Nações Unidas pela democratização da comunicação. Em 1980, Sean McBride apresentou na UNESCO o relatório que ainda hoje é a principal referência. No entanto, suas recomendações nunca foram implementadas, as políticas neoliberais aprofundaram o controle privado e visibilizaram a fragilidade democrática no tema mediático.

A novidade é que 30 anos depois, esse debate hibernado parece recuperar o fôlego graças às novas agendas de regulação mediática na América Latina. As novas leis gestadas da Argentina ao Equador parecem ter no Um Mundo, Muitas Vozes uma de suas principais justificativas. Mas quais as possibilidades desses novos marcos frente às Indústrias Culturais? Nesse aniversário, o relatório convida à reflexão. Aprender de suas debilidades pode ser a estratégia mais eficiente ao desafio da comunicação como direito.

Antecedentes

No final dos 60, a região se tornou uma das áreas prioritárias na disputa entre EUA e União Soviética. A Aliança para o Progresso mesclava investimentos econômicos e tecnológicos norte-americanos que impulsionaram os grandes conglomerados de mídia.

Contrariando as pretensões estadunidenses, de Cuba ao Chile, o cenário foi permeado por lutas contestadoras que fragilizavam a consolidação do papel da ONU como garantidor da Paz Mundial.

O continente também se visibilizava pela emergência de um pensamento próprio no debate comunicacional, denunciando a dominação mediática. Vários acadêmicos regionais formaram parte do time de expertos que contribuíram ao novo paradigma.

A região emergia ainda como ator político. A Conferência de Ministros dos Países Não-Alinhados na Costa Rica foi outra chave que viabilizou a Nova Ordem Mundial da Informação (NOMIC) e o Pacto de São José, duas referências da idéia da comunicação como direito. Porém, é importante recordar que a maioria dos firmaram esses acordos progressistas representavam processos ditatoriais. Evidenciando um uso estratégico do tema, e não uma convicção ideológica.

Em 1974, a Conferência da UNESCO discutiu a regulação internacional dos meios de comunicação. A proposta foi apresentada pela União Soviética, que buscava blindar suas fronteiras dos produtos norte-americanos, e causou uma confrontação excessiva com os países ocidentais. Neste cenário, o Terceiro Mundo se aliou aos soviéticos.

Encurralado entre os titãs, o deba-

* Gislene Moreira Gómez, jornalista graduada pela UFBA, mestre em comunicação pela mesma universidade e doutoranda em ciência política pela Flacso-México; é membro do Grupo Cepos. Email: Gislene.moreira.@flacso.edu.mx

te da comunicação rompeu os consensos da guerra fria e possibilitou criar a comissão de expertos, que em um período de três anos elaborou o polêmico McBride sobre uma intensa pressão.

O bombardeio

O resultado final foi um relatório bastante audacioso com indicação de políticas nacionais de comunicação, a necessidade de regulação do setor, e os primeiros sinais do paradigma da comunicação como direito. Explicitamente, se enfrentou com os interesses do capital privado e da hegemonia norte-americana, mas dentro dos marcos democráticos liberais de gestão internacional. As conseqüências ainda hoje são sentidas.

A Associação Internacional de Radiodifusão (AIR) e a Sociedade Interamericana de Prensa (SIP) iniciaram rapidamente uma contra ofensiva, apelando ao conhecido argumento da violação da Liberdade de Expressão, confundido com liberdade de empresa.

As mudanças no cenário geopolítico, com as guerrilhas controladas pelas ditaduras, eliminação dos governos opositores, e gradual diminuição da ameaça soviética, permitiu também a reafirmação dos Estados Unidos como ator decisivo e o recuo dos países Não-alinhados ao seu enfrentamento.

O processo culmina com as retiradas norte-americana e inglesa da Unesco e os avanços das políticas neoliberais. O

“Numa indústria cada vez mais submetida ao capital sem fronteiras, os avanços de políticas nacionais não serão suficientes para frear outros 30 anos de imposição hegemônica”

informe McBride virou um tabu triste e amargo, e o avanço da concentração mediática privada não teve freios, instalando-se até mesmo no modelo europeu de televisão pública.

O que há de novo?

Hibernado por quase 30 anos, o debate da regulação mediática e das políticas pública da comunicação volta à agenda como fruto dos novos enfrentamentos na América Latina. Outra vez, a região se coloca na zona de vanguarda da discussão através de iniciativas de lei que retomam as premissas de controle estatal e de comunicação pública.

O resgate acontece em meio a uma crise neoliberal e a viradas democráticas que questionam, pela primeira

vez em muito tempo, o modelo hegemônico. No entanto, esse cenário não segue os rumos da antiga polarização. O debate está em aberto e deixa brechas para a experimentação de novos formatos de políticas de comunicação e também para a emergência de novos atores, como a sociedade civil, historicamente excluída inclusive do McBride.

No entanto, todas as iniciativas de construção das novas políticas de comunicação estão no alvo das pressões dos grandes meios, que tentam renovar o argumento da liberdade de expressão. Mais uma vez, se ensaiam contra-ataques e a história ensina que essa é uma luta assimétrica.

É hora de aprender da fragilidade do modelo de democratização da comunicação no jogo de interesses políticos e econômicos que circulam o tema. Numa indústria cada vez mais submetida ao capital sem fronteiras, os avanços de políticas nacionais não serão suficientes para frear outros 30 anos de imposição hegemônica.

O chamado é à articulação de novos atores, capazes de acumular forças e gerar mecanismos de pressão frente ao cenário decisório internacional. Os embates apontam à necessidade de blocos estratégicos desde uma sociedade civil latino-americana. O aprendizado McBride parece indicar que só um pensamento crítico e renovado do direito à comunicação num contexto capitalista pode ajudar a construir esse novo modelo.

PPGCC UNISINOS
Especialização • Mestrado • Doutorado

Fone: (51) 3591.11.22
Ramal 1356

Para a Compreensão da Economia Política da Teledramaturgia



NÚCLEO DE ANÁLISE DA
TELEDRAMATURGIA

www.grupocepos.net/nat

Contatos:

nat@grupocepos.net

Val.bri@terra.com.br

Kalikoske@hotmail.com

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 26-07-2010 a 02-08-2010.

Belo Monte: um monstro financiado

Entrevista com Roland Widmer, coordenador do Programa Eco-Finanças da Amigos da Terra - Amazônia Brasileira

Confira nas Notícias do Dia de 26-07-2010

Disponível no link <http://migre.me/10JQh>

O projeto da usina Hidrelétrica de Belo Monte tem sido chamado por alguns críticos de faraônico não apenas por seu tamanho e potencial, mas também pelos custos que vai gerar. Quem vai pagar essa conta?; quem são os financiadores; que responsabilidades eles têm sobre os impactos que o projeto vai gerar?

Uma luta pelo banimento do amianto

Entrevista com Fernanda Giannasi, engenheira civil e auditora-fiscal do Ministério do Trabalho e Emprego

Confira nas Notícias do Dia de 27-07-2010

Disponível no link <http://migre.me/10JTp>

O debate acerca do banimento do amianto já existe há muitos anos, mas a articulação entre empresas e sindicatos deste setor conseguiu, em grande parte, manter a utilização do mineral.

O paradoxo da produção e do consumo de fumo no Brasil

Entrevista com Amadeu Bonato, orientador educacional, técnico e pesquisador do Departamento de Estudos Sócio-Econômicos Rurais (Deser), em Curitiba/PR

Confira nas Notícias do Dia de 28-07-2010

Disponível no link <http://migre.me/10K0P>

As contradições que o Brasil vive em relação ao desestímulo ao fumo e ao aumento da produção do tabaco são o tema dessa

entrevista. Pesquisas revelam que nenhuma outra droga age com esta intensidade, lesando quase todos os órgãos. Além do fumante, o produtor também sofre com intoxicações sérias.

“Ela me pertence”. A violência contra a mulher

Entrevista com Ângela Maria Pereira da Silva, assistente social da Secretaria Estadual de Assistência Cidadania e Inclusão Social e do Centro Jacobina (São Leopoldo/RS)

Confira nas Notícias do Dia de 29-07-2010

Disponível no link <http://migre.me/10J4h>

Ao refletir sobre os crimes de violência contra a mulher, a entrevistada define esses atos como de total possessividade em relação a outro indivíduo, uma despersonalização do outro.

A privacidade e a liberdade dos cidadãos

Entrevista com Leandro Chemalle, analista de tecnologia da informação, e o Partido Pirata do Brasil

Confira nas Notícias do Dia de 30-07-2010

Disponível no link <http://migre.me/1156F>

A influência do compartilhamento no comportamento social das novas gerações, a lei dos direitos autorais no mundo e o posicionamento do Partido Pirata no Brasil e no mundo são os temas dessa entrevista.

“Não somos donos da natureza, mas uma parte dela”

Entrevista especial com Marianne Spiller, psicóloga fundadora da Associação Brasileira de Amparo à Infância

Confira nas Notícias do Dia de 31-07-2010

Disponível no link <http://migre.me/11CtK>

A partir dos inúmeros projetos e obras para construção de hidrelétricas no Brasil, o país “está na direção de uma ação destruidora”. Spiller considera isso uma violência contra os rios que criam diversos problemas com os países vizinhos.

WWW.IHU.UNISINOS.BR

Confira, a seguir, algumas das entrevistas que foram publicadas pela IHU On-Line no site, no período em que a revista esteve em recesso, coincidente com as férias dos alunos da Unisinos.

“A pedofilia é um delírio da autonomia”

Entrevista especial com Benilton Bezerra, psicanalista

Confira nas Notícias do Dia de 08-07-2010

Disponível no link <http://migre.me/11CEZ>

Muitos indivíduos compreendem autonomia como exacerbação exagerada do valor do individualismo, e recusam subordinar-se à lei, permitindo-se fazer tudo. Nesse sentido, a pedofilia é um delírio da autonomia. Para Bezerra, a pedofilia é um dos últimos limites que reconhecemos como inultrapassáveis.

Projeto Ômega e a desindustrialização

Entrevista especial com José Luis Oreiro, economista

Confira nas Notícias do Dia de 12-07-2010

Disponível no link <http://migre.me/11CEA>

Uma proposta que visa atender exclusivamente ao sistema financeiro. Assim pode ser definido o Projeto Ômega, que quer transformar São Paulo em um centro financeiro internacional. No entanto, não há necessidade de um projeto como este, pois o que o Brasil precisa hoje, para garantir seu crescimento, é um ajuste forte na taxa de câmbio.

Belo Monte: 30 anos de cooptação e omissões

Entrevista especial com André Villas Boas, coordenador do Instituto Socioambiental (ISA)

Confira nas Notícias do Dia de 19-07-2010

Disponível no link <http://migre.me/11CNh>

Belo Monte é um “cavalo de tróia” de um complexo hidrelétrico que está planejado para o Xingu há muitos anos. Entretanto, essa é só a ponta do iceberg. É preocupante o fato de não haver uma discussão aberta com a sociedade, e com os índios, sobre os impactos das obras. O governo não fez nenhuma consulta pública, destacou.

SEMINÁRIO JOGUE ROAYVU: HISTÓRIA E HISTÓRIAS DOS GUARANI

DATA DE INÍCIO: 12/08/2010 DATA DE TÉRMINO: 14/10/2010

INFORMAÇÕES EM WWW.IHU.UNISINOS.BR



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Agenda da Semana

Confira os eventos desta semana realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

Dia 5/8/2010	
Evento: Amazônia em Debate Palestrante: Dom Erwin Kräutler - Prelazia do Xingu Tema: Belo Monte, impactos socioambientais - IHU Ideias Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Horário: 17h30min	
Evento: Amazônia em Debate Palestrante: Dom Erwin Kräutler - Prelazia do Xingu Tema: Povos Indígenas na Amazônia: lutas e restrições de direitos Local: Teatro Municipal de São Leopoldo - Centro Cultural José Pedro Boéssio Rua Osvaldo Aranha, 934, Centro - São Leopoldo/RS Horário: 20h às 22h	
Dia 06/08/2010	
Evento: Amazônia em Debate Palestrante: Dom Erwin Kräutler - Prelazia do Xingu Tema: Presença Eclesial na Amazônia: desafios e perspectivas Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Horário: 14h30min às 16h	

AMAZÔNIA EM DEBATE

INÍCIO: 05 DE AGOSTO DE 2010

TÉRMINO: 06 DE AGOSTO DE 2010

INFORMAÇÕES EM WWW.IHU.UNISINOS.BR

XI SIMPÓSIO INTERNACIONAL O (DES)GOVERNO DA VIDA HUMANA

13 a 16 de setembro de 2010

Informações e inscrições: www.ihu.unisinos.br

ou Central de Relacionamento Unisinos - (51) 3591 1122

Local: Unisinos • Anfiteatro Pe. Werner • Av. Unisinos, 950 • São Leopoldo • RS

IHU: NO BIOPOLÍTICO NA

Apoio:



Promoção:



Eventos

Belo Monte: uma monstruosidade apocalíptica

Segundo Dom Erwin Kräutler, o projeto de Belo Monte sacrificará o rio Xingu em toda a sua extensão de mais de 2000 quilômetros

POR PATRICIA FACHIN

O projeto da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, no Xingu, em Altamira, já se chamou kararaô, grito de guerra do povo indígena Kayapó. O nome foi alterado, de acordo com Dom Erwin Kräutler, “para que o povo do Xingu não lembrasse mais o facão da Tuíra e os rostos pintados de urucum dos Kayapó contrários à hidrelétrica”. Desde os anos 70, quando Belo Monte foi pensado, os indígenas da região se manifestaram contra o empreendimento e a foto emblemática da índia Tuíra esfregando um facão no rosto de José Antônio Muniz Lopes, então diretor de engenharia da Eletronorte, ficou conhecida no mundo inteiro como símbolo de resistência à iniciativa.

Após protestar publicamente contra o empreendimento, Dom Erwin Kräutler recebeu diversas ameaças de morte, e há quatro anos vive com escolta policial 24 horas por dia. Afeiçoado pelo Xingu desde criança, e conhecedor da região há mais de 30 anos, ele defende que Belo Monte “nada tem a ver com energia em casa de pobre”. Em entrevista à IHU On-Line, por e-mail, o bispo do Xingu conta que o projeto tem suas raízes na Ditadura Militar e menciona que caso ele saia do papel, os sacrifícios serão “exigidos diretamente dos atingidos, em torno de 30 mil pessoas, e do meio ambiente irreversivelmente destruído”.

Ele enfatiza: “O que com Belo Monte se quer é favorecer as indústrias minero-metalúrgicas: ferro e bauxita e sua transformação em lingotes de alumínio, processo extremamente intensivo em energia elétrica”.

Dom Erwin também critica os estudos ambientais realizados acerca de Belo Monte. Eles são “tão sérios”, ironiza, “que o tamanho do lago já foi alterado por duas vezes. No projeto original abrangia 400 km². Na licença prévia do IBAMA já alcançou 516 km² e agora o edital do leilão anuncia sem nenhum constrangimento que a área inundada corresponderá a 668 km²”.

Dom Erwin Kräutler estará na Unisinos no dia 5-8-2010, onde abordará o tema Belo Monte, impactos socioambientais. O evento, uma promoção do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, realiza-se às 17h30min, na sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU. Na noite desta mesma quinta-feira, dia 5, D. Erwin debaterá a situação dos povos indígenas no Brasil, especialmente na Amazônia. O evento será realizado no Teatro Municipal de São Leopoldo - Centro Cultural José Pedro Boéssio, às 20h. Na sexta-feira, 6-8-2010, às 14h30min, na sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU, ele falará sobre Presença Eclesial na Amazônia: desafios e perspectivas.

Dom Erwin Kräutler é bispo de Altamira, Pará e presidente do Conselho Indigenista Missionário - CIMI. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Belo Monte é um projeto que se estende desde a época da ditadura. O senhor pode nos explicar como, por que e em que contexto surge o projeto de Belo Monte?

Erwin Kräutler - No início da década de 70, a “Integração Nacional” desejada pela Ditadura Militar através

da construção da **Rodovia Transamazônica (BR 230)** foi uma das mais violentas agressões à Amazônia. Não existia plano que visasse o desenvolvimento desta macro-região protegendo-a e respeitando-a dentro de suas características peculiares. A construção da **Transamazônica** e os outros

projetos daquele tempo impostos aos povos da Amazonia já estavam a serviço do grande capital. Em 9 de outubro de 1970, o **Presidente Médici** deu solenemente início ao programa governamental de derrubar a floresta amazônica, aplaudindo com a comitiva recrutada dos quartéis da ditadura

ao tombo de uma grande castanheira. Não me refiro aqui a artigos de jornais da época. Como Padre novo no Xingu - cheguei em 1965 - estive presente de corpo e alma naquele evento que extremamente me chocou. Os bispos, **Dom Eurico do Xingu** e **Dom Estêvão de Marabá**, não foram convidados a subir ao palanque para aplaudir a queda estrondosa da castanheira. Visivelmente contrariados ficaram no meio do povo, eles vestidos a rigor, de batina episcopal e solidéu, o povo em mangas de camisa. Confesso hoje, que gostei daquela desfeita que os bispos tiveram que engolir, para caírem na real. Voltando para a casa da Prelazia e escutando o comentário furioso de **Dom Estêvão**, dei-me conta de que a indelicadeza presidencial surtiu o efeito que eu desejava. Afinal, a Igreja não precisava render homenagem ao responsável pelos mais violentos atos contra os direitos humanos de toda a ditadura militar e a quem agora decidiu a gradativa devastação da Amazônia. A placa de bronze, até o dia em que foi roubada, incrustada no tronco da castanheira, falou de uma “arrancada histórica para a conquista deste gigantesco mundo verde”. Impulsionou-se uma migração inédita dentro do Brasil para resolver problemas fundiários nos Estados do centro, sudeste e sul do País, enviando agricultores sem terra e potenciais invasores de latifúndios naqueles Estados para a Amazônia, além de atrair famílias do Nordeste castigado pelas secas periódicas.

Mas, embutido no **Projeto de Integração Nacional** já se encontrava outro plano. As rodovias que sangravam as florestas cortavam também os grandes rios amazônicos, exatamente nas proximidades das principais quedas d’água, prevendo a construção de barragens para geração de energia. A **Rodovia Transamazônica** foi inaugurada em setembro de 1972. Já em 1975, a **Eletronorte** contratou a firma **CNEC (Consórcio Nacional de Engenheiros Consultores)** para pesquisar e indicar o local exato de uma futura hidrelétrica. Em 1979 o **CNEC** terminou os estudos e declarou a viabilidade de construção de cinco hidrelétricas no Xingu e uma no rio Iriri, afluente do Xingu. A primeira levou como nome o grito de

“Que desenvolvimento é esse que, para atender o mercado internacional, extermina deliberadamente o maior acervo de biodiversidade ainda nem sequer plenamente pesquisado e catalogado?”

guerra do povo Kayapó: **Kararaô**. À população local foram negadas as informações necessárias para avaliar o projeto. A transparência no fornecimento de dados não fez parte do esquema da **Ditadura Militar**. Mas a estratégia de **Lula** não deve absolutamente nada à **Ditadura Militar** que em tempos idos tanto combateu. O **governo Lula** nega informações, altera arbitrariamente dados, impõe normas e regras contrárias à própria Constituição Federal, manda em frente quem não reza pela cartilha do **PAC**, faz profissionais do **IBAMA**, ao apresentarem sérias objeções a **Belo Monte**, pedir as contas e os despede. Insiste que **Belo Monte** tem que sair “de qualquer jeito”. Até o tão comedido senador **Pedro Simon**, do Rio Grande do Sul, pediu explicações ao Presidente da República e censurou “a declaração do presidente **Lula** de que vai construir a obra ‘de qualquer jeito’”. Não está sendo feliz o presidente da República na sua maneira de se expressar.”

Projeto de Belo Monte

Mas voltemos à história desse projeto. De 20 a 25 de fevereiro de 1989, realizou-se em **Altamira** o **I Encontro das Nações Indígenas do Xingu**. O evento reunia em torno de 600 índios, pintados para guerra, e teve enorme repercussão em todo o Brasil e no exterior. A foto que retratou a cena em que a índia **Tuíra** esfregou um facão no rosto de **José Antônio Muniz Lo-**

pes, então diretor de engenharia da **Eletronorte**, hoje presidente da **Eletronorte**, percorreu o mundo, tornando-se símbolo e uma espécie de logomarca da rejeição total dos índios ao barramento do Xingu.

Pouco depois desta assembléia dos índios em **Altamira**, encontrei-me em **Berna**, na Suíça, com representantes do **Banco Mundial**. Afirmaram-me que jamais iriam financiar um empreendimento deste tipo sem terem absoluta certeza da mais estrita observação das cláusulas ambientais e indígenas. Pronto. **Kararaô** foi arquivado! Assim pensávamos.

No fim da década de 90, o projeto ressurgiu. O grito de guerra “**Kararaô**” foi substituído por “**Belo Monte**” para que o povo do Xingu não lembrasse mais o **facão da Tuíra** e os rostos pintados de urucum dos **Kayapó** contrários à hidrelétrica.

Quando, em 27 de outubro de 2002, **Luís Inácio Lula da Silva** foi eleito presidente da República respiramos aliviados, pois, durante a campanha eleitoral manifestou-se contra **Belo Monte** como também o fizeram vários candidatos à Câmara dos Deputados e ao Senado. Depois de eleitos passaram por uma surpreendente metamorfose camaleônica. O que antes condenaram como insulto ao Brasil e agressão à Amazônia começaram a defender como única saída para salvar a Pátria do apagão e de um colapso de sua economia.

O **Governo Lula** considera **Belo Monte** prioridade do **Programa de Aceleração do Crescimento (PAC)** e para “tranquilizar” os povos do Xingu se decreta com grande alarde que será construída “apenas” uma hidrelétrica. É, sem dúvida, uma das maiores mentiras da história do Brasil, pois quem, em sã consciência, vai investir 30 bilhões de Reais para uma **Usina Hidrelétrica** que só por alguns meses durante o ano consegue funcionar com pleno rendimento e cuja potência cai nos restantes meses até abaixo de um quinto do previsto, por causa da diminuição do volume d’água durante o verão tropical? Outras barragens serão necessárias e um decreto se pode revogar com a mesma facilidade como é promulgado. “Revoguem-se as dispo-

sições em contrário” e fim de papo.

O rio Xingu será sacrificado. “Não existe progresso sem sacrifícios” pregam os políticos e os empresários. Porém, os sacrifícios são exigidos dos diretamente atingidos, em torno de 30 mil pessoas, e do meio-ambiente irreversivelmente destruído. Sim, outras barragens são programadas. Ninguém se iluda! A Eletrobrás há tempo adiantou a elaboração dos planos para depois da conclusão de Belo Monte e já dispõe de todo o “inventário” do Xingu com mapa e tudo até acima da cidade de São Félix do Xingu.

IHU On-Line - Por que esse projeto foi arquivado e por que é retomado agora?

Erwin Kräutler - O que há de mais repugnante em torno do projeto Belo Monte são as mentiras descaradamente espalhadas pelo governo que quer ganhar a simpatia do povo brasileiro para esse empreendimento. Assim prega que só com Belo Monte pode ser evitado o apagão que paira como fantasma em cima da sociedade. Diz com todas as letras que Belo Monte fornecerá luz e energia para a casa dos pobres. Acena com o espectro de o Brasil todo de repente ser envolto por densas trevas, causando inúmeras desgraças. Usa até argumentos ridículos afirmando que sem Belo Monte o povo de repente não tem mais como assistir as novelas da Globo e tomar banho com água quente, já que nem televisão nem o chuveiro elétrico funcionam sem energia.

Na realidade, Belo Monte, se for construído, nada tem a ver com energia em casa de pobre. Belo Monte tem como finalidade explorar intensivamente todas as riquezas naturais do solo e subsolo que Amazônia oferece, recursos florestais, minerais e hídricos para atender às demandas internacionais. O governo não insiste em Belo Monte guiado por um espírito altruísta ou filantrópico, inspirado e motivado por um entranhado amor para com quem está na miséria. Belo Monte é concebido a partir dos interesses do mercado internacional e ainda da expansão do agronegócio, também este para atender a exigências internacionais. O que com Belo Monte se quer

“Até essa data não existe um palmo de chão destinado ao reassentamento dessas milhares de famílias diretamente atingidas por essa monstruosidade apocalíptica prevista no PAC”

é favorecer as indústrias minero-metalúrgicas: ferro e bauxita e sua transformação em lingotes de alumínio, processo extremamente intensivo em energia elétrica.

Belo Monte estará a serviço dos “gringos” contra os quais Lula em seu discurso de cunho nacionalista e xenófobo proferido em Altamira no dia 22 de junho de 2010 protestou: “Nós precisamos mostrar ao mundo que ninguém mais do que nós quer cuidar da nossa floresta. Mas ela é nossa. E que gringo nenhum meta o nariz onde não é chamado, que nós saberemos cuidar da nossa floresta e saberemos cuidar do nosso desenvolvimento”. Que falácia! Como Lula quer cuidar da floresta se os projetos do PAC a agrirem sem escrúpulos para atender interesses estrangeiros? Que desenvolvimento é esse que, para atender o mercado internacional, extermina deliberadamente o maior acervo de biodiversidade ainda nem sequer plenamente pesquisado e catalogado? Como ele vai saber “cuidar de nosso desenvolvimento” se está nada preocupado com as 30 mil pessoas que serão compulsoriamente arrancadas de seus lares ou de seus sítios e roças?

Até essa data não existe um palmo de chão destinado ao reassentamento dessas milhares de famílias diretamente atingidas por essa monstruosidade apocalíptica prevista no PAC. Como ele saberá “cuidar do nosso desenvolvimento” se desrespeita os povos indígenas, as comunidades ribeirinhas e

quilombolas? Como ele saberá “cuidar de nosso desenvolvimento” se concorda que um terço da cidade de Altamira vai para o fundo e os restantes dois terços serão banhados por um lago podre e morto, viveiro propício para todo tipo de pragas e gerador de doenças endêmicas?

IHU On-Line - Por que a ministra, na ocasião Dilma Rousseff, que lutou contra a ditadura, reabre a possibilidade de retomar um projeto planejado na ditadura e incluí-lo no PAC? Como entender?

Erwin Kräutler - Quem vai entender?! **Dilma Rousseff**, em sua juventude ferrenha antagonista da ditadura e militante intransigente contra tudo o que esse regime inventou, de repente se afeiçoa a um projeto desta mesma ditadura. Depois que o IBAMA, pressionado havia meses, concedeu, em 1º de fevereiro de 2010, licença prévia para a Usina Hidrelétrica Belo Monte, a ministra da Casa Civil brindou os meios de comunicação com um impressionante parecer: “É um projeto que tem um aspecto ambiental importante para o governo, que é provar que é possível fazer um projeto de energia elétrica respeitando o meio ambiente.” Como ela pode provar que esse projeto respeita o meio ambiente? Pergunto a ela, se é respeito ao meio ambiente quando 668 quilômetros quadrados são inundados incluindo um terço da cidade de Altamira, hoje com aproximadamente 100 mil habitantes? Os estudos ambientais são tão “sérios” que o tamanho do lago já foi alterado por duas vezes. No projeto original abrangia 400 km². Na licença prévia do IBAMA já alcançou 516 km² e agora o edital do leilão anuncia sem nenhum constrangimento que a área inundada corresponderá a 668 km².

Queria que **Dona Dilma** me explicasse o que entende por respeito ao meio ambiente quando além de um lago morto de 668 quilômetros quadrados mais de 1000 outros quilômetros quadrados serão irreversivelmente arrasados pelas obras de construção de imensos paredões de cimento, diques e canais de derivação. Queria que **Dona Dilma** me explicasse o “aspecto ambiental importante para o governo”

quando, ao longo de cerca de 100 km, a **Volta Grande do Xingu** sofrerá uma tremenda redução da vazão e rebaixamento do lençol freático com imprevisíveis impactos biológicos e sociais. A perda de recursos naturais e hídricos prejudicará diretamente os povos indígenas. Aos indígenas será cortada a água! É isso que se chama respeito ao meio ambiente? Como viver no seco? De que os índios se alimentarão, já que lhes faltará o peixe? Será que **Dona Dilma** vai providenciar cestas básicas semanais para as famílias indígenas sobreviverem naquela região?

IHU On-Line - Quais os argumentos de quem é contra e a favor dessa iniciativa?

Erwin Kräutler - Quem é a favor da usina alega que ela vai criar milhares de empregos e trazer “progresso”. Os empregos serão em sua imensa maioria passageiros. E a argumentação de que **Belo Monte** vai trazer o sonhado progresso para a região já conheço da época da construção da **Transamazônica**. Naquele tempo, alguns enriqueceram de fato, mas o progresso que se esperava até hoje não chegou. Promessas nunca faltaram, inclusive do asfaltamento da rodovia e lá se foram quase quarenta anos desde a sua inauguração.

A situação de nossos hospitais e de nossas escolas públicas é simplesmente calamitosa. Em nenhuma cidade da região do **Xingu** existe saneamento básico merecedor deste nome. Esgoto a céu aberto ou então canalizado para o mesmo rio em que a pouca distância do lugar do despejo dos dejetos é captada a água “potável” para a população urbana.

A cidade é tão violenta que a polícia não dá conta. Viajar em ônibus para outra cidade é muito arriscado. Há casos em que um ônibus é assaltado duas vezes na mesma viagem.

E agora, por causa de **Belo Monte** tudo vai mudar? Precisa-se realmente criar um projeto tão monstruoso para que finalmente sejam respeitados a dignidade e os direitos constitucionais de brasileiros e brasileiras e levadas em conta as necessidades básicas da população? Promessas de migalhas que caem da mesa de um grande projeto após beneficiar as empresas e os polí-

“Tendo contato direto
com o povo e
experimentando
pessoalmente a realidade
em que vive, me afeiçoei
ainda mais a essa
gente que se tornou
‘meu povo’ e me
aceitou como seu
bispo-irmão”

ticos de plantão?

Os empresários e comerciantes apostam na hidrelétrica porque pensam que vão faturar em cima dela e sonham com uma **Altamira** inundada, não por água, mas por dinheiro. A ingenuidade de uns é tamanha que chega ao ponto de pensarem que seus estabelecimentos serão beneficiados por compras maciças de insumos e materiais necessários para a construção dos paredões e canais.

Mais espantoso ainda é que os poderes municipal, estadual e federal nem sequer se preocupam com a vinda ao **Xingu** de milhares de pessoas e famílias em busca de oportunidades de emprego, tão logo que seja dado o tiro de largada para a construção. **Altamira** não tem a mínima infraestrutura para acolher tantas pessoas. Pior, ninguém tem ideia onde essas famílias vão morar. Sem dúvida vão inchar as periferias da cidade, aliás aquelas mesmas baixadas que depois da barragem feita serão tomadas pelo lago artificial. Não há planejamento, não há perspectiva, não há políticas públicas para essas famílias. Da parte do governo, de modo especial de seu setor energético, o que há são vagas promessas de “solução”, mas nenhum desses tecnocratas se dá o luxo de fornecer detalhes, pois na verdade, eles mesmos nem sabem o que vai acontecer e nem sequer se afligem com isso, pois não está em jogo o futuro de suas

próprias famílias, de seus filhos e netos. Como tantas vezes ocorreu com projetos similares, vai se improvisar algumas medidas e depois se entregará o povo à sua própria sorte. Pergunto, se existe um exemplo pelo Brasil afora que realmente prove o contrário?

Os estudos de impactos feitos pelo governo falam em “ruas” que vão para o fundo. Não se referem às “moradias” ao longo dessas ruas e muito menos às pessoas que residem nessas casas. Bairros inteiros serão tomados pelas águas do reservatório. O povo que lá reside fez suas casas em alvenaria ou madeira ao longo dos anos passados com muito suor e sacrifício. No entanto, a maioria não dispõe de Título de Registro de Propriedade.

IHU On-Line - O senhor se afeiçoou ao Xingu desde pequeno, quando recebia cartas de seu tio que morava no Brasil. Que outros aspectos contribuíram para que o senhor tivesse tanto carinho por esta região e seus habitantes?

Erwin Kräutler - É verdade que desde a minha infância sonhei com o **Xingu** sem ter ideia onde ficava. Quando na geografia estudávamos a América do Sul, achei o **Xingu** e identifiquei-o como afluente do **Amazonas**. Meu tio falou com carinho dos povos do **Xingu**, dos seringueiros, dos pescadores, mas de modo especial dos índios. Vir para a **Amazônia** talvez tenha sido o meu destino, minha sina. Mesmo assim não acredito em “destino” como uma espécie de força cega. Eu acredito antes em vocação no sentido mais profundo de um “chamado”, na linha do que diz o profeta **Ezequiel**: “A mão do Senhor veio sobre mim e me conduziu...” (Ez 37,1).

Fato é que não fui “mandado” para o Brasil e o **Xingu**. Foi escolha minha, decisão que eu mesmo tomei. Somente a comuniquéi aos meus superiores de congregação que concordaram e assim embarquei poucos meses após minha ordenação sacerdotal para o Brasil. O **Xingu** tornou-se minha nova pátria. Nunca vivi o meu ministério de Padre em outro canto do mundo ou em outra região do Brasil. Quando fui nomeado bispo começou uma nova etapa em minha vida. Tornei-me responsável por toda a **Prelazia do Xingu**, com seus

365 mil quilômetros quadrados a maior circunscrição eclesiástica do Brasil, quase o equivalente aos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina juntos. Logo após a minha sagração comecei a cumprir o que leigos e leigas pediram ao bispo novo: visitar as comunidades dispersas neste vasto território e “sentir na pele o que elas e eles estão sentindo há tanto tempo”.

Tendo contato direto com o povo e experimentando pessoalmente a realidade em que vive, me afeiçoei ainda mais a essa gente que se tornou “meu povo” e me aceitou como seu bispo-irmão. Nunca me esqueço do grito deste povo quando, em 1983, fui preso pela Polícia Militar por solidarizar-me com canavieiros da Transamazônica, explorados e maltratados. Esperando há nove meses o pagamento da safra, bloquearam em protesto a estrada. Ao ser jogado no chão, manietado e preso por um brutamontes de policial, o povo gritou: “Larga ele! Ele é nosso bispo!” Sempre entendi minha missão também como defensor intransigente da dignidade e dos direitos humanos, especialmente das pessoas que o sistema neoliberal vigente considera como “supérfluas” ou “descartáveis”. Assumi, de modo particular, a defesa das crianças, das mulheres e dos povos indígenas, secularmente desprezados e discriminados até os dias de hoje. Também os colonos ameaçados de expulsão de suas terras ou sem acesso a um lote em que pudessem plantar e colher para sustentar suas famílias, sempre podem contar com meu engajamento em seu favor.

Com esse empenho naturalmente não ganhei apenas amigos. Há gente que se sente prejudicada em seus interesses e ambições e reage prontamente com ameaças e difamações. Há quatro anos estou sob proteção policial 24 horas. Quatro PMs se revezam em dois turnos, moram na minha casa e me acompanham sempre onde quer que esteja, também nas viagens às comunidades do interior, nas celebrações, reuniões, visitas e encontros.

IHU On-Line - Em entrevista ao jornal Valor, o presidente da Eletrobrás, José Antonio Muniz Lopes, diz que em Altamira existem onze etnias indígenas e, dessas, quatro são con-

“Assumi, de modo particular, a defesa das crianças, das mulheres e dos povos indígenas, secularmente desprezados e discriminados até os dias de hoje”

tra e sete são a favor de Belo Monte. Mencionou ainda que as etnias contrárias ao projeto pertencem ao Alto Xingu, onde a obra não tem nenhuma interferência. Como o senhor se posiciona diante das declarações?

Erwin Kräutler - O presidente da Eletrobrás, **José Antônio Muniz Lopes**, sempre desdenhou da luta indígena contra **Belo Monte** e com a afirmação de que nas etnias do Alto Xingu o projeto não tenha nenhuma interferência ele mais uma vez esconde as cartas. Ele sabe perfeitamente que o projeto do aproveitamento do Xingu para gerar energia não se limita ao **Belo Monte**, mas sacrificará o **Rio Xingu** em toda a sua extensão de mais de 2000 quilômetros. É mero cinismo do presidente da Eletrobrás que, da altura do cargo que lhe foi outorgado pelo **presidente Lula**, não vê nenhuma necessidade de dar satisfação a quem quer que seja e muito menos de discutir os prós e contras do projeto. Jamais engoliu o fato de uma índia ter esfregado um facão no seu rosto e suas reações desdenhosas certamente são consequência deste incidente que o humilhou diante das câmeras de TV do mundo inteiro. Não me consta que ele tenha visitado as aldeias indígenas do **Xingu** e por isso está desautorizado a afirmar quantas etnias estão a favor e quantas contra **Belo Monte**. É bem verdade que alguns indígenas foram cooptados pela **Eletronorte** que usa de todos os meios para convencer os índios de que **Belo Monte** vai beneficiar as aldeias. No entanto, afirmar categoricamente que uma “etnia” é a favor e outra con-

tra é mera conjectura.

IHU On-Line - Qual a influência da Eletrobrás em Altamira?

Erwin Kräutler - A Eletrobrás adotou, desde que abriu seu escritório em **Altamira**, a estratégia de cooptação dos diversos segmentos da sociedade e dos povos indígenas para os seus interesses. Foge, porém, de qualquer discussão pública onde teria que responder a questões e argumentos dos que são contrários ao projeto. Eu mesmo posso provar essa atitude pouco democrática. Tempos atrás a juventude estudantil de **Altamira** promoveu um evento em que defensores e opositores de **Belo Monte** pudessem apresentar sua posição a favor ou contra. A **Eletro-norte**, sem justificar-se, brilhou pela ausência ou, em outras palavras, manifestou mais uma vez a sua covardia. Aliás, quem ainda confia na **Eletro-norte**? Ela foi responsável por outra usina hidrelétrica, a de **Balbina**, o pior projeto de geração de energia no Brasil, no **rio Uatumã**, AM, que o próprio presidente da República na ocasião em que me recebeu em audiência (22 de julho de 2009) classificou de “monumento da insanidade”.

IHU On-Line - O rio Xingu tem épocas de cheias e secas? Acontece de, em períodos de cheias, alagar alguns pontos da cidade? Como isso interfere na vida da população?

Erwin Kräutler - É verdade que o volume d'água do Xingu oscila dependendo da época. A diferença entre o inverno e o verão é bastante acentuada. O verão se caracteriza por extensas praias douradas e baixo nível de água no leito principal do rio. As praias são sempre procuradas e frequentadas nos fins de semana pelo povo de **Altamira** que jamais pode imaginar que irão desaparecer para sempre. No inverno, na estação das chuvas, algumas áreas no perímetro urbano são alagadas todos os anos e por isso oficialmente interditas para habitação humana. Mesmo assim, famílias sem recursos montaram seus barracos aí e todos os anos tem que ser removidas para escolas públicas ou para o parque de exposição até o rio baixar.

A inundação prevista em consequên-

cia do **projeto Belo Monte** nada tem a ver com as “cheias” anuais, mas alagará áreas habitadas que nunca ou raras vezes foram atingidas pelo **Xingu**. Nos 45 anos que vivo no **Xingu** vivenciei duas enchentes maiores que, de fato, atingiram quase toda a baixada de **Altamira**. Mas foram realmente exceções. O lago artificial, no entanto, ultrapassará - e muito - as maiores enchentes já verificadas, fazendo de **Altamira** uma península em meio a águas estagnadas e isso não apenas por algumas semanas mas para sempre, de modo irreversível.

IHU On-Line - O último relatório do Cimi revela que mais de 60 índios foram mortos no ano passado. A que o senhor atribui tanta violência contra os povos indígenas? Essas mortes têm alguma relação entre si?

Erwin Kräutler - O Conselho Indigenista Missionário - CIMI publica, desde 1993, anualmente um relatório sobre as mais variadas formas de violência perpetradas no Brasil contra os povos indígenas. Esses crimes violam frontalmente a Constituição Federal e a **Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho - OIT**. Várias vezes fui perguntado, até quando o **CIMI** estaria disposto a ir a público com tais dados estupefacentes. Sempre respondendo que, enquanto existir uma única morte violenta de uma índia ou um índio, o **CIMI** não se calará. Se nós nos calarmos o sangue derramado gritará do solo brasileiro ao céu. É uma chaga aberta que atravessa todo o país. E existe um detalhe. Os dados de que dispomos são fornecidos por nossos missionários que vivem junto aos povos indígenas e por matérias publicadas em jornais. Não se trata de uma exaustiva estatística anual que revela todos os crimes. Relatamos somente aqueles de que tivemos notícia. O número de mortes e agressões violentas, portanto, não se restringe ao relatório por nós divulgado. Ultrapassa-o. Há, sem dúvida muito mais mortes de índios e violências contra esses povos.

A maior parte destes crimes está relacionada às terras, de que os índios foram expulsos ou que lhes foram roubadas. Os conflitos ocorreram por causa da invasão de terras indígenas por parte dos diversos grupos econômicos, de modo

especial fazendeiros, usineiros, madeireiros e empresas de energia elétrica. Há ainda indígenas que estão vivendo encurralados em áreas tão diminutas que sua vida se torna um inferno nesta terra e por isso optam, antes do tempo, pela vida no céu, no além, onde acreditam poder viver sossegados e como **Guarani** de verdade. Com esta fé e esperança escolhem o suicídio. É macabro, mas a mais pura verdade.

LEIA MAIS...

Dom Erwin Kräutler já concedeu outra entrevista à **IHU On-Line**.

- *Belo Monte. Projeto faraônico e gerador de morte*”, publicada nas **Notícias do Dia**, em 17-12-2009. Disponível no link <http://migre.me/Zu1p>

>> O site do **IHU** publicou notícias e entrevistas sobre Dom Erwin Kräutler.

- “*Belo Monte será uma agressão sem precedentes para o Brasil*”, afirma Dom Erwin Kräutler. Notícia publicada no sítio do **IHU** e disponível no link <http://migre.me/11CEx>;

- “*O presidente frisou ainda que Belo Monte só será realizado ‘se todos ganharem com isso’*”. Entrevista com Dom Erwin Kräutler, publicada nas **Notícias do Dia** do **IHU** em 10-3-2010 e disponível no link <http://migre.me/11CGJ>.

- “*Esperava que o IBAMA reagisse com mais sinceridade e serenidade*”, afirma Dom Erwin Kräutler. Carta publicada nas **Notícias do Dia** do **IHU** em 27-2-2010 e disponível no link <http://migre.me/11CJa>;

- *Dom Erwin Kräutler é indicado para Nobel Alternativo dos Direitos Humanos*. Notícia publicada em 26-2-2010, nas **Notícias do Dia** do sítio do **IHU**. Acesse em <http://migre.me/11CMz>.

- *Belo Monte: “Não houve diálogo”*, afirma Dom Erwin Kräutler. Notícia publicada em 5-2-2010 e disponível no link <http://migre.me/11CQq>;

- “*Só os índios, hoje, se preocupam com o futuro. Os brancos só olham para o presente*”. Entrevista com Dom Erwin Kräutler, publicada nas **Notícias do Dia** do **IHU**, em 15-4-2008. Acesse em <http://migre.me/11CPK>;

- “*Desenvolvimento na Amazônia se tornou sinônimo de derrubar, queimar, arrasar, matar*”. Entrevista com Dom Erwin Kräutler, publicada nas **Notícias do Dia**, em 19-2-2008. Acesse em <http://migre.me/11CQZ>.

- “*O projeto desenvolvimentista está sendo construído sobre os cadáveres dos indígenas*”, afirma dom Erwin Kräutler. Notícia publicada em 10/7/2010, no sítio do **IHU** e disponível no link <http://migre.me/11CWs>;

- *Amazônia, um filho teu não foge à luta*. Entrevista com dom Erwin Kräutler. Publicada em 30/4/2010, nas **Notícias do Dia** e disponível no link <http://migre.me/11CXT>;

- *Projeto Belo Monte - Morte Projetada. Carta de D. Erwin Kräutler a Lula*. Publicada em 4-11-2009. Disponível no link <http://migre.me/11CZZ>;

- *Dom Erwin Kräutler. Reconhecimento e ameaças marcam vida de bispo no Xingu*. Publicada em 20/1/2007 e disponível no link <http://migre.me/11D0E>.

CICLO DE ESTUDOS EM EAD: SOCIEDADE SUSTENTÁVEL

INFORMAÇÕES EM WWW.IHU.UNISINOS.BR

IHU Repórter

Idinei Zen

POR PATRICIA FACHIN | FOTO ARQUIVO PESSOAL

Natural de Santa Catarina, Idinei Zen, padre jesuíta, descobriu sua vocação ainda jovem, quando ingressou no Seminário. Ordenado sacerdote em 1998, ele tem se dedicado ao trabalho social e, atualmente, é diretor do Centro Jesuíta de Cidadania e Ação Social de São Leopoldo - RS e secretário executivo do Instituto Anchietano de Pesquisas. Na entrevista a seguir, ele conta as experiências vividas nas comunidades e enfatiza que “a dimensão de poder viver junto com esse povo e observar a maneira deles viverem e expressarem a sua fé enriquece a nossa própria fé e fortalece a vocação e a disposição de trabalhar para que eles também tenham um futuro melhor”. Confira.



Origens - Nasci na linha Pinheiro Baixo, no município de Ouro, em Santa Catarina. Quando tinha oito meses de idade, meus pais se transferiram para a cidade de Descanso, no extremo oeste de Santa Catarina. Vivi com eles e meus dois irmãos até os 12 anos, quando sai da comunidade para continuar os estudos. Morei pouco tempo em casa, portanto, a convivência com os familiares passou a ser, dos 12 anos em diante, no período de férias. Fiz o segundo grau no Colégio Santo Inácio de Salvador do Sul, depois, estive em Cascavel, onde realizei o noviciado. Em João Pessoa fiz o juniorado, cursei Filosofia e Teologia em Belo Horizonte. Durante a etapa do Magistério fiz Licenciatura de filosofia e o mestrado em História, na Unisinos.

Trajetória - Em 1981, quando entrei no Seminário, já tinha decidido ser padre. Em seguida, já fui admitido na Companhia de Jesus. Ordenei-me padre em 1998 e fui destinado para a Paróquia de Santa Luzia, na cidade de Porto Velho, capital de Rondônia, onde morei durante oito meses. Quando voltei para Santa Catarina, trabalhei três anos e meio na paró-

quia São Domingos, no município de São Domingos. Depois, fui destinado à paróquia Beato José de Anchieta da Vila Duque, em São Leopoldo, onde trabalhei cinco anos. Mais tarde, fui à Espanha fazer a terceira provação, última etapa da formação jesuítica. Ao retornar, fui nomeado reitor interino do Santuário Sagrado Coração de Jesus e, em 2008, passei a ser professor na Unisinos, atividade que exerci até o ano passado. Hoje, sou secretário executivo do Instituto Anchietano de Pesquisas e diretor do Centro Jesuíta de Cidadania e Ação Social de São Leopoldo - RS.

Trabalho social - Quando morei em Porto Velho, tinha como missão organizar as comunidades e aplicar o modelo jesuíta de evangelizar e anunciar o Reino. A missão de Cristo era construir o Reino, então, a missão do jesuíta, como companheiro de Jesus, é fazer com que todas as pessoas possam participar desse reino. Lá, meu trabalho social foi iniciado com a atividade de alfabetização de adultos.

A atividade que mais me marcou na área social durante a minha formação foi no período em que morei em

Belo Horizonte quando cursava teologia. Nesta ocasião, fui destinado a trabalhar com cursos alternativos de pré-vestibular para pessoas carentes. Ajudava grupos de jovens que não tinham possibilidade de cursar um curso pré-vestibular. Esse projeto foi iniciado por um americano, que estudava Teologia. Gostaria de ter continuado lá, mas a Companhia precisou de mim em outra atividade. Há pouco tempo estive em Belo Horizonte dando aula e pude conversar com duas pessoas que foram importantes na continuidade dessa atividade.

Lembro que os professores eram voluntários e recebiam vale-transporte e os alunos pagavam uma taxa mínima de R\$ 5,00, R\$ 10,00. Minha alegria era ver os professores se envolvendo com essa iniciativa. Hoje, muitos desses alunos são médicos, engenheiros, biólogos... Se não fosse esse trabalho, talvez eles tivessem mais dificuldade de ingressar na universidade. Até hoje fico feliz e realizado por ter participado dessa experiência. O bonito era conversar com eles e saber das conquistas e dificuldades. Foi um trabalho gratificante porque conseguíamos colher bons resultados.

CJ-CIAS - Hoje, estamos organizando, como província jesuíta do Brasil Meridional, alguns centros para construir cidadania, cada um com sua especificidade, uma rede entre eles. Esses centros vão tentar ser um espaço de oportunidades para as pessoas. Vamos oportunizar que os jovens aprendam uma profissão ou a tocar um instrumento. Outras atividades estão ligadas a área da saúde e a terceira idade.

O trabalho social que vamos desenvolver no Centro Jesuíta de Cidadania de Ação Social - CJ-CIAS envolve professores e alunos da universidade, além de outras pessoas da comunidade. Creio que esse será um trabalho social interessante para todos os envolvidos. A atividade da Companhia de Jesus no Sul do país é muito marcante nessa direção da ação social. Desde que os jesuítas chegaram no país, ajudaram as pessoas a se desenvolverem como comunidade, Igreja.

Atualmente temos o projeto ArteCriando, que está ligado à Associação Sociedade Antonio Vieira - ASAV, mas não está ligado a universidade.

Experiências - Digo que as experiências de Porto Velho e da Vila Duque foram as mais fortes na minha trajetória como pároco, por serem paróquias de periferia e, viverem ali, trabalhadores. A dimensão de poder viver junto com esse povo e observar a maneira deles viverem e expressarem a sua fé enriquece a nossa própria fé e fortalece a vocação e a disposição de trabalhar para que eles também tenham um futuro melhor.

Lazer - Gosto de futebol e

jogo, sempre que posso, toda sexta-feira, no Bairro da Kennedy. Aproveito as horas livre para ler e dedico um tempo para fazer palavras cruzadas. Na minha cabeça tem sempre um quebra-cabeças e, antes de dormir, sempre faço uma. Nos finais de semana saio, se recebo algum convite, mas também gosto de ficar em casa. Quando posso, visito alguns parentes que moram em Antonio Prado.

Em alguns domingos rezo missa crioula. Os integrantes dos CTGs me convidam e passo o dia com eles. Quando cheguei a São Leopoldo, José Ivo Follmann disse que o pessoal do CTG iria me convidar para celebrar uma missa crioula. Eu disse que não celebraria porque não sou gaúcho e não sabia como fazer essa celebração. O pessoal insistiu e aceitei. Eles me ensinaram e, desde 2003, celebro, pilchado, a missa com eles.

Leituras - Gosto de livros de história e de literatura brasileira. Não tenho preferência por um autor, mas leio Machado de Assis, José de Alencar, Guimarães Rosa.

O que me deixa apaixonado é estudar a Antiga Província Jesuítica do Paraguai. Minha dissertação de mestrado foi sobre uma atividade desenvolvida pelos jesuítas da antiga província do Paraguai. Não estudei as reduções porque já existem inúmeros trabalhos e pesquisadores sobre o tema. Com essa pesquisa, quis mostrar que os jesuítas da antiga província do Paraguai não desenvolveram só as reduções, mas também universidade, colégios, paróquias, missões populares.

Sonhos - Meu maior sonho é fazer com que o centro jesuíta de

São Leopoldo possa crescer mais, possibilitando que as pessoas façam parte dessa atividade social e desse mundo melhor que todos queremos. Desejo ver o centro ser um grande instrumento para que as pessoas possam estar incluídas na sociedade e possam desempenhar seus valores e aptidões, seja na música, na arte ou qualquer outra atividade que vamos desempenhar.

Unisinos - O papel da universidade é justamente ser esse espaço de transformação e de ajudar a pessoa a se desenvolver na sua integralidade, não só na dimensão intelectual, mas também na dimensão religiosa, política, social e humana. Se a universidade conseguir desenvolver isso, ela dará uma contribuição enorme para a sociedade.

IHU - Acompanho o IHU desde que o conheci. Leio as revistas que estão mais relacionadas ao meu trabalho. Lembro da edição sobre os Guarani e Jesus Histórico. Também acompanho, diariamente, o site, que publica notícias sobre os principais temas em discussão na atualidade. O Brasil reconhece o trabalho do IHU. Quando viajo e comento que trabalho na Unisinos, o pessoal menciona o IHU. Indico o site do IHU para conhecidos e aproveitava artigos para as aulas. Percebo que o Instituto tem uma linha editorial clara, e uma postura que deve ser defendida porque não está ajudando somente a universidade, mas a comunidade, que fica informada sobre os principais debates presentes no país. Vejo no IHU um canal fantástico de informação e de realidade.

WWW.IHU.UNISINOS.BR

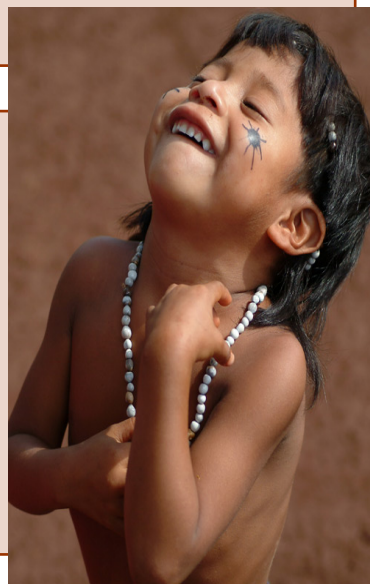
Destaques

Identidade e saúde mental na sociedade contemporânea

Inicia no próximo dia 17 de agosto o Ciclo de Filmes e Debates - Subjetividade e Normalização: Discutindo políticas de identidade e saúde mental na sociedade contemporânea. Trata-se de um pré-evento ao **XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana**, que acontece na Unisinos de 13 a 16 de setembro deste ano. O Ciclo de Filmes tem como objetivo discutir as estruturas de sentimento que emergem nas experiências dos atores sociais contemporâneos. No primeiro encontro será exibido e debatido o filme *Minha vida em cor de rosa*, de Alain Berliner (Bélgica). A debatedora será a Profa. MS Cláudia Weyne Cruz, da Escola de Saúde Pública de Porto Alegre. Mais informações podem ser obtidas em <http://migre.me/11048>

História e Histórias dos Guarani

De 12 de agosto a 14 de setembro o IHU promove o Seminário Jogue Roayvu: História e Histórias dos Guarani. Será um pré-evento do **XII Simpósio Internacional IHU: A Experiência Missioneira: território, cultura e identidade**, que acontece na Unisinos de 25 a 28-10-2010. O seminário busca apresentar uma síntese sobre a história dos Guarani no sul do Brasil, a partir de múltiplas abordagens, tais como a arqueologia, a etnohistória e a etnografia. Para saber mais acesse <http://migre.me/1107M>



Psicologia, saúde mental e povos indígenas

Também em preparação ao **XII Simpósio Internacional IHU: A Experiência Missioneira: território, cultura e identidade**, será realizada no próximo dia 12 de agosto a palestra Psicologia, Saúde Mental e Povos Indígenas: composição de possíveis, com Bianca Sordi Stock, da Fundação Nacional de Saúde - FUNASA. O evento acontece na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU, das 17h30min às 19h. Acesse <http://migre.me/110gx> e saiba mais.



Siga o IHU no



e agora também no

facebook

Apoio:



UNISINOS

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU Contracapa